This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

59,621

PROPERTY OF
The University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

PODRIDÕES MODERNAS

ROBERTO VALENÇA

PODRIDÕES MODERNAS

POEMA REALISTA

Com uma apreciação do Ex.mo Sr. Camillo Castello Branco

LISBOA
LIVRARIA ECONOMICA
DE DOMINGOS FERNANDES — EDITOR
9, Travessa de S. Domingos, 11
1880

867.5
V1

TYPOGRAPHIA DA LIVRARIA ECONOMICA
9, Travessa de S. Domingos, 11

- 395353.

A JOAQUIM GOMES FILIPPE

Tu que albergas no peito um mundo de consciencia,
E vendo o irmão chorar vaes enxugar-lhe os prantos,
Que exaltas o trabalho e esmagas a indolencia,
Acceita, n'um abraço, os meus singelos cantos.

D. M. F.

..... Snr.

Chegando hoje do Porto, encontrei a sua carta e o manuscripto dos seus versos.

Li a admiravel introducção, e já não poderei deixar de ler o poema. Eu não descrimino escholas. Todas me parecem boas, quando me convencem ou commovem, quando me alegram ou amarguram.

A nudeza do verso não me escandalisa, se é a verdade que se despe; mas, se ella está suja e tem tumores frios, antes a quero vestida.

O que li do seu poema é bom, d'uma justiça implacavelmente mordente, e todavia realista.

Prefigura-se-me que o seu livro tem futuro.

De V. etc.

Seide 18 de Fevereiro de 1880.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Da *Introducção* em diante não cessou a minha curiosidade, mas com intermittencias de desgosto.

Estes cantos não são mais nus e escandalosos que o Tacito o o Juvenal e o Marcial quando historiam ou satyrisam.

Tem V. em abono d'elles este argumento; mas, nas suas aggressões aos reis e aos padres, tem de encostar-se a auctoridades peores. Não duvido que o seu poema seja bem acolhido; porem, volvidos dez annos, o seu espirito mais sasonado pela licção, e o seu intimo senso — a rasão — mais experiente das coisas e das pes-

soas, bem póde ser que conspirem a por-lhe na consciencia a mágoa de o ter divulgado *inutilmente*.

Não é por meio de versos assim descaroados e pessimistas que os homens hão de reconquistar as virtudes das velhas republicas.

O republicano de hoje não póde ser o selvagem duro do cyclo de Catão e dos Gracchos. Carece de uma educação muito séria em que a Moral o levante no pedestal de Raspail, de Proudhon e dos muitos d'essa marca que passaram no mundo com o labeo de doudos sublimes, de phalansterianos, e tiveram a morte desastrada e, até certo ponto heroica, de Delescluze.

Porque fulmina o poeta com tanto azedume reis e padres?

Os reis constitucionaes, são uns méros e pacatos administradores d'um morgadio arruinado; e os padres, em geral, são uns officiaes de canto-chão, operarios de missas e responsorios, que sacham as suas côves, engordam a egua e o bezerro, e apagam as calmas da carne sobre os peitos frescos das moças espadaudas, com grande inveja dos atheus e dos socialistas.

O nosso clero não vale nada como reacção para que o attaquem com a Idéa que é uma arma que elle não joga: e os nossos reis são uns empregados publicos que não pódem construir nem destruir nada, excepto o Shakespeare.

Em fim, eu admiro os seus versos, espanto-me da sua opulencia de côres; mas não os absolvo da injustiça: e, quando mesmo fossem justiceiros, em vez de se avisinharem da Utopia de Campanella em cata de ideal de perfectibilidade, pela vereda das podridões, são mais depressa um estimulo a odios e a repressões violentas.

Já vê que eu tenho em grande conta o seu poema, imaginando-o capaz de fazer mal.

Acho-o sério e penetrante. Mas lembro-se que sou velho, e não faça caso d'esta carta do

19—2.º—80.

Seu admirador

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

INTRODUCÇÃO

.....tudo n'este mundo vae por ditos,
Tudo se diz porque outros o disseram.

(GARRETT.)

I

Ahi vae mais um poeta,—um cavador da Idéia!
E um drama horripilante em fórma de Epopeia.

Tudo o que ora vaes ler n'este insondado abysmo,
Nasceu, meu bom leitor, d'uns góles de *realismo*
Que bebi casualmente, em mundos que não cito!

Porem tudo isto é nada!
Descreve o eterno grito
Das victimas da fome, e o varejar dos frios.

Outr'ora, decantei o serpentear dos rios,
Os salgueiraes em flor, e a multidão profusa
De abelhas e colmeaes: mas de repente, a musa,
A grande inspiradora, a deusa da harmonia,
Bradou-me:
«Trovador, porque ergues a poesia,
N'esse estafado assumpto?—a *prosa vil das cousas!*»

Eu sonhava n'essa hora, e via um mar de lousas
Abertas, a tragar a escóla que expirava.

Cantei-lhe a nénia extrema; e a lyra suspirava,
Em face da hecatombe, uns canticos plangentes,
Dizendo: «Olha poeta, as vascas inclementes
Da escóla sem pudor que namorava a lua!

A Ideia ama o futuro; avança, não recua!
Segue constantemente a rotação dos mundos!

Vamos então agora aos báratlıros profundos,
Aos dédalos do horror, ás furnas da matéria,
E cantêmos o pranto e as ancias da miseria.

Acolheu-se o lyrismo á derradeira cóva!
Succeda á escóla antiga, a forte escóla nova!...

Acabam de morrer os menestreis eroticos,
Os idyllios de amor e os madrigaes cahoticos.

II

É preciso cantar as coisas detestaveis,
As miserias da vida e os grandes miseraveis;
A luz da intelligencia, as trevas da ignorancia;
As rugas da velhice e a nitidez da infancia.
As almas dos heróes votadas aos martyrios;
As bellezas do sól e as pétalas dos lyrios;
Os mundos do ideal, as fézes dos esgotos;
A pujança do rico e a timidez dos rotos;

Os brinquedos pueris dos louros pequeninos;
O olhar cobarde e máo dos fulos assassinos;
O riso virginal das candidas mulheres;
A velha flor do alcouce,—a escória dos prazeres
Que exhala a podridão dos sensuaes infernos...
. . . . . .

E dos homens de bem, os ósculos fraternos!

Vamos, empunha a lyra! A senda é grande e vasta!
Accende a luz do amor no cráneo que se arrasta—
Entre os seixos da estrada e as nuvens de poeira!...

Se o não ergues do chão, breve será cáveira!...

III

Tu começas agora; és ainda uma creança,
Que vê tremelusir a seductora esperança,
E adeja loucamente em mundos ignorados.

Canta! na primavera é que nos verdes prados
Desabroxa a florinha e thuribúla aromas,
E as aves vão trinando entre as frondentes cômas,
Um canto festival que a terra e os céus namora.

Canta! a voz do poeta é meiga como a aurora,
E como o desferir das harpas do universo!

Evangelisa o Bem.
Derrama em cada verso
Um poema de amor; um mundo de fragrancia
Em cada pensamento; um beijo em cada estancia,
E uns idyllios de paz. Que nunca mais a guerra
Se rasgue peito a peito! Espalha pela terra
O exemplo que edifica. Anda, ergue a voz, poeta,
Que a estrada é longa ainda. E' muito longe a meta
Do grande paiz *ideal*.
Ha centos de mysterios,
Horrentes e glaciaes, como nos cemiterios,
Quando o mocho gargalha uns risos agourantes!

Canta poeta, canta! E' justo que levantes
O calix doce e bom d'essas florinhas pállidas,

Que o mundo prostituiu; d'essas gentis chrysalidas,
Geradas pelo amor ou pelo deus materia.

IV

É preciso romper a caudalosa arteria,
Do corpo social, a golpes de escalpello!

Ha quem julgue este mundo encantador e bello,
Sem ver n'elle uma chaga onde se espelha o tédio.

Syphilisado o torpe, em vão pede um remedio
P'rá gangrena fatal que se repasta n'elle!

Sente a ulcera atroz que lhe recriva a pelle,
E não busca saber d'onde a molestia veio!

Fervilha em podridões!! Um purpurino seio
Tem os vermes do Mal occultos na medúla

E n'alma a hydrophóbia:—o *vicio!* Quando ulúla
Este leão gafento, e erriça a juba informe,
Arqueando brutalmente os nós da espinha enorme,
Aquelle, ouve rugir o famulento enxame
Das larvas do prazer bestial, corrupto, infame,
E abre-se ao caprichar do abutre sedentario!...

.....
.....

Canta poeta, canta! accinge o teu fadario!...
O homem deve morrer, morrer, mas batalhando!...
E' triste o recuar!... Chenier morreu cantando.

Fugir é cobardia! Ah! segue o novo trilho!...
Se não és bom poeta, ao menos sê bom filho
De quem te verteu n'alma a inspiração!... Caminha
P'ra collina do Bem, que aos astros se avisinha,
Que é divisa do forte; e o forte, ama o progresso,
E espanca o despotismo, e esmaga o retrocesso!

Não torças o meu rumo! O servilismo, ás féras!...
Ergue a voz na amplidão, que as lúcidas espheras
Hão-de ajunctar seu canto ás tuas harmonias.

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Depois, desce a espiral das gehenas mais sombrias,
E abre a urna fatal das PODRIDÕES sociaes.»

* * *

Achei rasão á musa; e em vez dos madrigaes
Que haviam dado fim no catre dos hospicios,
Comecei a cantar a grande mó de vicios
Em que vasqueja o mundo, e fui tangeado a lyra
No encalço da nascente!...

A isso o livro aspira.

CANTO PRIMEIRO

MIASMAS E FLORES

MIASMAS E FLORES

I

Elle não conhecia o grande deus, —Trabalho!
Vivia ao *Deus dará* sem pão nem agasalho,
Em lucta co'a miseria, em lucta co'a desgraça;
Libando a dôr amarga em negregada taça.

Tinha vinte annos já. Gastara a mocidade
No cahos da perdição, onde ésta sociedade
Se estorce doidamente em largo mar de vicio.
Cançado de soffrer, lembrou-se que um officio
Poderia arrancal-o á fome descaroavel.
Encontrou por acaso um velho respeitavel,

Que lhe disse ao fictar sua fronte larga e altiva:
—« Tu queres trabalhar? Da inercia é que deriva
O crime! — o cancro vil que nos corróe a vida.
Tua alma juvenil ainda não está perdida;
Apenas a materia é que já sente, em parte,
A lepra infame e roaz que teima anniquilar-te;
O virus da miseria em que este mundo nada...

Vae hoje para ti raiar outra alvorada,
Entregando ao trabalho os indolentes braços.

E o faminto rapaz que estremecia a espaços,
Dizia dentro em si, na voz da consciencia:
—« Pois sim, trabalharei! Oh! pallida indigencia,
Maldicta sejas tu, que me golpeias a alma!
Vou-te deixar emfim: vou conquistar a palma
Dos castos e dos bons. Adeus, canalha infrene!
Um dia inda virá que a sorte vos condemne,
Á braga das galés e ás negras enxovias.

Eu era um desgraçado inda ha bem poucos dias,
Mas vou deixar de o ser. Se o corpo é quasi gasto,
A consciencia recorda o ensanguentado rasto,

Dos que viu mergulhar no sorvedouro fundo
Dos charcos miasmaes, onde chafurda o mundo!
Sou homem finalmente; a etherea luz divina
Irradiou meu ser. As forjas da officina,
Hão-de me alumiar com seu clarão formoso,
E dar-me o pão tambem...
Meu braço vigoroso
Jámais ha-de estender-se á caridade humana.
Ganharei o meu pão n'uma batalha insana;
Deixarei de carpir; serei independente,
Longe do baço olhar da empedernida gente,
Que me negou a esmola, e me chamou vadio;
Desdem tão vexador, tão barbaro e sombrio,
Que rasga como a lança as limpidas consciencias,
E nos sorve d'um trago as curtas existencias. »

E olhando em torno a si d'um golpe repentino,
Viu aquelle ancião, pharol do seu destino,
Em soluçar desfeito. Olhou-o então mais perto,
E viu-lhe no semblante um grande sulco aberto,
Por onde escorregava um pranto amargurado.

Chorava de prazer, vendo regenerado
Aquelle homem cançado em torpes lupanares?...

Ou teria na mente os gasalhosos lares,
Que engeitara tambem, na flor da juventude,
Para esbanjar sem dor, a herança e a saude
Co'a miseria que habita os sórdidos prostibulos;
Fugindo sem cessar do cepo dos patibulos;
Vivendo como um cão batido e miserando;
E resolvêra alfim regenerar-se, quando
Viu o mundo accusal-o inexoravelmente?

. . . . . .

Queres que t'o diga já, leitor condescendente?
Talvêz; e esse *talvêz* incerto e vacilante,
Deu animo ao rapaz; e logo, n'esse instante,
Beijou soffregamente as mãos do afflicto velho.
— « Pois bem, vamos partir; abraço o bom conselho;
Meu corpo entregarei a uma constante lida!

Só quem trabalha e lucta é que tem jus á vida. »

E hombro com hombro, os dois, calados e serenos
Partiram para casa. O meu bom Claudio, ao menos,
Levava dentro d'alma a ideia de ser moço,
Que o acariciava, assim como o molosso
Ao amo, a quem não viu durante muitos dias.

II

Vinha descendo a noite. As brumas eram frias,
E havia o tiritar das noites de Janeiro.
Já era acceso o gaz; e o magro jornaleiro,
O *escravo* de *cruzado*, e uns velhos proletarios,
Vinham da lide infrene, e por atalhos varios,
Demandavam o albergue onde pousar a fronte
Na enxerga sem lençóes, p'ra quando a aurora aponte
No dia immediato, alem, na serranía,
Irem ganhar em pranto, o pão de cada dia.

Via-se perpassar nas tumultuosas praças
Um sequito sem fim, de lividas desgraças.

Era d'um lado a fome, a soffredora occulta;
E do outro a burguezia endinheirada e inculta,
Encarando a sorrir, os vultos mais distinctos,
E cuspindo desdens na classe dos famintos!
Implorava uns dez réis juncto aos portaes escuros,
A pallida miseria; e aquelles peitos duros,

De frack e luva branca, e de galões dourados,
Repelliam sem dó mil braços descarnados,
Que a fome resequira...
Alem pelas viellas,
Andavam aos montões as racionaes cadellas,
Offerecendo a carne enxovalhada è pallida,
Á infima relé sórdidamente esqualida.

Os *D. Juans* da noite e os velhos sensualistas
Começavam de andar no encalço das modistas,
Que vinham descançar n'um espacioso largo,
Da lide que lhes dava o pão escasso e amargo;
Essa classe infeliz, anemica e doentia,
Que se vae acolher á valla humida e fria,
No despontar da vida, em quanto que os devassos,
Com risos voluptuaes iam cortar-lhe' os passos.

Que tu não cáias nunca, ó gente que me escutas,
Por tua vez tambem n'aquellas garras brutas!
Que a sorte poupe, emfim, teus innocentes filhos,
De epithetos assim:
Vadios!! maltrapilhos!!
Se o destino os levar ás ruas da cidade,
Onde já não passeia a deusa — Caridade...

E a par d'esta miseria, a par d'esta indecencia,
Eloquente signal da nossa decadencia,
Ouviam-se eccoar, nos beccos dos esgotos,
Cantigas immoraes dos sórdidos garotos.

Claudio esfolhara ali a flor da mocidade
Por entre a podridão, batendo as meretrizes;
Mas quando recordava a triste realidade,
Ouvindo-as gargalhar, taxava-as de infelizes.

Prolongaram-se ainda as fundas algazarras:
Os cantos immoraes e os toques de guitarras;
Mas Claudio desertara e não volvêra mais.
Porfim já não lembrava aos párias seus eguaes.

Elle havia trocado o viver torpe, escuro,
Pelo argentino som do templo do futuro,
Onde aquelle ancião o introduzira ha pouco.

De logo se abraçou com o phrenesi mais louco,
Áquella sancta causa em que topara abrigo;
E o velho, dia a dia, o seu melhor amigo.

III

Correra longo tempo.
O serralheiro, um dia,
Avisinhou-se d'elle arfando de alegria,
E perguntou com voz suave e diamantina:
— « Quantos homens ha 'hi lidando na officina? »
Claudio já era então de tudo o encarregado;
Ficou a olhar p'ra o velho assim como enfiado.
Emmudece, descora, e pensa e considera...
Depois... alevantando aquella fronte austera,
Disse machinalmente:
—« Existem vinte e dois!
Bons chefes de familia, athleticos heróes,
Cheios de pundonor e amigos do trabalho,
Que sabem manejar ponteiro, escopro e malho,
E dignos um por um, de protecção infinda! »

SERRALHEIRO

A semana que vem, conserva-os pois ainda;
Mas eu quero acabar este lidar insano,
Que me sinto vergar ao peso sobre-humano

Da atroz decrepidez!... Assaltou-me hoje, a ideia
De comprar um casébre em remançosa aldeia,
Onde fruisse em paz os meus extrêmos dias,
Repartindo comtigo as ultimas fatias,
Do pão que resta ainda ao velho proletario.

CLAUDIO

Pois bem! seguir-vos-hei a um ermo solitario!
Mas... ésta pobre gente exhausta de dinheiro,
Quanto não vae soffrer vendo no serralheiro,
Sumir-se para sempre o derradeiro amigo!!
Façamos por ser bons; deixemos-lhe este abrigo,
Onde ganham o pão dos adorados filhos.

SERRALHEIRO

Que sancta abnegação! Por entre os maltrapilhos
Quantas almas não ha como esta que eu achei?...
(Disse elle dentro em si....)
Pois sim; conservarei
Esse grande arsenal onde vivi trint' annos,
E onde me libertei d'uns rispidos tyrannos;
A *fome* e a vil *nudêz* que me legara o mundo...

. . . . . .
. . . . . .

O velho silenciara em cogitar profundo,
Talvez louvando ao moço os sentimentos bellos.

Pela officina alem soavam os martellos,
N'um retinir febril, n'uma toada estranha:
E pela vasta rua a turba era tamanha,
Que fazia lembrar as grandes multidões,
Adunadas em roda aos magros histriões.

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Era um pobre faminto; um triste desgraçado
A tiritar com frio,
Que fôra escarnecido, e ao cabo apedrejado,
P'lo doido rapazio.

Deixae-o pois marchar, que a musa nunca dorme,
E jura ser fiel!
O panno vae subir; e n'este drama enorme,
Pertence-lhe um papel.

IV

Rompera o dia ha pouco,
E Claudio abria a porta
Da casa do trabalho:
E logo de poz elle entrava na officina
Um grande coração, o mestre,
Que era um louco
Pelos filhos que tinha; e foi pegar no malho;
Pois nada mais lh'importa
Do que o lar onde folga a sancta paz divina.

Fez agitar a campa;
E emquanto que preside
Ao diurno chamamento,
No rosto se lhe estampa
Grande contentamento,
Vendo entrar na officina os seus irmãos na lide.

Claudio foi-os saudar,
Bem como a um aprendiz de largas esperanças;

E vindo continuar
Tarefas começadas,
Viu assomar á porta um rancho de creanças,
Contentes e asseiadas.

Correram para o mestre e, como os pintainhos
Se acolhem sob a mãe,
Pozeram-se-lhe entorno os seis innocentinhos,
As meigas flores do bem.

— « Ah! Deus vos abençôe risos da Providencia...
Frederico, Emma, Tristão, Beatriz, Leonor, Silvestre! »
E aos irmãos do trabalho: « Em nome da consciencia,
Venham seguir o exemplo que vae dar o mestre! »

E aquella massa enorme de operarios,
Encara-o mudamente:
E Claudio via entanto os gestos varios,
Que o choque produziu
Em toda aquella gente!
. . . . . .
. . . . . .
Pouco depois, o mestre proseguiu:

migos, attenção: Se ao grande movimento,
desse hoje... agora, a eterna quietação;
eria de nós provando esse tormento?...»
rupo respondeu: —*Ficávamos sem pão!!*

itae; o industrial que nos tirou do nada,
osar descançado o seu viver incerto!
u-nos da miseria esta alma bem formada!»
ntou Claudio Vaz, que estava boqui-aberto.

ı, mas que importa? a gratidão o obriga!
ando-lhe a mão beijou-lh'a com ardor!
s, fôram dobrar-se ante essa mão amiga,
) mancebo estendêra ao bom trabalhador.

va o serralheiro; e Claudio, commovido
ledicação dos seus subordinados,
u-lhe ainda a chorar o caso succedido,
-lhe claramente os olhos marejados
pranto que faz bem, por que rebenta d'alma,
rigera a dor, que nada mais acalma.
ço disse então: «Eu era um desgraçado,
do vós como um pae me appareceste' ao lado;

E lendo-me no rosto as pégadas da fome,
Sem quererdes saber o meu obscuro nome,
Dissestes: *Vem d'ahi moço infeliz e pobre,*
Tu queres trabalhar?. . . Acção tão grande e nobre,
Hei-de guardal-a bem 'té dar o arranco extremo.

. . . . . .

Se a fortuna inconstante e caprichosa e varia,
Fizer ainda de vós um desgraçado, um pária,
A guerra travarei co'as dolorosas magoas;
Junctarei meu soluço ao marulhar das aguas;
Irei longe da patria a inhospitas paragens;
Entrarei nos covis dos animaes selvagens;
Dormirei no capim dos bosques mais sombrios
Tendo por tecto os céus; irei beber aos rios,
Para suavisar tamanha desventura.»

SERRALHEIRO

Mas quem sabe se então serei na sepultura,
Perdendo com a morte a ultima victoria,
D'esta vida, cançada em lucta quasi ingloria?

CLAUDIO

E quem póde affirmar que a morte se approxima,
Se o ânimo fallece?

Não chega onde quer ir quem tréme e desanima,
Por muito que se apprésse!

Nós errâmos tambem sem bussola e sem rumo
Na dévia estrada má;
E se virmos que alguem sóbe um rochêdo a prumo,
Acaso, irêmos lá?...

Só morre quem Deus quer. São varios os destinos;
Porem, sempre fataes.
Não vôam ao nascer os louros pequeninos
Dos cóllos maternaes?!

Não os vêdes medrar entre gazis folganças,
N'um doido turbilhão?
E no dia seguinte, as limpidas creanças
Sumirem-se no chão?

Não sabeis que o porvir é rocha impenetravel
Onde assobia o vento?
E quem busca findar a vida miseravel,
Prolonga o soffrimento?

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

E os velhos, a gemêr ás vêzes sobre um leito,
Têm longa vida em si!
Se a morte é caprichosa, então a esse respeito,
Façâmos poncto aqui.»

V

Passara mais um anno; e Claudio no seu cargo,
Sorria de contente ao practicar o bem;
Mas quando estava a sós dizia em tom amargo:
Que martyrio meu Deus, não ter nem pae nem mãe!...

E nos olhos do moço o pranto rorejava,
Humectando-lhe a *blouse,* o emblêma do operario;
E quanto mais erguia a queixa que o ralava,
Mais lhe fugia á vista o maternal sacrario.

Como tivéra sempre a vida tumultuosa,
Apenas lhe restava a idéia quasi morta,
De ter sido encontrado em noite silenciosa,
N'um chiqueiro miasmal, sobre um degráu de porta.

Tinham passado ali as desordeiras bulhas,
Os ebrios, os ladrões, as rondas e as patrulhas,
Os grandes corações e as almas mais abjectas,
De volta dos cafés, dos theatros, das *roletas*,
E ninguem reparou no lyrio abandonado.

Um trapeiro, afinal, já velho e quebrantado,
Que brandia na treva o gancho perfurante,
Viu alvejar ao longe o embrulho extravagante,
E correu appressado á porta do tugurio,
Temendo algum *collega!*
Um rapido murmurio
Suspendeu-lhe no ar o braço alevantado
Co' o harpão arrastador... Ficou petrificado,
Quando se lhe abeirou. Chegou-se mais ao perto
Para certificar-se.
O bairro era deserto,
A lua não brilhava, e o ar estava calmo,
Interrogou, tremendo, os beccos, palmo a palmo,

Ergueu o olhar cançado ao grande espaço ethereo...
Porem na terra e céus, mudêz de cemiterio.

Apossara-se d'elle um susto enorme,—o Assombro!
Olhou de novo o céu, levou a alcofa ao hombro,
Cingiu a creancinha ao peito esphacelado,
E internou-se a fugir no labyrintho annoso.
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

O bairro descançava em placido repouso,
E a policia dormia o somno da *innocencia*...

Sentia-se no espaço a frigida influencia
D'um ar que enregelava o âmago dos ossos.

E o trapeiro infeliz, galgando enormes fossos,
Sentindo-se embater co' a morte a cada passo,
Pousava na creança o olhar cançado e baço,
E dizia entre-si beijando-a loucamente:
—«Talvêz que o pae não seja um mizero indigente;

E a mandasse atirar ao ventre mao do entulho,
P'ra conservar illéso o seu remoto orgulho,
Occultando da amante a *honra enxovalhada*. . . »

Soavam n'uma torre as tres da madrugada,
Quando o velho encontrou a casa appetecida.
. . . . . .
Entremos, pois, tambem no mausoléo da vida.

VI

Era um pateo quadrado e taciturno e frio,
Onde se ia acoutar o magro cão vadio
Nas noites invernaes, fugindo á rede infame!

Fervilhava na treva um copioso enxame
De gatos do monturo,—os reprobos sem dono!
Jazia tudo mais entre os coxins do somno.
O albergue do ancião era no extremo fundo
D'aquelle esgoto enorme, enlodaçado, immundo.
Havia um catre vil na sórdida espelunca,

Onde um pobre lençol não se estendera nunca,
Para lhe resguardar a pelle encarquilhada.

Divisava-se a um canto a immensa papellada,
Que á noite arrebanhava em lobregas viellas:
Das paredes da casa, immundas e amarellas,
Via-se escorregar pestilencial materia...

. . . . . .

E o grande coração folgava em tal miseria,
Contemplando, a sorrir, o tenro pequenino.

VII

A aurora despargia o seu clarão divino
Por terras e por céus, por toda a immensidade!
E o velho esfarrapado, o arrimo da orphandade,
Despertando ao vagir da livida creança,
Disse cheio de dor:
—«Por toda a visinhança
Alguem se condoerá da minha situação!

Eu não tenho sequer dinheiro para um pão,
Mas hei-de-o mourejar! Vou logo apresentar-me
Ao nosso Provedor! De certo ha-de acatar-me
Co' a lhaneza devida aos militares antigos,
Que enfeixaram p'lo rei paveias de inimigos
Entre as imprecações e o fumo das batalhas;
Emquanto que os *mandões* traiçoeiros e canalhas,
Bebiam, nos festins, o sangue ao povo-rei!!

Mas este innocentinho... onde é que encontrarei
Um peito de mulher, de mãe compadecida,
Onde elle possa haurir o balsamo da vida?...
Quem sabe se essas mães, as doidas *mães* da moda,
Dirão n'um rir atroz: *Leva essa peste á róda!*
Não venhas torturar a pobre humanidade
Co' um filho da... mulher que esconde á sociedade
Um erro tão vulgar; e atira o fructo sancto
D'um prazer que extasia, ahi a qualquer canto,
Sem um gemido só que lhe rasgasse o peito!!!»

Oh coração humano a quanto és tu sujeito!!
Que de escarneos bruates te soam pela fronte!
E a quantos charlatães vaes tu servir de ponte,
Moderno Prometheu;— illota despresado!

Ninguem alenta a vida ao pobre do engeitado,
Que geme e que estrebuxa em rôxas agonias,
Vendo logo ao nascer as torpes ironias
D'este mundo canalha, inconsciente e infame!

Emquanto que o bom velho encolerado brame,
E solta maldicções, rangendo os poucos dentes;
Entrou-lhe pelo albergue
O deus dos innocentes,
Como essa luz radiosa
Que nado o dia, se ergue
Das bandas do nascente;
E ao diffundir na terra
Scintillações suaves,
Gorgeiam milhões d'aves
Nos prados e na serra.

No rosto do trapeiro
Rugoso e acabrunhado,
Projectou-se o clarão d'uma alegria enorme.
E emquanto que o engeitado
Sobre a tosca rabeca arfantemente dorme,
Essa visão real, cheia de amor sagrado,
Tomou-o no regaço;

soltou do ímo seio hallucinado e afflicto,
Depois de curto espaço,
Um doloroso grito.

ra tão bom fictal-a assim chorosa e grave. ...
lla era tão gentil tão meiga e tão suave...
as lagrimas então!... que doce encanto n'ellas!
uas vestes juvenis, castissimas, singellas,
lais faziam realçar o lindo corpo airoso.

lo rosto avelludado e limpido e formoso,
Brilhava um *não sei quê* tão attrahente e dôce,
Um ar tão virginal, um certo *quer que fosse,*
Que despertava em nós a candida vontade
De amal-a como irmã por toda a eternidade.

Tinha quinze annos só; e o travo da amargura
Roía febrilmente a meiga creatura.

Por que soffria assim, tão joven, tão creança?
Veria fenecer a lisongeira esperança,
Que lhe affagava ha muito o seio constrangido,

D'ir pudibunda e casta aos braços d'um marido,
E dar-lhe n'um filhinho o seu fiel retrato?
Quem sabe?...
Ella entregou com virginal recato
O seio alabastrino, aos labios do engeitado.
E o trapeiro infeliz, na enxerga recostado,
Espraiava um olhar sobre esse amor tão sancto,
Por entre um deslisar suavissimo de pranto,
Dizendo: «Oh natureza, oh Deus sublime e casto
Sem coleras febris! andas seguindo o rasto
Dos que procuram ver a tua fronte austera!...
A mãe d'este innocente era uma enorme fera
Peior do que o jaguar! Curvou-a o deus *Desejo;*
E a torpe barregan, sem dó, nem dor, nem pejo,
Para fugir, do mundo á indignação ferina,
Em vez de lhe oscular a face pequenina,
Mandou-o arremessar ás podridões modernas,
Da classe derradeira:—a escoria das tabernas;
Para logo em seguida essa mulher impura,
Ir vender-se a retalho em mangalaça escura
Ao ouro do ricasso e á *banza* do bragante!»

Ella soltou do peito um choro agonizante;
E desfechou no velho um fulminante olhar,
Onde havia de certo a ideia de o pisar,

ıo se faz a um sapo, á franja do caminho.
ou ávidamente o meigo innocentinho,
ndo: «Es tão cruel com a mulher perdida!
lla te ouvisse agora amaldiçoára a vida.

que féres assim a mãe d'este innocente?
m sabe se andará buscando loucamente
Por esse mundo fóra,
ucto d'um amor sincero e desgraçado,
Assim como eu, agora?!

m sabe se um canalha, um monstro, um scelerado,
oi aboccanhar a casa de seus paes,
ıo fim de saciar as vis paixões brutaes,
cuspiu sobre a face uma palavra impura,
ıe arrancou do seio a tenra creatura,
ella mandara á luz entre afflictivas dores.»

TRAPEIRO

ondo-a em noite escura aos frios cortadores,
m bairro onde vegeta a lubrica desgraça
esgareia, e provoca a multidão que passa,
bandona, a uns tostões, o corpo magro e sujo,
leproso, ao soldado, ao bebado e ao marujo.

Essa gente sem nome, ou *cousa*, que trasborda
Do ventre social!
Essa massa de lodo, onde enraíza e engorda
A eterna flor do Mal!!»

VIII

No entanto a creancinha adormecera
Nos braços do anjo bom:
E o velho, a quem tal scena commovêra,
Murmura em rouco som:

«Vou decididamente
Mostrar este infeliz ao chefe da policia;
Por que a mais séria gente
Me dá larga noticia,
Que elle jamais negou soccorro, aos desgraçados.
Muito embora lhe péze, elle ha-de auxiliar-me...
Mas se me repellir?
Qu'importa? irei queixar-me
Ao grande titular que ampara os engeitados.»

E o velho encanecido,
ando a esperança dentro d'alma,
Sahiu a lentos passos,
aixo, hesitante, esmorecido,
o adormecida sobre os braços
nartyrio futuro a tenra palma.

a o dia lindo. A gran-cidade,
terias, sentia a f licidade
Ridente e jovial!
mbia da fome o duro açoite;
Que a fome sáe de noite
bir pela sombra o grande mal.

penas doura essa miseria falsa,
endiga na rua em nome da verdade;
sta em aguardente,—a livida descalça!—
ola que extorquiu da mão da caridade...

do meio dia, entrou na *casa Sancta,*
alido ancião ralado de cançasso;
hor Provedor, que a minha lyra canta,
o, silencioso, um prolongado espaço.

Acabada que foi a larga confidencia,
Voltou o pobre velho as costas ao *mandão;*
E o pranto escaldador dos filhos da indigencia
Desceu-lhe pelo rosto em grande turbilhão.

Por que soltava agora uns prantos tão magoados?
Quem lhe verteu no seio aquella dor tão crua?!
É por que lhe dissera o *pae* dos engeitados:
— *Vens-me roubar, ladrão?! põe-te no andar da rua!!*

Quanto vinhas ganhar da infame prostituta,
Que não sente valor para crear um filho?!
Querias-me enganar, velha raposa astuta,
Occultando quem és, fingindo um maltrapilho!!—

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

E n'essa mesma tarde haviam dado entrada
Dez creancinhas já; se foram mais, não sei;

s d'outros *mandões;* da raça depravada,
vae jantar ao Paço e beija as mãos ao rei!

* * *

ıdo o velho desceu a enorme escadaria,
ıo chão por acaso um rollo de papel.
ɔra n'essa tarde a velha loteria,
povo cá por fóra andava de tropel.

u em derredor; curvou-se triste e mudo;
ıhando o papel que estava sobre a lagem,
sse: «Deus é pae; já não se perde tudo...
láio esta *fazenda,* é mais uma *viagem.*»

stendendo ao largo a vista frouxa e baça,
peu, a cambalear, a densa populaça,
se agrupava ali...
Depois, veio-lhe á mente
cia de largar o misero innocente
:anto d'uma porta, ou n'um degrau de escada,
fastar-se a correr, como o ladrão de estrada,
ıem subito lembra a enxerga da cadeia!
se até lhe faltava onde ir buscar a ceia,
io comera ainda; alem da atroz desdita,

De ter o fructo, ali, d'uma mulher maldicta,
A quem a boa-fé curvasse a fronte egregia!

Lembrou-lhe por acaso a portaria regia,
Que manda alimentar os orphãos soffredores,
E pallido, a tremer, curtindo acerbas dores,
Entrou no camarim do chefe-commissario.

. . . . . .

Emquanto que elle expõe áquelle funccionario,
A dura situação em que su'alma existe,
Que a tanto a fome obriga;
Penetremos de novo em sua casa triste,
Onde ficou chorando a estranha rapariga.

«Sem filho! meu Deus, que sorte!
E elle o innocente sem mãe!
Isto é mais duro que a morte...
Se ella viesse tambem...

Vou amammentar o estranho,
E o meu quem o ha-de affagar?

N'um desterro assim tamanho,
Que farei?... Vou mendigar!

Mendigar!... triste palavra,
Espinho que vara o seio...
Mas quando a fome em nós lavra,
Não ha de vida outro meio.

Só no mundo e sem abrigo...
E o subsidio virá?...
E o pobre velho, o mendigo...
Se elle á dor succumbirá?...

A fome... a morte, qu'importa,
Se vou deixar de carpir?...»
E n'isto, cruzava a porta
O velho, alegre, a sorrir.

«Tu choras doida creança?...
Porque pranteias assim?
Vi quasi perdida a esperança,
Mas luctei, venci por fim.

Bati á porta á opulencia
E ninguem me quiz valer;
Porem, o deus da indigencia
Quiz terminar meu soffrer:

Descendo p'ra o vasto largo,
Cheio de interna afflicção,
Atravéz do pranto amargo,
Vi uns papeis sobre o chão.

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Dentro d'elles se occultára
O futuro do engeitado!
Duas mil notas! Repara!!
D'um Banco bem reputado.

Quarenta contos ao certo,
A pagar em prata e ouro!
Anda a ventura por perto!»

ELLA

Eu tinha melhor thesouro.

TRAPEIRO

Melhor thesouro, louquinha?...

ELLA

Melhor! metal de mais brilho!
Perdendo a honra inda tinha...
O fructo do amor!... meu filho;
E arrancaram-m'o dos braços,
Talvêz para dar-lhe... a morte.

TRAPEIRO

Homens tão máos e devassos,
Jamais os bafeja...

ELLA

A sorte...

TRAPEIRO

E rico e feliz?... Deixal-o;
Faltou-lhe de Deus o abrigo!...
E melhor póde assalteal-o
A fome! —o justo castigo.

ELLA

Perdeu-me com juramentos
De felicidades e amor;
E abandonou-me em tormentos,
No leito acerbo da dor.

«Ficas mais livre sem filho!»
Disse elle n'um rir atroz;
Dos olhos faiscando o brilho
Mais gelador e feroz!

«Ter filhos!... antes ter fome!...
De que te serve ser mãe?!
E occulta sempre o meu nome,
Senão, morrerás tambem.»

(Pegando na creança)

Darei a esta verde palma
Meu leite gerado em pranto:
Talvêz que á flor de minh'alma,
Outra mãe faça outro tanto...

CANTO SEGUNDO

QUADROS NÚS

QUADROS NÚS

I

Ás vezes sinto em mim desejos invenciveis
De atirar-me de golpe ás tétricas soïdões,
Para assistir de perto ás convulsões horriveis,
De tigres e chacaes arcando com leões.

Deve ser attrahente! Ha-de ser bom devéras
Para os que ouvem fallar nos circos dos romanos,
Onde o homem se expunha ás garras das pantheras,
Por ordem d'uns edis, e uns lobos-pretorianos.

Um dia emmaranhei-me em selva merencorea,
Onde vaguecei, sosinho, um simples quarto d'hora:
Lancei meu triste olhar ás paginas da historia,
E as podridões que vi, descubro-as hoje... agora.

Os reis do mundo antigo em luctas carniceiras,
Co' as grandes multidões pacificas e calmas;
E os histriões da egreja,—as lividas toupeiras,
Na alfandega Papal, a re-exportar as almas.

Agis, na velha Grecia a distribuir algemas,
E outros de egual jaez forjando gargalheiras;
E o desgraçado illota, em convulsões extremas,
Soltando da garganta as queixas derradeiras.

Nero, o cruel devasso, o despota sedento,
De torre secular a uma janella assoma;
E de lyra na mão, canta o esboronamento
Da cortezan do mundo... a dissoluta Roma.

Vi passar Messalina, a torpe debochada,
Na grande Babylonia, ao fundo dos bordeis!
Busquei-lhe a biographia: ella era enxovalhada...
Que immensa podridão coberta de ouropeis!!

tisfazer os vicios mais ignavos
grupo de ladrões, e uns fulos canibaes!
nto que na rua andavam seus escravos,
ido as canções mais soltas e infernaes.

stender a mão, finda a luxuria brava,
o a paga vil a um bebado, a um farcista!
uando a manhã no oriente repontava,
mais.... e mais, a louca sensualista.

guer-se do leito, exhausta de luctar
neio febril que é dado ás prostitutas;
porfim do alcouce, e á branca luz do luar,
ar-se furiosa ás depravadas luctas.

seria no entanto, ossuda, escalavrada,
gitava na sombra o braço esguio, informe,
ava a fugir tremente e afadigada,
o sensual, da peccadora enorme!

d'ali perto a musica das festas
salão resplendente aberto á vil nobreza;
nto que rugia, alem pelas florestas,
famulenta a esmigalhar a preza.

E o mar lá muito ao longe, o luctador constante,
Fazia eccoar na terra a voz praguejadora!
E, a debater-se ali, raivoso e espumejante,
Quebrava no rochêdo a furia assoladora.

E á vista d'este quadro eu murmurei comigo:
«Em que atroz lodaçal que a sociedade nada!
Homens da actualidade; olhaes p'ra o mundo antigo,
E seguis o truão, passada por passada.

Amaes das cortezans a despejada furia?
Quereis Lucrecia Borgia,—a deusa das bachantes;
A devassa febril, que arfava de luxuria
Nos braços de seu pae o Papa, e os mais amantes?

Vós, acceitaes de Imperia a carne appetitosa,
De que a historia vulgou a corrupção hedionda!
E atiraes para o lixo uma alma prodigiosa,
Depois de cevar n'ella a carnalicia onda.

Preferis, á virtude, a meretriz corrupta;
Rainha que estrebuxa em leitos sensuaes;
A Messalina eterna, a infame prostituta,
Que vende a podridão nos sujos tremedaes!!»

II

ıtre! — o empolgador da honra d'Innocencia,
ıixal-a no leito entregue á dor cruel,
filho no chão; e, alheio á consciencia,
u ir-se atolar n'um livido bordel.

a larga escada, e applicando a orelha
soar lá dentro um choro de mulher!
com phrenesi. Depois, a voz da velha
ıu-lhe: «Quem procura? diga lá, que quer?»

ıelle homem-aborto, em vista da pergunta,
ı a interjeição mais desbragada e rasa!....
anda calar quem chora, o povo já se ajuncta,
ıquadra não é longe!...— *Isto é vulgar na casa!*

ta ciciou nos quicios ferrugentos,
ıueando o recinto ao louco sybarita:
ıram em silencio os varios aposentos
azia no soalho uma rameira afflicta.

Havia em toda a casa um solto desalinho;
A luz dava um clarão expirativo e baço;
Sobre a commoda velha estava um colarinho,
Que esquecera talvêz a um lubrico devasso.

Uma cadeira antiga espedaçada a um canto,
Mostrava claramente os restos d'um *banzé:*
E o quadro que guardára um milagreiro sancto,
Descançava tambem esmigalhado, ao pé.

Que horrenda scena aquella! Estrepitavam beijos
Da escoria social, nos labios das rameiras;
E entoava a guitarra uns tumidos harpejos,
Entre o rir desmanchado, e as phrazes bordeleiras.

Eram n'aquelle circo affeito ao que ha mais chulo,
E onde a virtude quebra o sceptro forte e augusto,
Oito navalhadores de olhar sinistro e fulo,
De cor negra e bestial, que faz gelar de susto.

Emquanto um arranhava as toeiras ferrugentas,
Outro batia os pés n'uns modos fadistaes:
E um outro a baforar chalaças vinolentas,
Trauteava, no chapeu, fadinhos de Cascaes.

Soara um fado novo; e á voz de: *Quem apára?*
Ouviram-se arrastar as caudas dos vestidos:
Só uma dessa orgia os olhos apartára...
As mais a delirar... e a triste a dar gemidos.

Umas tinham na face a lividez morphetica!
Outras o olhar vermelho e os dentes já rareados;
A tez opalisada, e uma alegria sceptica
Nos labios roxos, vis, e os peitos espalmados.

Uma, a quem sua mãe rifara uns dias antes,
Por lhe achar pouco honrosa a vida de modista,
Baixava ainda com pejo os olhos coruscantes,
Deitada em languidez, nos braços d'um fadista.

Outra, acceitava em febre o baixo sensualismo
De um pallido rufião, que a acaricia e beija,
Achando assim prazer no immensurado abysmo,
Que o padre confessor lhe abrira ao pé da egreja.

Ésta pontapeara a educação regrada
Que seu pae lhe legara ao desprender-se d'alma;
Preferiu, a um marido, a senda depravada!
Trocou, pelo deboche, o lar,—a vida calma.

Aquella era feliz; amara, inda em creança,
Um pobre com talento, um moço honrado e sério:
O pae ligou-a a um Creso e assassinou-lh'a esp'rança,
Odiou paternas leis, vingou-se no adulterio.

Aquell'outra era pobre, e disse: «Meu marido
Não se importa comigo, e anda por fóra á tuna...
Sou elegante e nova e tenho um só vestido!...
Vou ser *mulher* tambem... quero tentar fortuna.»

Deixou tres filhos nus chorando sobre o leito,
Acarminou seu rosto assim como a bachante,
E foi distribuir, pela cidade, a eito,
O riso esbandalhado e o gesto provocante.

Encontra um *D. Juan* syphlitico e nojento,
Parou vendo-o sorrir-lhe, e achára-o bello emfim:
Chegou-se a uma *vitrine,* e disse n'um lamento:
«È tão encantador um córte de setim...»

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Vendeu-se, e achou *sublime!*... era o supremo gosto!
Que cynismo Senhor! Amerciae-vos d'ella!!
E como tripudia! olhae que hediondo rosto!
Despiu-se do pudor, é vil como a cadella.

Est'outra, que soluça e geme a sós comsigo,
Detesta o lupanar, e em vão reage e lucta:
Ficou sem pae nem mãe. Não acha um seio amigo
Onde encostar a fronte, e a fome é negra e bruta.

Chora! que o pranto é doce ao que a soffrer vegeta!
Cumprindo a imposição do infame e atroz destino!!
E vive... se é *viver* uma existencia abjecta,
Que abraça contrafeita o bebado, o assassino.

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

E o Christo, o Forte, o Grande, o filho de Maria,
Mettido na moldura onde sobrava o pó,
Via com amargor, a desbragada orgia,
E as magras cortezans, que despertavam dó.

Ao ver o riso máo do livido conviva,
Que entrava no alcaçár dos gosos mais brutaes,
Disse eu cá dentro em mim: «É d'isto, que deriva
A ignobil podridão dos grandes hospitaes!

Maldicto sejas tu, ó escoria dos maldictos!
Coração de chacal, que só do bem te affastas!
Eu queria escutar-te os lacerantes gritos,
Que arrancavam outr'ora os potros e as catastas!

Ouves eccoar, na sombra, a voz magoada
D'uma viuva rota esfomeada,
Co' uma creança ao lado, semi-nua?

Ouriçado o cabello do innocente,
E estendendo o bracinho transparente
Ao vae-vem que formiga pela rua?..,

Que resposta dás tu, á pallida indigencia,
Canalha sem egual? Dirás: *tenha paciencia*...
Ao grande soffredor, ao teu faminto irmão?
Nem isso! Aquella phraze é das consciencias boas:
Tu negas-lh'a tambem, mas descompões e atrôas
Os ouvidos do pobre a quem só dás um *Não!*

E emquanto a mumia branca a tremelir com frio,
Passa na escuridão, qual magro cão vadio,
Digerindo os desdens das almas dissolutas;
Tu, devasso orgulhoso, ardendo em torpes vicios,
Vaes comprar, satisfeito, aos antros meretricios,
Os ósculos brutaes das velhas prostitutas.

Nos bairros immoraes das ultimas rameiras,
Que se entregam, por vinho, ás tribus forasteiras,
E onde vaes embrenhar-te a farejar amor!
Maldicto sejas tu, verme das monarchias,
Que disputas aos bons, as francas alegrias,
E lhe' embutes na entranha a cruciativa dor.

Quando entras no bordel bradas á furia horrenda,
Cerbéro assustador, que guarda a atroz vivenda
Onde ferve da carne a torpe corrupção:
Trago ouro, serpente! Abre esse paraizo!...
E a Messalina então, n'um gelido sorriso,
Envia-te da alcova a sceptica ovação.

Ali não vive o amor! Só reina o fingimento!
A grande ambição de ouro, é o baixo sentimento
Que adorna os camarins do fusco lupanar.
A crapula, os deboches,
N'esse covil se acoitam;

N'aquellas furnas vis é que pernoitam
Em lubricos festins,
Lambendo as Rigolboches,
Os socios foliões de Balthazar,
E d'outros villões ruins.

Ali não vive o amor. Campeia atroz cynismo
Envolto no tropel de louco sensualismo;
Crepitam beijos maos, retinem copos mil;
E dançam doidamente
Cancans desenfreados;
E tombam finalmente
Dormentes, fatigados,
Do grande turbilhão, no rodopiar febril.

Bocejam como os cães; e abrindo a bocca suja,
Chamam rouquenhamente a livida coruja,
Carcereira anciã do lugubre aposento!
Adormeceu tambem, sinistra, embriagada,
A um canto da janella ou no desvão da escada,
Sobre um grabato vil, miasmatico e nojento.

E quando sae do alcouce o tétrico devasso,
Cuspindo amargamente os tédios e o cançasso,
Nas trevas glaciaes da noite escura, infinda,
Deslisa a negra fome a soluçar ainda!...

Filho espúrio do Bem; mundo cruel de ingratos,
Eu hei-de-te imprimir na fronte criminosa,
O azrroague febril da horda sanguinosa,
Que dava execução ás ordens de Pilatos!

Hei-de-te confundir, canalha, descarado!
Tractando-te de resto assim como quem és!
E mandar-te depois, como o ultimo forçado,
Ao constante lidar das tórridas galés!!

III

O pae de Claudio Vaz era um feliz cambista,
Que viera do Minho envolto em saragoça:
Andara n'outro tempo a apregoar a lista,
Para o que sempre teve a mais distincta bossa.

Quando lhe fraquejava o ganho das cautellas,
Practicava as acções mais baixas, mais abjectas:
E á noite percorria as quelhas e as viellas,
Roubando os *cachenez* ás infimas Julietas

Como era espertalhão, solérte e desalmado,
Gosava a protecção dos nobres e marialvas;
Sabia procurar no volupial mercado,
Seductoras Phrinés de grandes pomas, alvas.

Os decrepitos leões, rugosos, desdentados,
Amostravam-lhe a bolsa a tresbordar dinheiro;
E o corretor feroz de vicios depravados,
N'esse baixo mistér, julgava-se o primeiro.

Penetrava, a sorrir, nos socegados lares,
Offerecendo a *sorte* á esposa do operario,
E punha-lhe no cóllo as cartas singulares
De algum ministro ou par, d'algum boçal frascario.

Se alguma repellia a offerta degradante,
Descrevia-lhe um céu de olympicos festins!
E o discurso banal do ousado traficante,
Conseguia, de resto, os deleterios fins.

Quando erguia o pregão vibrante e melodioso,
As damas do *Bom Tom* chegavam á janella:
E nas occasiões em que era ausente o esposo,
Perguntavam, de cima, o preço da *cautella*...

Mandavam-n'o subir, emquanto do alvo seio
Tiravam com recato, as cartas perfumadas!
Saudavam-n'o ao chegar, e entradas de receio,
Mettiam-lh'as no bolso, a occultas das creadas.

E o correio d'amor, himpando de contente,
Descia a grande escada, aligeirando o passo,
E levava em seguida, a carta effervescente,
A um Salomão feroz, estupido e devasso.

Ía-lhe a vida assim. Tendo a final dinheiro,
Começou de appar'cer casquilho e barbeado;
E se via na rua um magro cautelleiro,
Lançava-lhe um olhar que tresandava enfado.

O mundo principiou a excogitar na treva,
O confuso viver do sórdido tunante;
E elle, o goliardo atroz, cada vez mais se eleva,
E a inveja corrosiva ía passando ávante;

Porque, se elle enxergava algum espião, álerta,
Seguindo-o com affinco em variados trilhos,
Torcia a direcção, como a raposa esperta,
Vendo que o caçador lhe quer matar os filhos.

Julgava-se feliz: porem a sociedade
Via n'aquelle ser, as fézes da canalha!
E ao vel-o atravessar os largos da cidade,
Havia quem temesse um golpe de navalha.

Tinha feito constar nas ultimas camadas,
Que possuia um pé tão leve como a briza;
E que tinha jogado algumas navalhadas,
Ao velho *Pau de Ferro*, e ao *Chico* da *Petiza*.

E apezar d'isso tudo era cobarde e imbelle,
Como o são de ordinario os grandes fanfarrões,
E expunha a tratos mil a vergastada pelle,
Ao ver em perspectiva uns infimos tostões.

IV

Assim atravessou perto d'alguns dez annos,
Pondo sempre por obra, os mais sinistros planos;
Levando hoje a deshonra aos grandes peitos rudes,
Que entanto, na officina,—o templo das virtudes,
Dobravam, como um vime, o dorso forte e puro,

Ao retinir do malho,—o athleta do futuro:
Conduzindo ámanhã, juncto d'um cofre de ouro,
A innocente mulher, que tem o seu thesouro,
Que vale um reino, um mundo, emquanto não violado;
Mas exposta uma vez aos lances do mercado,
Perde todo o valor a candida donzella.
Elle é um fructo bom; porem, como a cautella
Que nós vamos comprar, fiados na ventura,
Rasgamol-a afinal, vendo que a sorte dura
Nos deixou lá ficar os bolorentos cobres.

Têm uma sorte egual essas creanças pobres,
Que um frascario subjuga em frente d'um vestido
De seda de Lyão... E esse homem corrompido,
Que a fez escorregar na rampa da desgraça,
Conta sua negra historia á doida populaça
Que forma pela rua ephemeros meandros,
E a manda apedrejar pelos crueis malandros,
Que se empregam tam só, nas ruas solitarias,
A roubar e a despir os temulentos párias,
Que a bebida atirou ás faces do lagedo.

O povo emfim, deixou de estremecer de medo
Ao ver aquella fera infame e corrompida,

Que deve alevantar, d'onde rasteja a vida,
Coberta de miseria, e pallida e demente,
O meu grande poema, escripto expressamente
Para mostrar ao mundo o pavoroso aborto,
Que onde matou, morreu; como matou, foi morto!

V

Dizem que Satanaz,—o perseguido eterno,
Que habita as solidões no flamejante inferno,
Tem sempre ao seu dispor as tentações mais bellas,
Com que seduz e attrahe as almas mais singelas,
Para as ir torresmar, no derradeiro dia,
Ao forno que inventou a sabia theologia.

Ha quem affirme até que o mesmo bicho feio,
Traz ligadas tambem ao depravado seio,
Duas capas de seda, e seda muito fina,
Que lhe deu sua esposa, a velha Proserpina,
E occulta co' a primeira as simplices doidices,
Denunciando com outra, as grandes canalhices,
Dos que adoram sómente o Crime, a Noite e o Mal.

Seja verdade ou não, a minha obra immortal
Ha-de encerrar tambem um certo fanatismo,
Porque é preciso abrir um desmedido abysmo
Ao grande paspalhão que me exaspera a lyra.

. . . . . .

Aqui não ha, leitor, nem sombras de mentira.

. . . . . .

Hei-de seguir de perto, o fulvo olhar terrivel,
Do livido malandro; o vulto despresivel,
Que abriu a sepultura a tantas almas castas!
E tu, mundo cruel, do charco em que te arrastas,
Não levantes um brado em desfavor do poeta,
Que arremessa á canalha a mais hervada setta,
Que se ouviu sibilar nos mundos da poesia!
Sejamos imparciaes.
Quem não se indignaria,
Sentindo dentro d'alma a resplendente chamma
Dos sentimentos bons?! Vesuvio que se inflama,
Quando sente bramir a infamia que corrompe!!

. . . . . .

O seio do poeta, é forja d'onde irrompe
O fogo que extermina as podridões sociaes!
A nossa inspiração é como os vendavaes,

Que arripiam o dorso aos montes empinados,
E abalam na raiz os soutos intrincados,
Se não lascam, na furia, os gigantescos troncos!

A nossa inspiração tem vendavaes e roncos,
Soluços de gigante, impulsos mais que humanos;
Gumes que ferem mais que espadas de tyrannos;
Vôos de aguia altaneira em librações enormes;
Cria dentro de nós figuras multiformes,
Faz-nos atravessar os páramos etheréos;
Atira-nos de chofre ao craneo dos mysterios,
Despenha-nos no algár das coisas ignoradas;
Mette-nos pelo ouvido um retinir de espadas;
Accende-nos no peito o fogo da vingança;
Leva-nos, pela mão, ao campo onde descança
A sociedade antiga; e ao dar-nos uma enxada,
Brada imperiosamente: «Excava essa morada,
Que has-de encontrar, lá dentro, a ossada carcomida
D'um homem que te deu a miseranda vida!...

Não sejas fracalhão! Revolve esse monturo!
Ha muito que 'hi repousa o proletario obscuro,
Que inda na flor da vida, ao pé de tua mãe,
Tinha vertigens más, antipodas do bem;

E ao sentir-se dobrar, no fim de mil enganos,
Ao peso collossal de oitenta e tantos annos,
Curvou-se humildemente, e baqueou de bruços,
Ao som alanceador d'um coro de soluços
Dos filhos, que deixava entregues á desgraça!...
Emquanto a sociedade,—essa mulher devassa,
Coberta de velludo, e sedas e brilhantes,
Rolava doidamente ás plantas dos amantes,
Na louca embriaguez dos sensuaes desejos,
Espalhando no espaço um fremitar de beijos!!!»

E a musa, a inspiração, cançada d'estas cousas,
Atira o que morreu ás verminadas lousas,
E desce á prosa vil das concepções vulgares.

Abandona, por mão, devassos, lupanares,
Infamias, podridões, coisas que infundem nojo!
Vê uma acção mais bella?
Encurva-se de rojo,
Beija-lhe a *nivea mão,* chama-lhe pura e casta,
Dá-lhe um logar no céu!...
E se isto ainda não basta,
Chama-lhe *caso raro, e nunca, nunca visto;*
E áquelle que a practíca, imitador de Christo;

Que tem dentro do peito um coração magnanimo;
Que ninguem é capaz de ter tamanho ânimo;
Que ha-de ver Deus no céu, lá do viver, no cabo;
Que é livre de cahir nas garras do diabo;
E o que soccorre o pobre a Deus sómente empresta,
E a sua caridade a sua virtude attesta.
Eis pois a realidade. . . . . .

. . . . . .E quem a historia escuta,
Pensa de si p'ra si, que o tal *senhor fulano,*
Sente andar pelo vão d'um bem-formado arcano,
Um mundo de affeições mais doces que alvoradas,
E offerece o pão da vida, ás almas desgrenhadas
Que vagueiam na rua exhaustas de fadiga.

Mas, não! se elle lhes desse a protecção amiga,
Esperava na terra um monumento honroso,
Ou fruir lá no empyreo o sempiterno goso,
Ao lado do Jehovah do Génesis antigo,
Tornando-se porfim seu confidente e amigo.

Não era caridade; amor d'irmão não era,
Porque elle fôra sempre uma assanhada fera

Contra o falto de pão que lhe batera á porta.
A voz da consciencia ha muito que era morta
Dentro d'aquelle peito encastoado em aço.
No olhar que elle desparge ensanguentado e baço,
Lê-se o que lhe povôa os arcabouços d'alma.

Se alguma vez quedava em somnolenta calma,
Era quando esquecia os actos degradantes,
Que tinha practicado em varios similhantes,
Assim como, agrilhoar os pobres engajados
Ao potro da ignominia, e em áridos mercados
Vender aos seus eguaes, colonos indefensos.
. . . . . .
. . . . . .

E d'estes corações topamos com immensos,
Que se querem dizer arrimos da pobreza...
O mundo que os condemne!
Eu creio, com franqueza,
Que raro se ha-de achar n'este álgar infinito,
Quem atire um real ao desgraçado afflicto,
Que entôa um soluçar cortado de suspiros,
Emquanto que percorre em differentes giros,
A cidade que geme em fundos paroxismos.

Nesses almas de ferro ha inquietes alvoroços.
Onde nunca floriu qualquer florinha suavita.
Ninguem lhes curva a fronte: e se uma lágrima as cunha.
É só para lhes dar o ignominioso premio
Dos filhos das gadés!

Leitor, se estás no premio
Dessa gendalha torpe, esquiva-te, procura
Longe da sua lodo, uma região mais pura.
Onde aspires um ar que te refresque o peito
E te rejuvenesça.

Ha um temporal desfeito.
Que atira para o lodo as almas mais suaves,
Do que a luz do luar e o pipilar das aves.

E a vil tentação!!.... é um philtro venenoso
Que ruge dentro em nós, e nos disputa o goso,
Com a sanha brutal dos guerreadores antigos.
Tens filhos, tens mulher, tens intimos amigos,
Que te offereçam a mão na hora da desdita?
Escuta o trovador:

Ha uma legião maldicta,
Que n'um rir infernal, amor sincero exprime,
E comtudo, a traição, o engano, e o negro crime,
Fervilham no imo d'alma á cohorte diabolica.
Se lhe vires dobrar a fronte melancholica,

Para fortalecer a tua crença estulta,
Foge d'esse histrião, porque tem sempre occulta,
No abrir do riso bom com que te acaricia,
Uma dóse maior de audaz velhacaria.

VI

Mas vamos ao meu conto. O cautelleiro,
Já farto de apanhar tósas sevéras
Por ser alcayoteiro;
Pensou maduramente, e resolveu
Emendar-se de prompto; e foi devéras
Que elle se arrependeu.

De negocios de amor, jámais o viram
Tractar, como até ali;
E os severos maridos que o zurziram,
(Vejam lá que estupenda felicidade!)
Nunca mais o toparam na cidade,
A vender os bilhetes de Madrid.

Resignado co' a sorte, o vil patife,
Lançou mão da *fazenda* falsa ou boa,
(Permitta-me o leitor que o termo grife!)

E á noite, ao deslisar das horas mortas,
Metteu-a na algibeira mesmo á toa,
E foi negociar fóra de portas.

Topou co' uma vivenda airosa e bella,
Na estrada que tomou:
E vendo um banco tosco em frente d'ella,
Sentou-se, e descançou.

Passavam por ali, de vez-em-quando,
Os nédeos aldeões,
Chupando no cigarro, ou modulando
Os cantos dos serões.

Olhava-os de viéz, mas não ousava
Tomar seu passo rude,
E se algum mais cortêz caso o saudava,
Apenas respondia: *Deus o ajude*....

E o rosto, pensativo e acobardado,
Pendia-lhe p'ra o chão.
Porque estaria assim tão atascado,
Em funda prostração?

Faltava-lhe o bulicio tumultuario
Do grande centro do ocio,
Em que, abrigado á sombra d'um frascario,
Fazia o seu negocio.

Suspirava uma brisa embalsamada,
N'aquellas viridentes pradarias;
E sorria a bonina delicada,
Ao sonoro cantar das cotovias.

Escutava os murmurios d'uma fonte,
E via o sól, que ao longe despontava
Por entre os laivos roxos do horisonte,
E nas gottas do orvalho se espelhava.

Divisava nas altas cordilheiras,
Ondeantes rebanhos, claro-escuros;
E nas veigas alegres, as ceifeiras
Decepar, com afan, trigaes maduros.

Mas aquelle prazer, tão doce e amado,
Só entra em corações que amam a lida;
E elle tinha no seio gangrenado,
A materia mais vil, mais corrompida.

De resto ergueu-se; e, como que assaltado
D'uma recordação,
N'aquelle tom altivo e concertado,
Fez eccoar, ao longe, o seu pregão.

Ergueram a cabeça vagamente
Os filhos do lugar;
E do palacio que lhe estava em frente,
Vieram-n'o chamar.

Morava n'essa casa um velho alarve,
Feito ha pouco Barão em Sancta Cruz,
Por ter levado para lá, do Algarve,
Alguns escravos brancos, semi-nus.

Diziam no lugar as classes pobres,
Que a todos distribuia prata a esmo...
É caso de pasmar! Se fossem cobres...
Duvido abertamente d'isso mesmo.

Lá porque baforavam tal mentira,
É que eu nunca cheguei a averiguar...
Deixal-os pois mentir, que a minha lyra
Verdades tão sómente ha-de cantar.

Quando havia uma festa lá na aldeia
Ao carunchoso Sancto,
Convidava os amigos para a ceia;

Porem, comia tanto,
Que os fazia morder de raiva e odio,
Vendo ao findar do brodio
Aquelle abdomen bestial, rotundo,
E a musica discorde dos arrotos
Que lhe vinham á bocca de tropel,

Dando á sala um aroma nauseabundo,
Como os gazes que irrompem dos esgotos,
Ou de algumas sentinas de quartel.

Tinha a mania de contar, a todos
Com quem sympathisava,
Como arranjou fortuna; e, pelos modos,
Alguem o acreditava.

Dizia ter chegado a Pernambuco,
Falto de protecção;
Mas que topara ali certo *maluco*
Que fôra seu patrão;

E que lhe dispensara os beneficios
De que necessitou,
Porem, que lhe pagara os sacrificios,
Quando elle emfim quebrou.

E ao narrar esse golpe lastimavel
Dizia: «Eu era rico. . . »
Mas ácerca da quebra inevitavel,
Calava sempre o *bico*.

Se alguem lhe ía fallar em tal assumpto,
De ordinario, mostrava-se enfadado.
Receiava que os filhos do defunto,
Lhe chamassem ladrão baroneado.

E agora, meu leitor, não quero alarde
Sobre a minha indiscreta confidencia. . .

Suspendo a historia aqui... Talvêz mais tarde
Te conte o resto d'ella... Tem paciencia;

Por que has-de concordar: o homem de siso,
Diz que a paciencia aclara a vista á gente,
E como ler o poema te é preciso,
Não te faças curioso... impertinente.

Não quero que no meio da historieta,
Arremesses o livro para o lado,
E alem de me alcunhares de máo poeta,
Te arrependas tambem de o ter comprado.

E eu que espero subir aos céus, ás nuvens,
Com o meu *chefe d'obra* nunca visto;
Terei gloria maior que o proprio Rubens,
Se a minha tosca lyra acabar *isto*.

Póde alguem murmurar: «Se o *chefe dobra,*
Mais dobras tu, que és leigo na materia!
Se um gallicismo aqui era de sobra,
Dás tambem calemburgo?... que miseria!!»

Sim amigo leitor; p'ra que negal-o?
Mas conheço alguns mestres em poesia,
Que abusam muito mais, e a seu regalo,
Apanham nos jornaes tunda bravia.

Deixal-os caminhar. Julga essa gente
Que Racine é melhor do que o Camões;
E vendo um *boutounnière* ferram-lhe o dente,
Dizendo que lá têm suas razões.

Máo... Não posso fugir, pesar da lucta,
Ao louco devanear que me enamora!
Quanto mais o leitor attento escuta,
Mais a lyra, do assumpto salta fóra.

Que me resta? marchar directamente,
Sem me importar co' as alas do arvoredo.
Vou a historia contar succintamente,
Sem rodeio nenhum que tolha o enredo.

VII

O cautelleiro entrou,
Com passo firme e ousado,
N'um enorme salão, bem adornado
Com paisagens repletas de poesia
E quadros de valor. Depois, fallou
Ao ricasso Barão, d'esta maneira,
Tomando assim uns ares de quem ía
Vender cautellas pela vez primeira:

«Eu não sou cautelleiro: a desventura
Feriu-me o coração!
Sumiu-se meu bom pae na sepultura,
Deixando-me sem pão.

Minha mãe, tres irmãs ainda pequenas,
São a minha familia,
E para a sustentar, só tinha, apenas,
Uns restos de mobilia,

E em breve a nossa casa, farta outr'ora,
Ficou de todo nua,
Restando-nos, depois d'uma penhora,
A fome negra e crua.

Lancei mão d'um annel, grata lembrança
De meu chorado pae;
E corri a empenhal-o sem tardança
Onde a desgraça vae

Empenhar, muita vez, até os lençóes da cama!
E, ai como é tocante
O pranto que derrama
N'esses covis do *prego,* a desolada mãe,
Se um filho inda innocente,
N'um choro agonisante,
Da fome a garra sente,
E se ella, a desgraçada... e se ella pão não tem!

Sahi nervosamente hallucinado
De ver tanta desgraça,
E fui logo a um cambista acreditado,
Que ha mesmo juncto á Praça.

Comprei cautellas; e assentei de resto,
Viver do seu producto:
E venho hoje ao destino mais funesto,
Pagar o meu tributo.»

Sentiu dó,—caso estranho!—o tal negreiro,
Do infame, que mentia
Com quantos dentes tinha
Na bocca escancarada;
E, d'elle se avisinha,
Perguntando com voz cadenciada:

—Trazes algum bilhete lá da Hespanha?
—Trago dois de *filé!*
—Pois dá-m'os cá!
E se um d'elles a sorte acaso apanha,
Deixarás de luctar co' a sorte má!

Andou a loteria.
O cautelleiro
Soube que o seu freguez tivéra a sorte,
E disse lá comsigo: «Este dinheiro
Ha-de obrigar-me á lucta, ao roubo, á morte!»

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Algum tempo depois de vir a lista,
Nuncia do desespero e felicidade;
O celebre malandro, o vil fadista,
Abriu casa de cambio na cidade.

Tinha morto o Barão de Villárinho,
Roubando-lhe o bilhete afortunado!
E sendo perseguido no caminho,
Deixou quasi expirante o seu creado.

CANTO TERCEIRO

ABYSMOS

ABYSMOS

I

Vae longa a madrugada. A aragem matutina
Desprendêra-se, emfim, do mysterioso arcano;
E esfarrapando no ar a humida nebrina,
Começava a enrugar a face do oceano.

Este era ha muito, já, dormente e socegado,
Como o bom gladiador cançado de luctar!
Na selva de baixeis, de que era então coalhado,
Repousavam ainda os grandes leões do mar.

Mas passou por ali, mais longe ou perto,
Algum d'esses villões?
Não, leitor, porque o sitio era deserto,
E falto de lampiões.

E o que dizia a voz que se escutava,
N'aquella escuridão pesada e calma?
Suspirava e gemia... não fallava,
Porque a dor suffocava-lhe a voz d'alma.

E ha corações que ignoram taes desgraças!
E ha quem duvida até que existe a dor!
E ha quem solte as risadas mais devassas,
Ao ver em praça o fraternal amor!

Mas quem duvída e ri? Quem ri da fome?!!
Quem nasceu sob os tectos da opulencia?!!
Algum peito de bronze e alma... sem nome,
Que não demora a vista na indigencia,

E vive a escarnecer, continuamente,
A raça famulenta e maltrapida,

Que soluça na rua amargamente,
Por não ter um tostão para a dormida?!

Suspendo por aqui o taciturno canto!
Vou descançar a lyra á sombra do mysterio!
Porque os olhos dos bons facil derramam pranto,
E não quero pungir-te, homem bondoso e sério!

Se tens um coração, grande, sensivel, culto,
E atagantas o mal, e amas o Bem sublime,
Escuta o soluçar do soffredor occulto,
Que vaes topar, de face, a victima d'um crime!

II

No dia immediato áquelle em que o mendigo
Achou quarenta contos,
Altas horas da noite olhou para o postigo,
E viu que estava aberto;
Mas julgando que tinha os olhos semi-tontos,
Chegou-se mais de perto.

—«Meu Deus! quem disse que eu tinha
Um thesouro em meu poder?!
Se o mundo falso adivinha,
Onde é que me hei-de esconder?...

Acaso estarei roubado?...
Quem tal crime commetteu?!
Mas quem fica desherdado,
É o engeitado,—não eu!...

Por mim que importa?... Que almeja
Coração que geme e espalla?
Que a vida curta lhe seja,
E seis palmos n'uma valla...

Setenta e dois annos!... Venha
A campa, o descanço, a morte,
Já que o mundo, atroz, desdenha
Dos que em vão luctam co' a sorte.»

E assim fallando agoniado,
Tremia o velho trapeiro,

Volvendo o olhar desconfiado
Para a arca do dinheiro.

«Ainda aqui está!... Que tormentos
Gera o dinheiro, Senhor!...»

.....
.....

Passados alguns momentos,
Bradava n'um tom de dor:

«Ó consciencia, consciencia!
E's longe, ou estás a morrer?
Olha: a voz da Providencia,
Reprova o meu proceder.

Lá nas alturas supernas,
Uma voz rouca soou!
São as coleras eternas,
Que o meu crime despertou.

Foste-me guia e sustento.
Na mundana e escura treva.
E faltas ao juramento.
Como outr'ora faltou Eva?...»

A Consciencia

Materia, porque me accusas?
Que mal te hei feito, materia?...
Dou-te a ventura e recusas?
Não és farta de miseria?!

Trapeiro

Ai! sou; porem o remorso
Anda o meu seio a minar;
E sinto por sobre o dorso,
Um peso de aniquilar...

Vém consciencia, vem dar-me
O socêgo ao coração!
Se tu não vens auxiliar-me,
Julgo que fui um ladrão!!...

A Consciencia

Perde os escrupulos. Guarda
Esse dinheiro, que é teu!

Guarda-o bem, porque não tarda
Que saibas quem o perdeu.

Ha-de hoje toda a cidade,
Sentir um choque fatal;
E aqui, tambem... tambem ha-de,
Chegar a nova do mal.

E então, dirás jubiloso:
«Que grande que és, Providencia!
Oh astro sancto e glorioso,
Vem a meu seio,—Consciencia!»

TRAPEIRO

Mas o seio pudibundo
Que soccorreu o engeitado?
Fugiu com elle... e eu, no mundo,
Outra vez abandonado!

Seria a mãe?—a roseira
D'aquella flor em botão?,..
Quem sabe?... D'essa maneira,
E' martyr, Senhor!—perdão!!

Quem sabe se o jogou fóra,
Na falta d'amigo esteio,
E vinha buscal-o agora,
Para o conchegar ao seio?

E eu que insultei a triste,
Por não saber que era mãe!..
Já só o remorso me assiste,
De atirar-lhe esse desdem!

Talvez o acaso mais tarde,
A volva á minha presença,
E dentro em su' alma guarde
O perdão da amarga offensa.

III

Na viella soturna, ou labyrintho
Miasmatico e anguloso,
Coitador de vadios e ladrões,
Passou, pouco depois, silencioso,

Um velho cão faminto,
A farejar no entulho as podridões.

Não achando comer do seu agrado,
N'um passo negligente,
Já ía a retirar,
Mas esbarrou, de frente,
Com outro desgraçado
Que ao vel-o approximar,
Galgou as ruinarias d'uma casa,
Que os sec'los ao passar, co' a destruidora aza,
Tinham arremessado ao leito primitivo.

E o mudo soffredor, não vendo linitivo
Para a fome cruel que lhe rasgava a entranha,
Disse lá dentro em si:
«Pois bem! darei campanha
Contra este villão, que por chegar primeiro,
Comeu até fartar!» Medindo o pardieiro
Foi cahir sobre o gato, em cuja vista fera,
Fulveava a raiva atroz da onça ou da panthera.
Travou-se a lucta emfim; e os dois, ennovelados,
Resvalaram n'um fosso, exhaustos, fatigados,
Calando-se, depois, lá n'algum vão occulto.

. . . . . .
. . . . . .

Viu-se, pouco depois, apparecer um vulto
Escuro como a treva a caminhar na rua.

Já despontava a aurora; e a meiga luz da lua,
Começava a affrouxar no amplo jardim sidéreo!...

Breve se viu sahir das dobras do mysterio,
Aquella apparição!...
Não era alma penada,
Phantasma tambem não!...
Chorosa e desgrenhada,
Era uma rapariga, inda na flor dos annos,
Victima já talvêz d'uma legião de enganos,
E entregue finalmente aos pontapés das massas.

Ella não tinha ainda o senho das devassas
Harpias de bordel, que vão servir de pasto
Ao frascario de cans, desconjunctado, e gasto
Nas alcovas do mal, onde a miseria habita.

Porem, ella era nova, e pallida e bonita,
E teria escapado a provação tão crua?...
. . . . . .
. . . . . .

Tinha envolta n'um chaile, uma creança nua,
Sua filha, talvêz, e embora que o não fosse,
O olhar com que a fictava era sereno e doce,
Como só o têm as mães p'ra os lyrios de su'alma.
. . . . . .

Chegando ao pé do mar, parou como quem pensa...
E despedindo a vista áquella esteira immensa,
Voltou a olhar, depois, para a immortal cidade,
Povoada ha muito, já, por grande quantidade
Dos que ganham o pão com o suor do rosto,
E aos quaes serve uma esteira de nocturno encosto.

Andando, de vagar, na immediação das aguas,
Procurava espalhar as afflictivas magoas
Que a tinham remessado áquella vida errante!
Rebentára-lhe o pranto em tão solemne instante,
E sentiu dentro d'alma um pavoroso assombro.

E' porque vira ali, passar hombro com hombro,
Um curvado ancião, que funda lhe avivara
A ideia de seu pae, que a morte decepara,
Deixando-a abandonada ao seu cruel destino,
N'um mundo pôdre e máo; n'um mundo onde o assassino
Encontra para o crime arena vasta e larga.

. . . . . .

Mais lhe augmentou a dor ésta lembrança amarga!

Seguiu inda com a vista o venerando operario,
E ficou a scismar, qual monge solitario,
Na quadra juvenil, em que a noss' alma dorme.

Ouviu-se então na praia um grito, e um choque enorme
Que subito, a acordou do cogitar profundo!

Volveu a vista ao mar, como quem olha um mundo,
Que lhe vibrasse ao peito envenenadas settas!
Viu um homem luctar co' as aguas irrequietas,
E pareceu-lhe ver, n'aquelle desgraçado,
O cambista feliz que a tinha abandonado.

—«Alfredo! Ai, Deus do céu! Jesus! Jesus me valha!»
Bradou ella porfim, afflicta e soluçante:
Põe a creança em terra, e avança p'ra muralha,
Lançando-se no mar para salvar o amante.

Ninguem os viu cahir n'aquelle abysmo undoso,
Cuja vista fascina os loucos e os suicidas;
E se ao cáes não assoma um pescador brioso,
Dariam breve á terra, as tristes despedidas.

Este, ao ver o oceano em rugidora briga,
Sobre elle se atirou disposto a ser tragado,
E conseguiu salvar, trazendo á praia amiga,
O réprobo de Deus, e a filha do peccado.

IV

Correu de bocca em bocca, de repente,
Esta fatal noticia;
E no outro dia a parte de policia,
Contava o caso assim prosaicamente:

. . . . . .

Hontem, quasi ao romper da madrugada,
Á hora em que a cidade estava em paz,
Arremessou-se ás ondas um sugeito,
Que declarou chamar-se Alfredo Vaz:

«Uma pobre mulher que ali passava
Co' uma creança ao peito,
Largou-a sobre a marge' e velozmente,
Sobre o mesmo local se despenhava.

«Salvou os dois suicidas desvairados,
O musculoso e forte
Arraes d'uma catraia,
Que por acaso os vira entrelaçados,
Em lucta já com a morte,
Talvêz dez metros para alem da praia.

«Elle disse ter casa de descontos,
Na baixa da cidade;
E procurava a morte entre espumosas vagas,
Porque tivera ha pouco a grande infelicidade,
De perder da algibeira alguns quarenta contos.»

V

Queixou-se no hospital, que tinha algumas chagas
Na parte inferior d'um braço, e junto ao peito.
Tiraram-n'o da maca; e ao pol-o sobre o leito,
Tremeram de pavor os pallidos doentes,
E todo o pessoal! Eram signaes de dentes,
Com que estava lanhado o corpo do suicida.

Pensou-se, que na lucta entre o morrer e a vida,
Se tivesse rasgado assim tão cruelmente,
Como a féra brutal que se topou sem prole,
Ao penetrar a furna onde a deixou dormente!

Quando entrava o doutor na vasta enfermaria,
Viram todos brilhar uns raios de alegria,
No semblante de Alfredo! Era a expressão do enfado
Que florejava n'elle?... Ergueu-se hallucinado,
Como o bom lavrador, que ao levantar a vista,
Vê o sól a dourar a sobranceira crista,

Da alterosa montanha onde folgou na infancia,
Bebendo, em haustos bons, a rustica fragrancia
Da flor, que brota e cresce á margem dos caminhos,
E orna a vegetação dos áridos maninhos.

Lembrou-se Alfredo Vaz das grandes patuscadas,
A que tinha assistido em eras já passadas,
Com o facultativo, entre febris loucuras,
Quando o esperto Galeno abria as sepulturas,
Aos que íam repousar, minados pelo vicio,
Na enxerga do hospital ou caridoso hospicio.

E ao encarar, de frente, o companheiro antigo,
Sentiu acanhamento em lhe chamar amigo.

VI

Seriam do remorso os aguilhões maldictos,
Que lhe pungiam a alma?... ou da consciencia os gritos
Que accusavam o truão nos cavernaes escuros,
De ter lançado um filho á lama dos monturos,

E da blasphemia vil que desfechou na face
Da mãe do innocentinho? Oh! se elle o recordasse,
Poderia ficar com os olhos ainda enxutos?...

Ouso affirmar que sim!! Ha corações tão brutos,
Tão cheios de rancor, tão vis e degradantes,
Que ponteiro nenhum, calçado de diamantes,
Podéra lapidar!.....
.....O medico, ao fixal-o,
Sentiu por todo o corpo um repentino abalo;
Parece conhecel-o, e ainda comprime, a custo,
A explosão natural do primitivo susto.

Passou comtudo, alem, olhando obliquamente
E como desconfiado, o rosto do doente,
Murmurando, lá dentro, alguma van theoria,
Emquanto visitava a enorme enfermaria.
.....
Mas sempre a atormental-o aquella ideia vaga...

N'este ligeiro espaço, um pranto, acerbo, alaga
O transmudado rosto ao desgraçado enfermo.
Temeria, da vida o avisinhado termo?

Ou tinha na memoria as extorsões infames,
D'um viver esbanjado a fabricar liames,
Para amarrar, sem dor, as innocentes victimas,
Ao pelourinho atroz de expiações legitimas?

Ter-lhe-ía penetrado em casa da consciencia,
Pela fresta do bem, a voz da Providencia,
E o mandava sentar no banco derradeiro,
Onde é morto, decerto, o velho deus dinheiro;
Onde eu creio que existe um deus encanecido
A que se chama verme, e sempre anda envolvido
No pó da sepultura, onde se acaba tudo,
Desde o gran-sabedor até o vulgacho rudo?

Teria dentro d'alma as lividas serpentes,
A entoar-lhe, ao ouvido, a indignação das gentes
Que o viram pompear em varias sociedades,
Desde o seio da honra ao seio das maldades;
Desde a familia honesta ao lupanar sinistro;
Desde a baixa bodéga á sala do ministro;
Desde a soïdão do campo ao tumultuar das praças;
Desde o olhar d'uma houri ás prostitutas baças;
Desde a atroz condição de *faia* e de chupista,
Á grande posição de rico e de cambista?!...

Como abrir-lhe do seio os portas verminadas,
E esquadrinhar, lá dentro, as fibras desmanchadas,
Pelo goso carnal de podridões sombrias,
Onde se repastára
Como o lobo cerval por entre as penedias,
Que ceva a gula avára
Na preza, a que lançou a garra forte e adunca?!

Mas... se a voz da razão não retumbara nunca
No cranco fundo e máo d'aquelle desgraçado?
.....
.....
.....

Era pena, talvez, de abandonar tão cedo,
Este carneiro enorme, acanalhado e tredo,
Onde via alongar uma extensão sublime,
Coberta de almas vis, com o peito aberto ao crime?!

E dentro de su'alma era o ferver das magoas,
Qual rabido mugir das revoltadas aguas,
Quando ulula na enxarcia o destruidor gigante,
Que faz tremer, ao leme, o ousado navegante!

VII

O medico afinal.
Sentou-se a receitar por longo espaço,
E já punha o chapeu e retirava,
Quando o enfermeiro lhe bateu no braço.

Vira n'esse momento, erguer do leito
O rosto cadaverico do doente:
E o doutor, que á desgraça rende preito,
Abeirou-se da cama.

Novamente
Se lembrou de ter visto um rosto assim!
Procura recordar-se mas não póde:
Revolve a pêrra ideia, e nada emfim
Ao cérebro lhe accóde.

E Alfredo Vaz no entanto, suspirava
Como a creança que se vê sem mãe;

Emquanto que o doutor, em vão luctava,
Para saber quem era aquelle *alguem*.

Reconheceu-o no fim; e o enfermeiro,
Pensa-lhe as f'ridas que gottejam sangue:
E o medico, entre suave e prazenteiro,
Pergunta ao doente exangue:

«Estou sonhando acaso?
Es homem, ou visão?...
Enganam-me estes olhos?
Será demencia?...

ALFREDO

Não!

É pura realidade
O que se exhibe aqui!
Fui poderoso; agora
Do pedestal cahi.

Estou libando, ás fézes,
O desespero, a dor!

Eu era mais que o vulgo,
E a queda foi maior!

MEDICO

Mas hontem, que alegrias!...
E hoje, a mover ao dó...
Desfigurada a face...

ALFREDO

E pobre, como Job.

MEDICO

Pobre?!
Deliras? pobre?
Que enorme desatino!

ALFREDO

Balanços da desgraça...
Caprichos do destino.

Subi por méro acaso,
O acáso me prostrou,
E agora?.....
..... O acaso póde
Trazer-me o que levou?

MEDICO

Talvéz... É meiga esperança
Que ri donosa e calma.

ALFREDO

Mas o *talvéz*, não enche
O vacuo de noss' alma.

MEDICO

A herva das campinas,
Que o orvalho fez dobrar,
Ergue as virentes crinas,
Se um astro a for beijar.

Os fênos, pelo monte,
Varridos do tufão,
Erguem de novo a fronte,
Porem o cedro, não!

Resistem os codeços
Ás convulsões da terra!
Mas rendem-se os cabeços
Graniticos, da serra!

O raio poupa as telhas
Dos aldeões boçaes;
Mas fére as torres velhas,
E fende as cathedraes.

(Sahindo da enfermaria)

E tudo assim caminha pelo mundo!...
Ninguem póde julgar-se venturoso
N'este sombrio dédalo, profundo!

Hoje, alegria immensa e immenso goso...
Ámanhã, recolhemos-nos á campa
Onde o verme arregalla o olhar guloso;

E quando em nós a podridão se estampa,
Arreda-se, fugindo, o cão que passa,
Como o cégo, das margens d'uma rampa.

E, antes que a larva a gula satisfaça,
Fareja nossa esposa outro marido;
Porque julga a viuvez uma desgraça...

Se o mundo é mentiroso e corrompido,
Não dá fructo melhor. E' sina escura
A que o nosso destino anda cingido.

O fado, ha-de acabar na sepultura,
Quando entrarmos o umbral d'essa morada
Onde morre e apodrece a desventura.

Finda o dia, e apparece a luz amada
Do luar encantador das noites claras.
Morre a noite, e desponta uma alvorada...

. . . . . .
. . . . . .
Que entorna luz e vida nas cearas.

CANTO QUARTO

LAGRIMAS E FACECIAS

LAGRIMAS E FACECIAS

I

Emquanto se passava a triste scena
Que venho de escrever,
N'uma outra enfermaria mais pequena
Gemia uma mulher,

E dizia, na dor que a lancinava:
«Meu filho onde é que está?...
Porque outra mãe não tem, que o ame tanto!»
E n'isto, desatava
Copiosas torrentes de agro pranto
Dos olhos desvairados.

«Ai! que m'o tragam já...
Que morro de paixão n'este deserto,
Onde não discrimino um peito aberto,
Que tenha dó de mim!...

São todos umas féras, uns malvados!...
Maldicta seja a hora
Em que eu á terra vim,
Para cahir nas garras d'um devasso,
E atirar porta fóra,
A honra, o meu thesouro...

Ahi tens, ricaço,
A tua recompensa, o premio degradante,
De quem atira ao lixo o filho d'üa amante
Fiel e virtuosa, e casta como eu era!...

Maldicto sejas tu!—coração vil de féra,
Que mesmo em lucta já com a morte negra e crua,
Repelliste a mulher que eternamente é tua!!

Mas que digo, meu Deus! Este abandono
Não me dá forças para o mal-dizer...

Que venha em meu auxilio um grande somno,
Que desejo o seu crime escurecer.

Sou como o navegante sem alento,
Que aspira o ultimo ar no tombadilho!
Senhor! não lhe mandeis nenhum tormento...
Que elle é pae do engeitado,—de meu filho.»

E Innocencia encostou-se alheadamente,
Soluçando de um modo indiscriptivo,
Quando se lhe abeirava uma servente,
Para lhe ministrar o curativo.

Aquella era ainda nova e limpida e córada,
E parecia alegre;—era formosa emfim!
E olhando com tristeza, a pobre desgraçada,
Parou cogitabunda, e murmurou asssm:

«Socega pobre anjo afflicto,
Joguete do atroz desdem!
Erras n'um mundo maldicto,
Que já consciencia não tem!

INNOCENCIA

E esta existencia pesada,
Quem sabe onde ella inda irá?

ENFERMEIRA

Eu sou tambem desgraçada,
E tu serás minha irmã.

Victima apenas d'um erro,
Tens o mundo por desterro,
E por companheira a dor!
Eu co' a infamia em dura guerra,
Baqueei por sobre a terra,
Da mocidade na flor.

Levantei-me; e vendo o mundo
Cruel, malvado, embusteiro,
Atirar-me o escarneo á face,
Disse-lhe o adeus derradeiro,
Temendo que me pisasse
Como um reptil, uma planta.
Mendiguei. Uma voz sancta
Bradava-me em tom profundo:

Não chores pobre mendiga,
Não chores, que é sina dura
Ver terminada a fadiga,
Nas trevas da sepultura!

Não chores...que alem da lousa
Escura, larventa e fria,
Havemos de ter um dia...

INNOCENCIA

Um dia em que se repousa.

Q'eria prégar á consciencia,
Uma doutrina mais nova,
E que não finda na cova,
A nossa curta existencia.

II

No leito approximado áquelle onde se passa,
A derradeira acção do meu romance-poema,

Dormia brandamente um meigo innocentinho,
Em cuja face havia uma belleza extrema.

De vez-em-quando, a doente olhava resignada
Para aquelle anjo bom, misérrimo tambem;
E dizia, chorando, á sua confidente:
Perdi amante e filho; e este innocente,—a mãe.

Eu fui abandonada ás chufas da canalha,
Elle aos cães do monturo entre uns farrapos máos!
Ambos sem pão nem casa, ambos escarnecidos
Por tudo quanto ha vil n'este revolto cahos.

Que importa? irei pedir com elle juncto ao seio,
O pão mitigador da fome que espedaça!
E farei do oceano o derradeiro leito,
Se a sorte porfiar em ser traidora e escassa.

Tu que soffres tambem querida amiga,
O espinho que nos rasga o coração,
Escuta: E' a amizade que me obriga
A fazer tão solemne confissão.

Mas primeiro que tudo has-de jurar-me,
Que não divulgarás o meu segredo;
Que se o mundo o souber, ha-de insultar-me;
E é do escarneo feroz que tenho medo.

Ha-de talvêz essa materia bruta,
Atirar-me com a lama das calçadas,
E alcunhar-me de infame e prostituta,
Ao som de retumbantes gargalhadas.»

ENFERMEIRA

Não ha-de; que este innocente
Que dorme tranquillamente,
Tem por si o olhar de Deus!
Ninguem ousará manchal-o;
Todos hão-de respeital-o,
Para que acatem os seus.

O pae que tiver creanças,
E já conheça as provanças
Dos que não têm outra eschola,
Senão mendigar o pão,
Ha-de-lhe dar uma esmola,
Se o vir estender a mão.

A mãe boa e carinhosa,
Que haure uma vida ditosa
Por entre os filhos, no lar,
Olha sempre meigamente,
Para o transido innocente
Que vê na rua a esmolar.

As grandes almas honestas,
Livres das garras funestas
Que rasgam os desherdados,
Hão-de correr com transporte,
A salvar da cruel morte
Os mofinos engeitados.

Não receies da miseria!...
Se te cospe a vil materia,
Despreza o seu vão furor.
Volta as costas a essa gente,
Porque Deus, o Deus clemente,
Minora aos filhos a dor.

Que importa venha o desforço
D'essa raça deshumana,

Empregar a furia insana
Nos filhos do soffrimento,
Se não nos morde o remorso
De practicar más acções?!

Que importa o insulto violento
Da sociedade madrasta,
Se a consciencia nos affasta,
D'esses ferreos corações?!

INNOCENCIA

Como te enganas creança!...
Eu já perdi a esperança
De socegar uma hora,
D'este anciar tão profundo...
Tu crês, porque olhas o mundo,
Só pela parte de fóra.

Perdida por seus encantos,
Vertendo amargosos prantos,
Despresaste insultos vãos!
Venceste pois, n'esse dia:
E vens, n'uma enfermaria,
Soccorrer os teus irmãos.

[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]

[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]

ENFERMEIRA

Pois não é tua essa gentil creança?...
Esse pobre innocente não tem mãe?!

INNOCENCIA

Tem, decerto; sou eu mãe adoptiva,
Não lhe resta no mundo mais ninguem:

Ao dar meu filho á luz, entrou-me em casa
O pae d'elle, um devasso, um vil tratante,
E arrancou-m'o dos braços com violencia,
Para matal-o em face d'outra amante!

Levantei-me, sem medo á dura morte,
E sahi á procura do villão;
Mas decretára a minha ingrata sorte,
Que toda essa fadiga désse em vão.

Muitas horas, lavada em pranto amargo,
Vaguei, pela cidade baixa e alta;
Porem, sempre a roer-me os seios d'alma,
Do amante a infamia, e do innocente a falta.

Entregue á minha dor, achei-me errante,
N'um grande labyrintho: e não sabia
Por onde caminhava. Eram mil furnas,
D'onde, ha seculos já, que o sol fugia.

Quando a manhã rompia, dei, de frente,
Com um largo pateo da cidade antiga,
Cuidando achar, n'esse antro pestilente,
Onde quebrar as ancias da fadiga.

Não havia sequer um vão de porta,
No esgoto affeito aos contos de soalheiro,

Onde abrigar a fronte, semi-morta,
Dos insultos violentos de Janeiro.

Encostei-me á janella d'um casébre
De apparencia mesquinha pobre e triste;
Busquei suster-me em pé, mas veio a febre
Surprehender-me ali, de lança em riste.

Se não morri n'esse cruel momento,
Cheguei quasi a perder toda a esperança;
E se tenho de vida um frouxo alento,
Bebi-o no vagir d'esta creança.

O frio d'essa noite amargurada,
Nas artérias o sangue me gelou,
E tombei sobre os seixos da calçada,
Como o choupo que o vento derrubou.

Soltei um grito angustiado e forte,
Mas ouvi responder-me a solidão!
E seria, talvêz, preza da morte,
Se este anjinho do céu não chora então.

A um canto do lenteiro, onde eu gemia
Prostrada e quasi morta,
Abriu-se a larga porta
Onde um pobre trapeiro residia,
E veio ao limiar,
Com o triste innocente juncto ao peito,
Afflicto, a soluçar;
E ao ver assim o velho, esfarrapado,
Ergui-me do calcáreo,—do meu leito,
E tomei nos meus braços o engeitado.

Amamentei-o: e n'esse mesmo dia,
Foi o velho, com elle, ao Provedor
Do albergue destinado aos infelizes,
Cujos paes negam sempre o deus do amor.

Ninguem quiz dar-lhe o caridoso auxilio!
Todos o olharam com desdem fatal!
Mas, quando, á tarde, elle volvia a casa,
Trazia uma fortuna collossal.

Tinha-a perdido o meu cruel amante,
Que ficou arruinado, e sem abrigo:

Quão depressa lhe veio a expiação!....
Era o fructo do crime,—era o castigo!

E apesar dos seus actos imperdoaveis,
Não queria, ainda assim, vel-o infeliz
E então, fiz-lhe saber que o seu dinheiro
Estava em mão amiga. Elle não quiz,

Preferiu atirar-se loucamente
Ao mar, d'onde um maritimo o salvou,
A curvar-se á mulher que elle perdêra,
Á mulher que uma vez sómente amou.

Eu fugira de casa do trapeiro,
Para levar a Alfredo as boas novas,
E rodeei sua casa muitas vezes,
Mas lá dentro jazia a paz das covas.

Perguntando por elle á visinhança,
Todos davam respostas tão crueis...
E ao cabo, aconselhou-me um seu amigo,
Que o procurasse á porta dos bordeis.

Ao lusir do clarão da madrugada,
Achei-me, por acaso, ao pé do mar
Com esta creancinha enregelada,
Por não ter com que então a agasalhar.

Foi n'essa occasião que vi lançar-se,
No algoso e vasto leito,
O desgraçado, que antes desejava
Á morte ir entregar-se,
Do que acceitar da mão de quem o amava,
O que lhe pertencia de direito.

Despenhei-me no abysmo! elle era o meu amante,
E o amor impelliu-me a que o salvasse;
Mas já quasi a affundar-se e quasi agonisante,
Repelliu-me e escarrou-me sobre a face...
Persegui-o com febre; e vendo certa a morte,
Pois, quem nos salvaria?...
Alcancei-o de novo, e cheia de transporte
As carnes lhe mordia.

. . . . . .
. . . . . .

Abraçados, formamos um novello,
E emfim, nada mais sei...
E d'esse torturante pesadelo,
Agora é que acordei...»

* * *

Já vês meu bom leitor que a triste desgraçada,
De seu filho encontrar, perdera a meiga esperança,
E offerecia o peito aos labios da creança,
Que encontrara faminta e rota e abandonada.

Creu n'um porvir ditoso; e ao ver-se desprezada,
A sua alma viril, não treme, não descança!
Lucta co' a desventura, e ao cabo sempre alcança
Quem lhe adóce o viver, na pedregosa estrada.

Lembrando-se do filho, um pranto que escaldava
Innundava-lhe o rosto, e a magoa mais selvagem
Co' a raiva do chacal, o seio lhe rasgava!

Mas quando diffundia os olhos, de passagem,
Nos labios da creança, onde o sorrir brilhava,
Sentia-se melhor,—voltava-lhe a coragem,

III

A minha lyra, coitada,
Não quer urdir mais estrophes.
Se canta fica extenuada,
Se tosse, cospe-me os bofes.

Dicta-me certas passagens,
Faltas de senso e de practica;
E dá pontapés selvagens
Na deusa austéra—a grammatica!

Pergunto-lhe ás vezes: «Filha,
Qu'é d'êlles os teus perfumes?...
Faz versos de redondilha,
Como punhaes de dois gumes!

Enfeixa as canções que espalhas,
Toma-as em guisa de açoite,
E verbéra esses canalhas,
Que andam na sombra... de noite!»

E a pobre enferma soluça
Ao ver os cachões do vicio,
Como flor que se debruça
No cairel d'um precipicio.;

E diz-me: «Os versos que eu faço,
Estylo claro os alaga!...
Se a alguns sobeja um pedaço,
Vão outros curtos em paga.

O meu poema é moderno,
Como não ha outro assim;
Foi bosquejado no inverno,
Que ha poucos dias deu fim.»

Parece que alguma bruxa,
Lhe bebe o sangue das veias!
Pois a infeliz pequerrucha,
Não juncta duas ideias.

Desde que tem mais trabalho,
Anda a queixar-se do peito!
Quanto mais lido e batalho,
Mais ella me perde o geito.

Pois sinto uma grande pena
No centro do coração,
De ver finar-se a pequena,
Com molestia de pulmão.

Disse um agiota honrado,
Que sobre a *burra* se deita,
Que ella valia um *cruzado*,
Quando era san e escorreita.

O dinheiroso banqueiro
Disse, depois de auscultal-a,
Que só seiva de pinheiro
Conseguiria afinal-a.

Eu julgo mais acertado,
Ir preparando o epicédio;
Se o meu carinho é baldado,
Será baldado o remedio.

Mas sinto um pranto desfeito,
Quando ella me vem fallar,
Se escuto, dentro em seu peito,
Os bofes, a farfalhar.

E que meiguices desata
Nesses momentos fataes!...
Até me lembra uma gata,
Que me legaram meus paes.

E quando ella me affiança
Que nunca se prostituiu!...
Tem mesmo um rir de creança...
Doçura assim ninguem viu.

Que voz tão meiga e tão fresca!...
Que ingenuidades tão sans!...
Torna-se ás vezes grutesca,
E até faz rir as irmãs.

Vês tu leitor que miserias,
Depois d'um bello soneto?
Tractando coisas tão sérias
Descambo no tom faceto!

São coisas da minha lyra,
Caprichos,—aberrações!
Por mais que as *primas* lhe fira,
Tem sempre d'estes senões.

Isto não quadra, a quem gosa
Fama de um tanto *realista;*
Sendo ella meiga e chorosa,
Sahiu-se agora humorista?

Não rias leitor, não rias,
Não rias mais por quem és,
Se em todas estas poesias
Não vês cabeça nem pés.

Tu has-de enviar-me a setta,
Dizendo: «Meu Deus! que *blague!*
Um estanqueiro poeta!!...
Ninguem as faz, que *as não* pague.

Que penna tão copiosa,
Que palpitantes mentiras!
Que prosa! que baixa prosa!
Ao que chegaram as lyras!...»

Tens muita razão! Mas hoje
É poncto p'ra mim, de fé,
Que o plectro nem sempre foge
Horrorisado, ao rapé.

Estás vingado da musa!
Vinga-te mais, que inda é pouco.
Foi uma *sciencia infusa*,
Que fez d'um artista — um louco.

Ninguem se esquiva dos fados,
Que todos têm seu fadario!
E eu devo, por meus peccados,
Levar a cruz ao Calvario.

Por isso editor's diversos
Do nosso bom Portugal,
Não deram pelos meus versos
Nem mesmo um triste real!

Ninguem os quiz nem de graça!...
Pois... se ignoravam meu nome!!...
Vejam que enorme desgraça
Para quem tivesse fome!...

Custou-me apanhar, de frente,
Resposta assim dura e fria;
Mas lembrei-me, finalmente,
De ter má calligraphia.

E agora estou resignado,
Mesmo apezar do desprezo:
Que os homens tinham jurado,
Mercar poemas. . . a peso.

Compuz, em horas serenas,
A minha obra predilecta;
E sendo estanqueiro, apenas,
Fiz-me operario. . . e poeta.

Dois empregos! O segundo
É limpo, e menos pesado;
Mas faz-nos viver n'um mundo,
Onde o *jejum* é forçado.

Andei com os typos, um anno,
N'uma guerra aberta e feia!
E ao fim d'um trabalho insano,
Imprimi esta epopéia.

Ninguem me apanha um volume,
Por menos de seis tostões:
Que versos d'este perfume,
Só brotam das *Podridões*.

Vou dedilhar no pandeiro
Uns poemetos *catitas;*
Mas hei-de estudar primeiro
A fazer letras bonitas.

Com estes bons elementos,
Está garantida a venda!
Uma obra em corpo *seis centos,*
Não faltará quem a entenda.

Dizia um poeta ha dias:
«Buscar editor? miseria!...
O trovador tem poesias,
Um editor é materia.»

Achei-lhe razão; e acato
Esta sentença moderna.
Topei um homem sensato,
Sem accender a lanterna.

CANTO QUINTO

HERESIAS LYRICAS

HERESIAS LYRICAS

(A EDUARDO MAIA)

I

Eu já cantei, do amor, os languidos requebros,
E o vasto imperio seu!
O morno cogitar das sonhadoras Lélias,
As magoas de Heloïza, os prantos das Ophelias,
E os beijos de Romeo.

Já celebrei, na lyra, a flor avelludada
Que espalha aroma a flux;
E o mar, o azuleo mar, ao longe, em calmaria;
E o roxo despontar do astro gazil do dia,
Que inunda a terra em luz.

A grande inspiração dos lyricos poetas,
Em mim jamais senti.
Jurei amor ideal á prateada lua,
Sem nunca me importar da infamia negra e crua,
Que se atropella ahi!

Cantei na adolescencia o mago lar paterno,
Com seus encantos mil;
E vagamundeei nas grimpas dos outeiros,
Fictando, embebecido, os raios derradeiros,
Do puro sól de Abril.

Cantei a veiga, o valle, o monte, a relva, o prado,
E o manso cordeirinho;
E em meu peregrinar nos prolongados cumes,
Escutei, magoado, os eternaes queixumes
Da rola, ao pé do ninho.

Tudo isto eu decantei n'um metro agreste e rude,
Suspenso, extasiado!...
Rompi a trança adusta aos matagaes cerrados,
Abrindo um novo trilho aos sequiosos gados,
No cêrro alcantilado.

Desci á veiga amena, onde sorria a espaços
Um floreal matiz;
E ouvi sem respirar, as doces harmonias
Das aves, em festins de amadas alegrias,
De quem se crê feliz.

No meu profundo enlevo, ás vezes me esquecia
Do armento que guardava:
E ao debil ciciar da brisa nas ramagens,
Dormia a somno solto; e então quantas imagens
Na mente desenhava!...

Como eu era feliz!... Se agora inda fruisse
Aquella paz de então!...
Por entre ondulações agrestes de poesia,
Que canticos de amor minh'alma desferia,
Na infinda solidão!...

Feliz que eu era ali, sem ter ainda empunhado
A taça de agro fel!
Sem conhecer da vida os fundos precipicios,
Nem a lei, que protege os roubos e os flagicios,
Do salteador cruel!

Feliz do que não sabe as fundas ironias
Que o mundo em si contem!
Feliz quem nunca entrou nas mundanaes ideias,
Nem viu o irmão gemer ao peso das cadeias
De escarneo e de desdem.

Feliz quem nunca viu o rosto encarquilhado,
Da pallida miseria;
E a face do senhor que entrega aos seus creados
O harem, onde repasta os orgãos, enfrascados
Em lubrica materia!

A charrua do Bem arando as sociedades,
Mil podridões assoalha!
Descobre o furacão a raiz dos arvoredos,
E o poeta, do villão os intimos segredos,
E chama-lhe: *Canalha!!!*

Se eu fosse Juvenal, e a chamma inspiradora
A fronte viesse ungir-me;
Erguêra a férrea voz contra os irmãos de Alfredo!
Mas tudo me escaceia... A lyra sente medo,
E teima de fugir-me!

Não me abandones, tu, ó minha doce amiga,
No meio da jornada:
Não entões ainda a morte do poeta...
Ajuda-me a fazer a historia bem completa,
Ó minha lyra amada.

Não escutas, ó musa, os bardos do passado
A vosear na sombra?...
Deixemol-os raivar! Abre horisontes novos,
E amostra a san verdade aos taciturnos povos,
Que a fome punge e assombra..

Os velhos menestreis, sagraram o alahúde
Aos seios volupiaes!
Nós pedimos p'ra os vis a carcereira grade!
Cantamos com amor, da sancta liberdade
Os risos virginaes.

Elles, fallam de Deus, do inferno e purgatorio,
E da eternal ventura;
Nós mostramos o seio á geração mais nova,
E fazemol-a crer que ha-de findar na cova,
A nossa raça impura.

Nós, os faltos de pão, descançaremos junctos,
Sem um letreiro amigo
Que indique ás gerações nossa ultima paragem;
Mas os ricos farão identica viagem,
De casa p'ra o jazigo.

Nós havemos de ter uns peitos dedicados,
Cheios de amor profundo,
Que nos vão conduzir, nos musculosos braços,
Ao campo, onde se extingue, em lividos pedaços
O nosso algoz—o mundo!

E que importam, ao pobre, os mausoléos gigantes
Dos grandes do universo,
Se elle abraça o dever e os seus irmãos na sorte!
Se foi bom cidadão desde o nascer á morte,
E o rico foi perverso?!

Que gloria quer maior?... A gloria dos pequenos.
E' esta: outra não ha,
Senão a que conquista algum talento egregio,
Que offusca o brilho falso ao velho manto regio,
Que a ideia rasgará!

II

Innocencia, passados alguns dias,
Sahia do hospital com o engeitado,
E foi pedir gasalho a alguns parentes,
Que o acaso lhe tinha deparado.

A tristeza porem, juncta á vergonha,
O corpo novamente lhe prostrava;
E no leito da dor dizia anciada,
Ao pobre innocentinho que affagava:

. . . . . .
. . . . . .
Que tempo que eu gosei na solitaria aldeia,
Onde surgi á luz!...
Mas breve se dissipa a candida ventura,
E a sorte nos conduz ao trilho da amargura,
E préga-nos na cruz.

Eu vivo desterrada, e faltam-me os carinhos
Dos entes que amei tanto!
Não vejo um ente, só, que venha desvelado,
Um balsamo verter no seio angustiado,
De quem se dêle em pranto.

Adeus mundo traidor! A campa que me espera,
Aberta vejo alem!
Vou occultar ao mundo o rosto macerado!
Onde jaz o mesquinho, o sabio, o potentado,
Irei morar tambem.»

* * *

Ella já via andar a morte horripilante,
A olhal-a de travéz!
E brandindo no espaço o alphange incoercivel,
Parecia bradar-lhe em funda voz, terrivel,
—«Encurva-te a meus pés!

Prepara-te mulher, que eu venho aliviar-te
Esse pungir tenaz;
Só eu sei consolar, da vida, as amarguras!
Abrindo á humanidade as largas sepulturas,
Dou-lhe o descanço,—a paz.

Se queres reponsar á sombra d'um cypreste,
N'um valo fundo, enorme,
Não dês um passo mais! Faz-me prezente da alma,
E pódes ir gosar a silenciosa calma,
Aonde o pária dorme.

Julgavas tu acaso, ó putrida materia,
Que a alma ascende aos céus?...
Tu has-de ir estrumar a relva d'um monturo
Como qualquer vivente; e sobre esse chão duro,
Dirás que não ha Deus!

A terra ha-de voltar ao seu primeiro estado,
E tu, és terra só!...
Depois do passamento, em que é que se resume
O corpo do mortal? Em putrefacto estrume,
Depois, mais tarde, em pó.

Estrume do melhor, para adubar os brejos
Onde viceja a palma.
Estrume gordo e bom, mais fino do que o guano;
Feito de seiva de osso e de cimento humano,
E recheado de alma.—»

A triste enferma, então, como que despertando
De um marasmar interno;
Disse áquella visão que lhe revoava emtorno;
—«Bem sei, morte cruel, que não existe o forno,
A que se chama inferno.

Eu sei perfeitamente, ó ceifadora de almas,
Onde é que existe a crença.
Brota da entranha vil dos lobos reaccionarios,
A quem Jesuitas máos e escuros missionarios,
Vendem palhada immensa.

Quando a duvida antiga abandonar meu peito,
Serei a crente emfim!...
Mas eu descri de tudo, ao ver a face ao mundo,
E hei-de lhe votar um odio eterno e fundo,
Qual me jogou a mim!

Hei-de odial-o sim; que uma tremenda féra,
Como a que me rasgou
Com as garras de condor afiadas como lanças,
Faz-me até duvidar das limpidas creanças,
Que o Christo abençoou!

á só creio no acaso inquieto e caprichoso,
E aberrações que tem!
; como não conheço onde a descrença finda,
uem sabe se mais tarde eu descrerei ainda,
Até do amor de mãe.—»

III

—No fim de tão satanica *impiedade*,
A morte ainda a poupou?!— (diria um padre)
Que nos importa a nós que ruja e ladre,
Contra o livre pensar e a liberdade?!

Querias antes ver-lhe os labios murchos,
Cingidos contra as lagens d'uma egreja?
Nega-lhe embora um pão, mas não a insultes,
Que talvêz a ventura ainda a proteja.

Não lhe augmentes a dor, farçante ignavo,
Por não crer nas tisanas que lhe impinges!
Ella traduz o que experimenta n'alma,
Tu és um histrião; não sentes, finges!

Deixa viver a atropellada planta,
Que talvêz ainda a vejas levantar!
Tu jamais te erguerás, porque faremos
De teu corpo, um joguete popular.

Havemos de te ver, lá no futuro,
Quando a crença estiver de todo morta,
Á luz que ha-de emanar da Ideia Nova,
Mendigar uns dez reis de porta em porta.

Dirás, na rua, aos grupos sediciosos,
Que hoje alcunhas de apostolos do mal,
As palavras textuaes da desgraçada,...
E a gargalhada então será geral.

Negarás tambem Deus, furia do inferno,
Só para enternecer o peito humano!
Mas terás em desconto do trabalho,
O que o Bocage dava ao Franciscano.

Has-de-te arrepender de nas egrejas
Empregar, nos irmãos tanta fereza!
Não ha lugar p'ra Deus, quem rege os mundos,
E' a nossa mãe commum,—a natureza.

Dizem-n'o os astros que no céu rutilam!
Dizem-n'o os ventos que sibilam no ar!
Dil-o a torrente que fustiga as penhas,
E leva as páreas ao soberbo mar.

Dizem-n'o as rochas onde avulta o musgo,
Dizem-n'o os prados onde cresce a relva;
Dil-o a florinha a rescender olores,
E a meiga brisa a murmurar na selva.

Tudo quanto produz a terra immensa,
Bem denota uma força enorme occulta,
Mas não é o tal Deus dos céus profundos,
O *pae* que os filhos mortifica e insulta.

Eu tambem tenho religião e crença,
E é nunca fazer mal a meu irmão;
E' pôr os olhos na desgraça alheia,
E é dar a esmola a quem me estende a mão.

E' dar ensino aos pobres ignorantes,
E agasalhar os desgraçados nus:
E' dar pousada amiga aos viandantes,
E' seguir os preceitos de Jesus.

E' não fazer aos mais o que aborreço,
E os filhos sustentar que Deus me dá;
E se ainda a vossa excommunhão mereço,
Venha ella depressa! Quero-a já!

Mandae pedil-a ao Papa sem demora,
Que vou ser um feliz excommungado!
Se me vedes franzino e magro, agora,
Já sei que hei-de engordar como um cevado.

Não é que me pareça grande cousa,
Ser gordo onde o sustento é *puxadinho*...
Mas quando baquear dentro da lousa,
Hei-de fartar os vermes de toucinho.

E os grandes comilões da sepultura,
Como não são judeus, hão-de gostar.
E quem sabe se as banhas e a fressura,
Os tasqueiros virão arrematar?...

São mais dispendiosos corpos grossos,
Mórmente por motivo da *farpella;*
Mas não me hão-de chamar *um carga de ossos,*
Nem *cinco réis de gente* ou *magrizella!*

Bem sei que hei-de gastar dobrado panno,
Do lado posterior dos meus calções!
E aos trens de praça, é livre já de engano,
Que darei muita vez os tres tostões.

Mas não tenhaes receio que eu me rale
Ao assaltear-me esta fatal ideia!
O meu sonho dourado, é que se falle
De mim, nas visinhanças da Tarpeia.

E quando se reunir a gran matulla
Dos bispos e cardeaes,—os anti-castos,
Dizei-lhe que me mandem uma bulla,
Que me é precisa para certos gastos.

Dizei-lhe quem eu sou! Que n'outras eras,
Fiz versos como um louco ao Poderoso;
Mas que vi deslisar dez primaveras,
Sem vender um só livro religioso.

E por isso descri do Deus sonhado,
(Mas perder o dinheiro, foi peor!)
Porque era destinado a um fato usado,
Para me apresentar a um editor.

Porque isto de chamar um alfayate,
P'ra voltar as casacas russas, calvas,
Alem de parecer-me disparate,
Faria rir decerto, os *marialvas*.

Não tem razão de ser. Perfeitamente
Conheço, que não têm de que se rir.
Volta a *casaca* a mais distincta gente,
Se o partido que abraça vê cahir.

Sujeitos conheço eu, gente graúda,
Que beija as mãos ao rei na audiencia publica,
Mas vendo um petroleiro até o saúda,
Receiando que venha inda a Republica.

Podéra não saúdar!... Vamos que o thesoro
Desaba, entre um granizo de metralha,
E elle ahi fica nos braços do abandono,
Sem ter um peito amigo que lhe valha!

Sempre é bom prevenir. Houve um sujeito,
Que ao passar uma ponte, olhou p'ra o cabo,
E apesar de fugir do parapeito,
Levava a ideia em Deus e no diabo.

) ver-se escapo de tomar um banho,
eis o que elle disse em ar de graça?...
eram dois mythos de egual tamanho,
os na mesma fôrma, e de egual massa.

m questões theologicas, constava
ninguem lhe chegava ao calcanhar;
uando n'uma egreja acaso entrava,
sempre no intento de rezar.

mbora não rezasse, o que era certo
que mostrava um rosto satisfeito!
uando alguem se lhe abeirava perto,
hia os labios a bater no peito.

ntão a persignar-se era outro encanto!
ha uns modos brutescos, desmanchados!
enava primeiro ao Deus *pau sancto,*
no quem chama um moço de recados!

era vicio nativo elle que o diga,
emfim quizer fraternizar comvosco!
.. o canto finda aqui! Diz-me a fadiga,
e basta de phraseado baixo e tosco.

CANTO SEXTO

FARÇAS MODERNAS

FARÇAS MODERNAS

(A A. CESAR CORRÊA)

I

Que triste vida passa,
O homem sem familia!...
Que noites de vigilia,
Que solidão, meu Deus!

Fui sempre, desde o berço,
Do soffrimento, a imagem,
E ao termo da viagem,
Qu'é dos anceios meus?...

Fortuna, és caprichosa,
Não achas quem te dóme!
Quando eu sentia a fome,
Vivia em sancta paz.

Correste a visitar-me,
O' sonho de ambiciosos,
E em vez de ledos gosos,
Dás-me um soffrer tenaz.

Que triste vida passa
Quem vive só no mundo!
Que abysmo tão profundo,
Que mésta solidão!

Deixa-me em paz agora,
Falsissima ventura,
Que geras a amargura,
Ouro attrahente e vão!

Na falta d'um amigo
Que adóce as minhas magoas,
Que abrazadoras fragoas
Me vêm ralar aqui!

É mais feliz a rocha
Que avulta na montanha:
E a giésta e a saganha,
Têm sól que lhes sorri.

O prado tem a relva,
E a flor que se espaneja,
Se algum insecto a beija,
Sugando-lhe o liquor.

Do verme ao ente humano,
Tudo recebe affagos;
E eu libo, a enormes tragos,
A mais lanhante dor.

Quem soffre mais na terra?
Quem é mais desgraçado?
Furtaram-me o engeitado,
Onde é que elle estará?

Riqueza, vae-te embora,
Que a dor em ti se estampa!
Prefiro a paz da campa,
Que tu és falsa e má.

Ó Deus dos pequeninos,
O' Christo! O' rei dos sabios,
Vem-me depor nos labios,
Teus doces linimentos;

Que morro, sem um ente
Sobre este mar de escolhos,
Para cerrar-me os olhos,
Nos ultimos momentos.

Tu és bondoso e forte,
Meu doce Redemptor,
E arranca-me esta dor
Com que gemendo estou!

Senhor, porque me negas
A seductora esperança,
No rosto da creança,
E do anjo que a levou?

O' Deus, eu só queria
Cingil-os contra o seio,
E ser-lhes mago esteio
Nos escabrosos trilhos.

Quanto feliz eu era,
Já n'esta edade, agora,
Deitando a alma que chora,
Velado por dois filhos!...

Que dor lacera o peito,
Do homem sem familia!
Que noites de vigilia,
Sem nunca repousar!

Que vida tormentosa!
Que mundo tão malvado!
Sou como o degredado,
Nas plagas do ultramar!

II

Já sabes meu leitor, quem é que lastimava
A falta de familia?
Era o trapeiro antigo, o velho que ajunctava
Um montão de papel na habitação profunda,
Que tinha por mobilia
Uma arca defumada, e uma rebeca immunda.

Deslisava Setembro. O sol fulgente
Que banha a terra em luz,
Ficára a dormitar suavemente.
Como os ociosos e os vadios nus,
No leito, onde a preguiça flatulenta
Se põe de sentinella
Áquelles a quem Deus negou cuidados,
Na treva lutulenta,
Aonde se encapella
O oceano que traga os desgraçados.

E' que o astro do dia, ao desvendar a fronte,
Vira a tampa do mundo inçada de cratéras,
E as aguas a espumar nos barrocaes do monte,
Onde o rebanho ondeia, e onde se acoitam féras.

E a torrente, na furia em que rompia a entranha
Do monte secular, ía arrastando as lenhas,
Abrindo, no pendor da longeva montanha,
Abysmos cocytaes, e arreganhadas penhas.

No sobpé do rochedo, o mar bramia irado,
Como na brenha ignota o lobo esfomeado,

Escancarava a bocca enorme, alvi-espumante,
Para sorver, d'um trago, a carne palpitante
Da rêz que vem fluctuando á turva flor da cheia!

Por tudo isto, leitor, pódes fazer ideia
Do enxurro d'esse dia,
Que levava ás sargentas da cidade,
As fézes podres, que a miseria humana
Deitara da janella, finda a orgia
Desenfreada, insana!

Era deserto o bairro. Apenas de hora em hora
Se via deslisar, da longa rua em fóra,
Algum habitador d'aquellas térreas furnas,
Onde a plébe digere as magoas taciturnas
Que invadem o ímo d'alma á classe derradeira.

III

Do pateo na soleira,
Viu o trapeiro que se approximava,
Mui vagarosamente,

Um homem, cuja face denotava
Estar convalescente.

Mesmo sem ser curioso,
O velho assestou n'elle um firme olhar,
E murmurou, receioso
De que elle o surprehendesse inda a fallar:

«Que homem tão singular!... de chapeu alto e luva
E em tempo assim tão máo sem ter um guarda-chuva?!

Esperemos um pouco,
Para vel-o de perto. Acaso será um louco
Fugido do hospital?
Talvêz... eu não duvído! a indiscrição qu'importa?
Hei-de oppor-me, de resto, a que transponha a porta
D'este sinistro vall'!

E quem póde saber se é chefe de policia,
Em louco disfarçado?
Se elle virá trazer a magica noticia
Do pobre do engeitado?...

Seja o diabo até, que venha procurar-me,
Para levar minh'alma ás grelhas infernaes,
Que seja um bandoleiro enviado p'ra roubar-me,
Não hei-de recuar em frente aos seus punhaes!

Que venha! Hei-de luctar! eu nunca fui cobarde,
E no occaso da vida hei-de provar quem sou!...
E quando o velho, em si, fazia tanto alarde,
Ouviu dizer: *Ladrão! quem foi que me roubou?!*

Voltou-se, e juncto a si viu agitar no espaço,
D'aquelle forasteiro, o descarnado braço.
Encarou-o por face; e não sabendo a causa,
Seu braço ergueu tambem...
Seguiu-se longa pausa,
Nenhum palavra deu... Quem fosse a contemplal-os,
Julgara-se n'um circo, a ver dois fortes gallos
De crista erguida no ar! Era um prodigio vel-os!
Do meu velho trapeiro os nividos cabellos,
Faziam trepidar o estranho adversario.

Pensou, e resolveu, que um chefe ou commissario
Da policia da terra, embora que selvagem,

Não podia baixar a essa fatal voragem,
Onde revoluteia a classe derradeira.

Não passava ninguem. Sómente uma rameira
Lá muito ao fim da rua, apparecia a espaços.
O trapeiro, ao fictar os olhos, semi-baços,
N'aquelle homem que vinha empregar n'elle o insulto,
Vibrou-lhe a bofetada, e viu fugir-lhe o vulto
Com grande rapidez, como visão sonhada!...

Tombara-o fulminado em meio da calçada.

E o velho ao ver por terra aquelle corpo exangue,
A tremer de pavor, e já golphando sangue,
Ergueu-o, sobre o cóllo e foi depol-o em casa.

Sentira da consciencia a sublimada aza,
Reprovar-lhe n'essa hora o proceder de *faia*.

A victima por fim, no leito já desmaia,
E ficou-se a dormir um somno descançado.

Sentiu o velho então, o ambiente camphorado,
E chegou-se de perto ao hospede dormente
(Que se lhe apresentou tão rispido e insolente)
Por ver d'onde emanava aquelle cheiro activo,
E inteirar-se tambem se elle era morto ou vivo.

Desabotoou-lhe o fato, e em rapido momento
Viu-lhe o corpo ligado e a tresandar unguento,
E o camphor a roer-lhe a carne apodrecida,
Que estava a fermentar na cancerosa f'rida,
Que abria a goélla immensa aos olhos do trapeiro.

Não podendo soffrer este ungulhoso cheiro,
Estendeu-lhe um lençol por sobre o corpo exhausto,

. . . . . .

Acorrentado ali a um pelourinho infausto.

Depois, o velho trapeiro,
Ainda a tremer de susto
Conseguiu, com grande custo,
Despir aquelle infeliz
Que dormia em sancta paz.

De repente, solta um grito!!
N'um bilhete vira escripto:
O CAMBISTA, ALFREDO VAZ.

E então, cautelosamente,
Leu o cartão do outro lado,
Que dizia, simplesmente:
«Tentei morrer afogado
Mas não o quiz minha sorte!
Não abandono esse intento;
E agora em sitio affastado
Farei a vontade á morte
Assassinando o Tormento!»

E lá do seio no fundo,
Dizia o velho sublime:
«Anda cá maldicto mundo!
Olha o producto do crime!

Emquanto que tripudias,
N'alguma dança infernal;
O teu socio nas orgias,
Sente as garras perfurantes
Do carniceiro chacal
Que rasga o seio aos tratantes.

Olha este quadro! Não rias,
Aprende na dor alheia,
Que has-de sentir dentro d'alma,
Toldarem-se as alegrias,
E murchar a flor da ideia.

Vês este corpo arquejante
Aspiras o olor que espalha?
Isto não era bastante,
Para esmagar um... canalha!!...»

IV

Correram alguns dias. O doente
Tractado com amor e com carinho,
Levantou-se da cama, e de repente,
Fallou d'esta maneira ao bom velhinho:

«Constou-me no hospital que achaste em certa noite
N'uma deserta rua,
Em trapos envolvida

Uma creança nua,
E que lhe déste fim.
Homem que a tal se afloite,
Julguei não existisse!

Agora, quanto a mim,
Commetteste decerto um duro infanticidio,
Embora eu tal não visse!»

«Achei esse innocente,
Mas dei-o a uma mulher que o tracta como a filho;
E já lhe destinei um grande subsidio.»
Respondeu o trapeiro, olhando-o frente a frente.

ALFREDO

Um subsidio, como? então d'onde é que herdaste
Uma fortuna tal?...

TRAPEIRO

Achou-a o engeitado, aquella tenra haste,
D'um coração brutal!...

E o velho descreveu-lhe claramente
Mas triste e compungido,

E com vontade até de o soccorrer,
N'aquella situação desesperada,
O caso succedido,
E a sancta apparição inesperada,
. . . . . .
D'uma gentil mulher.

ALFREDO

Pois eu quero matal-o! Onde é que o tens occulto?!
Fiquei por sua causa a braços co'a desgraça!...
Já não quero o dinheiro: é o preço adiantado;
Mas has-de-me entregar o filho e a vil devassa!!

Depois hei-de ser rico e grande e poderoso,
Para mostrar ao mundo o que o dinheiro faz:
E em orgias sem fim, por entre as Venus falsas,
Poderei conhecer o que é socego e paz.

ALFREDO

Mas a paz é depois do passamento,
Ao cabo d'um pungir fundo e cruento,
Em que o homem blasphema e se maldiz.
A paz, quem n'a gosou senão na lousa?
A paz, deita-se ao pé de quem repousa,
Quem ahi sem dor baixou, é bem feliz.

Quem póde ser ditoso antes da campa...
Se ladeamos o mundo sobre a rampa
Do insondavel abysmo dos horrores!?...
Conheces esse abysmo? É o cemiterio...
Tudo se extingue ali; glacial mysterio
Que divulgam os vermes roedores.

Lá embaixo é que habita a paz da morte,
Quando a pesada mão da humana sorte,
Grava sobre uma pedra o esquecimento.
N'esse antro pavoroso dos extinctos,
Roei-lhe o coração, vermes famintos,
Que não heis-de escutar nem um lamento.

Mas não dilacereis a alma dos justos
Oh! vermes de dois pés, novos Procustos,
Deixae-os acabar sem afflicção:
Se os virdes a chorar limpae-lhe' as bagas,
Não rasgueis ao que soffre as grandes chagas,
Que o destino lhe abriu no coração.

Amae vossos irmãos! São todos filhos
Do que subiu, descalço, os longos trilhos,
Que vão dar aos desertos do Calvario!
Affagae-os na dor! São bons, são castos!...
E vós á morte os conduzis de rastos,
Tintos de sangue, envoltos n'um sudario.

Tintos de sangue! O' despotas, maldictos,
Apostolos do Mal, tigres precitos,
Sois a escoria mais vil e mais abjecta!...
Vós heis-de perecer, quando a balança
Da Justiça e do Bem, gritar:— *Vingança!*
Sou filha do Direito, hei-de ser recta!!

Vós haveis de acabar, leões sedentos!...
E do vosso covil os ornamentos,
Serão pasto das chammas escarlatas!
Ellas hão-de engulir vossas riquezas,
E findar bachanaes, findar torpezas,
Ao toque dos clarins dos democratas.

Estes hão-de trepar ás cordilheiras,
Para entoar as nénias derradeiras,
Das cavernas do crime em que habitaes!
E ao vel-as esboroar, a alma humana,
Ha-de erguer ao azul um novo hossana,
Por desplantar do mundo os canibaes.

Ha-de um pulpito erguer á liberdade
Onde se prégue o Bem; e a humanidade
Os grilhões quebrará que as mãos lhe opprime!
Daixarão de existir monarchas bravos,
Nunca mais haverá párias e escravos;
E ha-de em parte acabar o odioso crime!

Nunca mais. O astro-rei quando apparece
Beija o cariz do céus; e quando desce,
Acalenta sorrindo, a creação.
Nunca teve excepções, a chamma sancta,
Olho enorme de Deus que anima e encanta,
Quando abraça dos orbes a extensão.

A' funda habitação dos desvalidos
Vae-se espelhar tambem, calar gemidos
Ao venerando ancião, vendo-o a chorar.
E se elle não podér jogar dois passos,
Uma alma encontrará que o leve em braços,
E o deponha na relva a descançar.

Aos famintos, aos orphãos sem amparo,
A' mãe que busca em balde o filho caro,
Ao rico, ao mendicante, ao nobre, ao rei,
O astro, filho do eterno, o rei dos lumes,
Vae transformar em riso os mil queixumes,
Que modula na dor a afflicta grei!

Nos sotãos da indigencia, adonde o pobre
Estrebuxa com fome, e que se cobre
Com mantos de miserias e afflicções,
Penetra, embora a furto, a réstia casta,
Distribuindo o conforto a quem se arrasta,
Como um reptil, por entre as multidões.

E ellas ao perpassar nas longas praças,
Voltam a face ás pallidas desgraças,
Que farejam na sombra a caridade!
Deixae pois de as saudar, miseras gentes,
Não curveis a cabeça ante as serpentes,
Que andam a envenenar a sociedade.

São uns monstros crueis, roem a vida
Quando encrespam a juba enfurecida,
Em frente ao desherdado que tem fome.
O' malvados, poupae os que andam rotos!
Mandae o pão amigo a esses esgotos,
Onde agonisa a vida e se consome!

E vós, reis do punhal, heroes da noite,
Perseguís quem não acha onde se acoite,
Para tombar o corpo afadigado.
Vós daes honras aos entes mais devassos,
E no cepo do algoz fazeis pedaços,
O plebeu que vos tem nobilitado.

Um dia inda virá que n'essas frentes
Onde os crimes fervilham quaes serpentes,
Ha-de cahir o gládio da Justiça.
Então heis-de perder a negra vida,
Na contenda de morte, mal-ferida,
Que havemos de travar na grande liça.

Já não vem muito longe esse momento,
Que ha-de levar ao frio esquecimento,
Os verdugos crueis da humanidade!
Preparae-vos á lucta irmãos da sorte!...,
Nos ferros não se vive; reina a morte,
Quando foge o clarão da liberdade.

Riscae a escravidão! Quebrae-lhe os braços!
Segui da liberdade os largos passos,
Com que vae todo o mundo avassallar.
A' lucta! á lucta! á lucta, sem detença!
Vamos ler aos devassos a sentença,
Que os ha-de para sempre exterminar.

Ha-de o mundo rodar sobre eixos novos,
Hão-de as leis de Jesus guiar os povos,
E acabar o odio vil que nos derranca!
Vae ferir-se no mundo a extrema guerra!
Vae tombar a canalha sobre a terra,
Vae a consciencia humana ser mais branca.

ALFREDO

Isso era edificante e salutar devéras
Feito em linguagem tersa, e regular grammatica!
Porém, vive amarrado ás immortaes chimeras,
Que por tolas e vans andam fugindo á practica.

Póde inspirar um canto aos novos sonhadores
Que fallam de Egualdade, e insensam a Utopia!
Mas vá dizer alguem ás pudibundas flores,
Que a noite é mais louçã que a meiga luz do dia.

Neguem-lhe o sol que as doura, e atirem-lhe o granizo
Onde reflecte a luz como n'um mar de espelhos!
E se forem pedir-lhe um languido sorriso,
Fecharão, como á noite, os calices vermelhos.

Que vá dizer alguem ao murmuroso rio
Que suba á cordilheira, e não serpeie e desça!
Vá lá dizer alguem ao condensado frio,
Que se torne calor e o sangue nos aqueça!

Subam á penedia, e emprazem a rapoza
A que deixe de vez, os matagaes e os cumes.
Vão aos jardins em flor, dizer á mariposa,
Que abandone esse mundo, e durma nos estrumes!

Não se endireita o mundo. E' sina! é sina dura
Que todos por sua vez ao cabo hão-de cumprir.
Quando uma geração dá fim na sepultura,
Vem outra ainda peor das trévas a surgir.

TRAPEZIO

Bem sei que [illegible] o berço dos prazeres,
Não podem acabar os homens ambiciosos.
E emquanto se beijar o corpo das mulheres,
Hão-de crescer . . . crescer os grandes criminosos.

[illegible]

Eu detesto a virtude e adoro os malfeitores
Da mulher que se vende. Eu amo o positivo!
Virgens, longe de mim! quero quem ame os vicios!
E sentir, contra a carne um palpitar lascivo!

Tenho um vasto ventre avido a materia farta,
E a carne se derame e se esquaeja e gasta!
Lanço-lhe um trouxo verde, e irado:—«Não me serve!
Traz-me um corpo já gasto, onde saeie a gula!»

E de resto, quem ha que se não renda a um seio,
Alto, carnudo e vasto, e ao ventre dando abrigo?...
Adoro ali, para o resto, um sublimado esteio!...
Eu sou como Falstaff:—adoro o vinho antigo.

TRAPEZIO

Quem póde preferir a carne prostituida,
A' virgem que sahiu das faixas da innocencia?
Devaneias n'um campo esteril, sem sahida,
N'um erro que se prova á luz da consciencia.

E' d'essa podridão que ha-de sahir a peste,
Para varrer do mundo os que te vão nos passos.
A geração moderna ha muito já que investe,
Com a caterva hostil d'esses leões devassos!

E n'essa convulsão d'um mundo que, agoniza,
Has-de cahir e os teus! embora cedo ou tarde,
Quem tem a malvadez por norma e por divisa
Morre estupidamente, assim como um cobarde.

Nenhum ha-de ficar das raças decadentes
A envenenar os bons, á meiga luz dos sóes;
Que as balas do porvir silvando quaes serpentes,
Hão-de poupar sómente os peitos dos heróes.

ALFREDO *(retirando-se)*

Se a morte me negar o abraço extremo e frio
Hei-de reagir, reagir e dominar a sorte!...
E seja eu titular, mendigo, e até vadio,
Onde encontrar meu filho, hei-de-lhe dar a morte.

CANTO SETIMO

REIS E PADRES

REIS E PADRES

(A J. L. P. DE SANDE E CASTRO)

I

Seculo dezanove! Onde conduzes
Esse bando de heróes banhado em pranto?
Porque golfam metralha os teus obuses,
Semeiando entre nós, a morte, o espanto?

O' cohorte eivada de herpes e peçonha!
Porque os levas ao poste da vergonha,
Do opprobrio, e da afflicção que ali campeia?
Que crime hão commettido, os desgraçados,
Para serem á dôr acorrentados?!...
—*São os grandes leões da Nova Ideia!*—

Olha seculo velho: uma nação da Europa
Róla banhada em sangue entre legiões de tropa!
Não ouves praguejar lá muito ao longe?—escuta
As ancias do paiz, cambaleante... Nuta,
Como o rei Balthazar na derradeira ceia,
Carnal e vinolenta; a scena baixa e feia
Que irritou Jehovah, sendo ainda uma creança,
E o fez d'um Deus d'amor, o Deus... o *Deus vingança!*

. . . . . .

E' porque o rei antigo em scenas depravadas,
Não respeitou sequer as taças consagradas,
E tresbordando vinho as entregou sem pejo,
A's suas barregans, ás féras do desejo
Que ensaiavam na orgia uns licenciosos gestos,
Tentando os cortezãos que ainda engulam restos
D'esse infernal banquete!

O' seculo, ergue a vista
Por sobre esses pinhaes, e vinga a erguida crista,
Dos montes de Alcolêa, Alcoy, Bilbau e Cuenca!
Que vês, seculo de *calda de infusão de avéneu?*

. . . . . .

Preferes a um trabuco uma *baldine* e um frack?!...
Bem sei. Tu prezas mais um copo de cognac,
Do que o solo da patria, a esposa e os filhos teus.
Mas treme fracalhão, da cólera dos céus!

Um dia ha-de radiar, um dia inda não visto,
Em que ha-de apparecer na sarça da montanha
Um guerreiro pujante, um seguidor de Christo,
Que ha-de gravar sua mão na fronte á velha Hespanha.

A essa aurora ridente, a esse clarão futuro
P'ra o qual a gente occidua ha seculos appella,
Subirá na fronteira uma atalaya; um muro
Que nos ha-de salvar dos gryphos de Castella!

Vem já perto de nós esse Messias novo,
Abraçar audacioso a grande causa publica,
E enforcar, n'uma praça, entre os hurrahs do povo,
O *direito divino*, e dar-nos a republica.

E ella ha-de surgir radiante, immaculada,
Cingindo um livro de ouro ao seio purpurino:
O *Codigo d'amor*, lei pura e consagrada,
Onde se ha-de embotar o ferro do assassino!

Fugirão de entre nós, os despotas, convulsos,
Porque ha-de então ser livre o curso das ideias!

E livre o coração, livres os nossos pulsos,
Havemos de cantar soberbas epopeias!

Então gente maldita, havemos de arrancar-te
A mascara de ferro. . . e emfim, mandar-te embora,
Rojando sobre a lama o estupido estandarte,
Que o teu rancor senil, contra os irmãos arvora.

II

Sec'lo da Luz, ouve essa dor pungente
Que reboa nos tórridos sarçaes!
Sopeia a furia audaz da vil serpente,
Que semeia na terra os vendavaes!

Olha: vês frondejar o cedro ovante,
Do Libano, ensombrando os descampados?
Não vês como elle firme e triumphante,
Com o sinistro olhar domina os fados?

O gigante nodoso e secularío,
Que devassa co'a vista o esteril cumulo,
Viu o Christo nos plainos do Calvario,
E baixar ás entranhas do seu tumulo.

Encara o sol candente á hora da sésta,
Sem jámais enfiar de susto ou medo!
Sentinella de Deus ao mundo attesta,
Sentinella do mar sobre um rochedo!

—Que tem visto o collosso da montanha?
—Os homens a arrastar férreos grilhões!!...
—E no empolado mar que os pés lhe banha?
—As frotas invenciveis das nações!

—E não viu nada mais digno d'assombro?
—Scenas cuja nudez me cerra os labios!...
Viu, entre dois ladrões, com a morte ao hombro,
O amigo da innocencia—o rei dos sabios!

E assim como elle estende as verdes crinas,
Alonga os braços teus pela verdade,

O' seculo cobarde! Em vão te inclinas,
Para varrer do mundo a liberdade!

Tu vaes curvar-te ao jugo vil, sangrento,
D'um rei absoluto ou d'um roupeta;
E ao cheiro das *migalhas do orçamento*,
Envergarás a *blouse* do grilheta.

E entretanto os heroes, athleticos serenos,
Arremessam a vida ao campo da batalha!
E p'ra ver despontar a aurora dos pequenos,
Morrem, sabendo até que ficam sem mortalha.

Tém a valla commum... e o mausoléu que importa,
Se o homem agrilhoado é uma existencia morta?
Se a planta em liberdade, alonga a rama e avulta,
E definha,... esmorece ao tempo máo que a insulta?

Seculo velho e máo; levanta emfim teus braços;
Não deixes repetir as scenas de outras eras!
Fulmina as ambições dos tetricos devassos,
Entregando seu corpo ás enraivadas féras.

e: «Tremei de mim! Já sôa pela terra
ıultuar febril da ensanguentada guerra
da contra vós! Ressoam vituperios,
ı o despotismo e alagam-se os imperios
) sangue dos vis!... E o torpe jesuita
abe onde abrigar a consciencia afflicta.

ɔi genios do Mal! chacaes sangui-sedentos!
·iras de bordel, monturos graveolentos
ıdos de pus e excoriações doentias,
las, pela noite, em bachanaes e orgias!
vós que profanaes os templos e os altares,
laes representando os pôdres Balthazares!

s o Deus Terror! Sois mesmo uns espantalhos,
ıavemos pendurar nos braços dos carvalhos,
lo o vosso reinado esmorecer caduco!
:lero devasso, andas abrindo a cova
te has-de enterrar: pois, contra a ideia nova,
s a bala ardente e o rabido trabuco!

n grande impostor! Mostras o Christo ás gentes,
ɔmbra de sua cruz andas rangendo os dentes!

Negas a esmola amiga ao teu irmão faminto,
E fallas em virtude e amor e caridade!
Alma de lava ardente em cujo labyrintho,
Rancorosa se agacha a atroz ferocidade!

Vibras punhaes na tréva e andas fugindo á luz,
E assassinas, Bandido, em nome de Jesus,
Fingindo um pranto amargo em face do que expira,
(Um pranto de mulher que atraiçoou o amante!)
Dizendo: *Mandu Deus! E's liberal tratante!*
Morre ahi como um cão; é Deus que nos inspira!

Deus manda assassinar? Pois Deus é assim tyrano
Intransigente e cru?!
Nós queremos um Deus... um Deus republicano,
Mas não peor que tu!....

E' Deus que vos inspira ó monstros repellentes!
Aquelle Deus antigo, o velho Deus dos crentes,
Cheio de immenso amor?
Não póde ser, não creio; isso é d'um scelerado,
De fero sobrecenho e fundo olhar vidrado,
Que até desperta horror!!

)eus quem é de resto? Alguma sombra escura,
Egual á de Satan,
aga, pelos céus descriptos na Escriptura
Aphrodisista e van?

nelle ancião de barba expessa e branca
De gestos arrogantes,
E dentes careados,
nostra lá de cima a livida carranca
A's hervas dos telhados;
E aos povos ignorantes,
'ivem a fossar na terra ledacenta,
;uem com o olhar os monstros singulares,
lesenha, ao passar, a nuvem pardacenta
Na immensidão dos ares?!

. . . . . .

;e o vosso Deus, almas de bronze e de aço?!
ávante! ávante!...
Apenas resta um passo,
s-de ver, charlatães, as frontes inspiradas
eróes do futuro:—as meigas alvoradas
: dia feliz, que ha-de varrer do mundo,
pectros do Bem: *o par* nojento, immundo.

III

Não fallo dos potentados
Que foram *apareados*,
No aleijado parlamento!
Não é d'esses parazitas,
Que dizem coisas bonitas,
Com phraseado bolorento.

Não! meus cantos vão parar
Áquelle ente apedrejado
Pustulento e gangrenado,
Que se embriaga no altar.

Mas se inda teimar alguem
Que um *par* costumam ser *dois*...
Rio-me d'elle, e depois...
Ajuncto-lhe o rei tambem;

Porque um rei máo e um máo padre,
Muito embora te não quadre,
Has-de ouvir..... são dois villões!
Os reis, matam com tributos,
E os padres que são corruptos,
Querem dinheiro e orações.

Se elles não fossem quaes féras,
Nem derramassem chimeras
Na cabeça dos plebeus;
Não andava a odiada raça,
A diffundir a desgraça
Em nome do *ignoto Deus*.

Eu por mim, sómente creio
Que a ventura sempre veio,
Pela practica do bem.
Quem fóge á lepra dos vicios
Não precisa de ellicios,
É mais feliz que ninguem.

Haja um culto muito embora:
Tudo a um culto se encaminha!

Eu amo o riso da aurora,
E a flor que brota no vall;
Amo os trilos da avesinha
E amo o rugir do chacal.

Amo a luserna do prado
Pela manhã rociada;
Amo o choupo agigantado
E amo a selva emmaranhada.

Amo as campinas, cobertas
De viridente matiz;
Amo as montanhas desertas
Do meu formoso paiz.

Amo os soluços da briza
E o mugir triste do mar;
Amo a cruz que se divisa
Juncto á lousa tumular.

Amo o pinheiro silvestre
Onde ruge a ventania;

Amo o funéreo cypreste
A gemer de noite e dia.

Amo a formosa coróla
Que exhala magos perfumes;
E o gemer triste da rola,
Que solta afflictos queixumes.

Amo o astro que rutilla
Na immensidade dos céus;
Amo o vento que sibila,
No topo dos coruchéus.

Amo tudo que a natura,
Arrancou do cahos, do nada;
Amo toda a creatura,
E a meiga luz da alvorada.

Amo o silencio da lousa,
Que guarda ossadas amigas!
Amo tudo que repousa,
Apoz de grandes fadigas.

Amando assim, que mais devo
Amar, que de Deus partisse?...
Na vida sancta que levo...
Amava-o... se elle existisse!

Que mais hei-de eu amar n'este universo escuro?
A esteira que tapiza o baixo lupanar?...
A noite acabrunhada e negra sem luar?
A exhalação pesteal que irrompe do monturo?

A escóla sem pudor, que abraça a de Epicuro?
Os cannos de despejo que dão fim no mar?
Do povo soffredor o crebro agonisar?
De impudicas Phrinés, o labio,—o seio impuro?

Não! jámais hei-de amar a pódre mangalaça
E a noite escura e má, que esconde o criminoso!...
Não quero amar tambem os gritos da desgraça.

Se tem toda a medalha um lado esplendoroso,
Voltae-a, e heis-de encontrar-lhe a podridão devassa,
A affirmar que este mundo é torpe e mentiroso.

inda ha pouco nasci, mas tenho já provado
ambrosia celeste e as fézes más do absyntho;
temo ainda colher as chufas, que ao Filintho
patria arremessou depois de expatriado.

alvez que no futuro eu veja realisado,
receio fatal, que ora cá dentro sinto;
me encontre perdido em vasto labyrintho,
omo o Luso senil, faminto e esfarrapado.

rancisco Manuel, exul em terra estranha,
em ter fato capaz de se mostrar na rua,
erseja febrilmente, a ver se acaso ganha

m que possa cobrir a carne semi-nua;
rem a terra ingrata as fauces arreganha,
o vate expira emfim longe da patria sua.

ldicta seja a lei que punge o bardo ingente,
quem o faz arcar co' a negregada fome;
ldicto, quem o obriga a transformar seu nome,
fula inquisição que mata lentamente.

Maldicta seja a raça infame, intransigente,
Que desherda os heróes e a vida lhes consome!
Mal haja quem se oppõe a que o mendigo assome,
A's portas da nação que geme decadente.

Feliz quem vê surgir por sobre as cordilheiras
O sól do seu paiz em plena liberdade,
E á noite, á luz do luar pascendo nas clareiras.

Feliz quem saboreia o pomo da amizade
No lar sempre adornado em galas feiticeiras,
E não geme, como elle, em triste soledade.

O POETA E A MUSA

Estas rimas descoradas
E sem sal,
Vão aqui alinhavadas
Muito mal.

De fazer estes primores,
Só eu tinha
Privilegio.
Colhi-os por entre as flores,
Quando vinha
Do collegio.

Julgando ter um bom éstro,
Versejava
Sem cessar.
Mas ja sei que era mau sestro,
Que me andava
A namorar.

POETA

Minha musa, em que meditas?...
Porque fictas,
Teus olhos, nos meus, assim?...
O que te punge e te inquieta?...
Luz do poeta,
Que desejas tu de mim?...

MUSA

Porque perguntas? bem sabes
Que são graves
As magoas que sinto, aqui
No seio que te estremece,
E arrefece
Quando sou longe de ti.

POETA

Não me esquece, a minha louca?...
Porque é rouca
A tua voz, dias ha?...
Em vão pergunto, não dizes
Se felizes
A poesia nos fará?...

MUSA

Talvez faça... Escuta as aves
Tão suaves
Lá pela sébe a trinar;
E eu, ave triste e sem canto,
Sinto o pranto
Dos olhos a borbulhar.

Alem, sobre as fragas brutas,
Não escutas

O cordeirinho a balir?
O que lastima aquelle anho?
O rebanho
Que o lobo anda a perseguir,

E eu procuro entristecida
N'esta vida,
Quem por mim se encha de dó...
Mas em vão fujo aos tormentos,
Meus lamentos
Ouvem seu ecco tão só.

Puz em ti, logo em creança,
Minha esperança,
Como no sol as violetas;
Entreguei-te o meu destino,
Como a Urbino
Se entregaram as paletas.

Hoje...—inda mal—sinto n'alma...
Uma calma...
Uma indisivel paixão;
Sinto uma dor que me rala,

Que me estalla
As fibras do coração.

Ouves, na franja do monte,
Como a fonte,
Uma rolinha a gemer?
Vês, como emquanto soluça,
Se debruça
N'um raminho a estremecer?

Porque será que ella geme?...

POETA

Porque teme
Perder o seu doce bem!

MUSA

Assim eu, Minh'alma triste,
Não resiste
Trovador, ao teu desdem.

Hoje, ainda de madrugada,
Magoada
Sahi de casa chorando.

POETA

Mas porque? que dor é essa,
Que não cessa
De te estar despedaçando?

MUSA

Esta dor, que me espedaça,
Já não passa
D'este meu peito cruciado!
E' dor que o seio me invade
Com saudade
Do meu poeta adorado.

POETA

Com saudade? ai! não, tu mentes,
Que não sentes
O que me estás a jurar.

MUSA

Sinto que tu me aborreces...
Pois te esqueces
De quem nasceu p'ra te amar.

Ouves, na rósea campina,
Voz divina

Que imita a do rouxinol,
E o prolongado folguedo,
No arvoredo
Onde ora dardeja o sól?

São os plumosos cantores,
Povoadores
Das silenciosas florestas.
Que perfumada poesia....
Que magia
Pullula n'aquellas festas!

As avesinhas que almejam,
Que se beijam
N'esse amoroso festim?...
Esses gosos innocentes,
Quão pungentes
Que se me tornam a mim...

Descantam, por entre as flores,
Seus amores,
Que lhes respondem d'alem!
Gosam sanctas f'licidades;

Eu, saudades
Supporto, como ninguem.

Que dias, horas, momentos
De tormentos!
Que dor o seio me alanha!....
E tu, poeta, sorrindo,
Vaes fugindo
Á musa que te acompanha.

Abraças a prosa chata,
Que retrata
A alma tacanha, inconstante!
E's puramente, materia....
A miseria,
Que desfibra o peito amante.

POETA

Musa, que és tu, se nas cordas
Não tens um louro, uma flor?
Que és tu, se apenas acordas?

MUSA

Sou a arca sancta do amor!

Sou a pomba que definha
Na agonia,
. . . . . .

Sou astro que se avisinha
Das regiões da poesia;
E o mundo falso e cruento,
Nega-me um curto momento
De alegria.

POETA

Coitada musa, coitada,
Que sobre espinhos adejas,
Mas olha, amor, que desejas
Quando choras tão magoada?

MUSA

Que desejo? o meu poeta,
Sonho amado que sonhei;
Uma alma pura e discreta,
Unico ser que adorei.

POETA

Tens razão, tens, pobre musa,
Que amargo fel que te dão!

MUSA

Até o amor me recusa
O mundo torpe e villão.

POETA

Não sou poeta: se o fosse,
Não te veria assim triste!
E era uma coisa tão doce
Dar-te o que tu me pediste....

Mas não posso, porque vejo
No vago olhar dos poetas,
Um requintado desejo,
De me jogarem mil settas.

Vem comigo, musa amada,
Foge ao destino sombrio,
Que nos colha a madrugada,
Na margem de alem do rio.

Vagueiaremos nos outeiros,
Ao som do canto das aves,

E ao farfalhar dos loureiros
Com suas copas tão graves.

Has-de achar, musa innocente,
Um balsamo em cada flor,
Porque um prado recendente,
Dá vida, socego e amor.

* * *

Mas tu choras ó musa? Estes cantos
Exasperam-te o acerbo amargor
Sympathia? Porque abres dos prantos
A cratéra, e semeias a dor?

Tu não és dos poetas o sceptro?
Mas então porque estás a chorar?
Ah! já sei; tu não vibras sem plethro,
Quem é mudo não póde cantar.

Musa, musa, tão meiga em creança,
Porque és hoje de magoas tão cheia?
Via em ti um sorriso d'esperança,
E atrophias-me os éstos da ideia?!...

Mas basta de lyrismo! olha leitor amigo,
Vou continúar aqui a interrompida historia
Que desejas saber. Anda pois tu comigo,
E apura, ainda uma vez, a limpida memoria.

IV

No bairro mais central, da esplendida cidade,
Por traz d'um velho templo,
Havia uma *roléta* onde ia a mocidade
Seguir dos paes o exemplo.

Junto d'este covil, erguia-se um pardieiro
De face taciturna;
E o jogador febril, exhausto de dinheiro,
Entrava n'essa furna.

A *batota* maldicta, era uma forca erguida
Dando a morte moral aos tristes jogadores,
Tendo ao lado o carrasco, a cercear a vida
Aos que iam lá bater,—*a casa de penhores!*

Eu entrei n'aquelle antro ou barathro, ou voragem
Onde vão naufragar os párias esfaimados!
E ao devassar o umbral da sórdida agiotagem
Os cabellos senti, raivosos, encrespados!

Era uma scena horrente! um panorama novo!
Palco, um terreo salão pobado de tristeza!
Actores d'este drama, o desgraçado povo,
A miseria dourada e parte da nobreza!

Par'cia o cahos do nojo! . . . Andavam mil embrulhos
Lá dentro aos pontapés: era uma feira immensa
De trapagem tão vil, que despertava ungulhos,
E espalhava no ambiente um cheiro de doença!

Havia ali de tudo! . . . A colarejа immunda,
A pallida rameira, a anémica modista;
A viuva sem pão, e a joven pudibunda,
O soldado, o malandro, o bebado, o fadista!

O infeliz jogador, viscoso e esfrangalhado,
Que passa a longa noite ás vezes a perder,

Lá deixava tambem, no prégo negregado,
. . . . . .
A camiza d'um filho, e as botas da mulher!

E por entre isto tudo, ouvia-se no espaço
D'esses covis infectos, ...
Um rir escarneador, um rir com dentes de aço, ...
E uns choros desmanchados, ...
Dos que, indo resgatar alguns objectos, ...
Ouviam responder: *Fôram leiloados!*

Entre esta multidão que fome roaz denota,
. . . . . Erguia-se um sujeito,
Que viera empenhar á casa do agiota, ...
Os enxergões do leito.

—Quanto deseja então? dizia-lhe o usurario.
—Peço quatro mil réis . . . . . .
. . . . . .
—Dou dois; isto não presta!
—Ao menos, meia libra. . . acaba-se o fadario. . .
. . . . . .
E' a ultima vez, já nada emfim me resta! . . .

E sahiu para a rua, praguejando
Desesperadamente;
E sumiu-se depois, cambaleando,
Na rua aberta em frente.

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Mais adiante estacou; e olhando p'ra o dinheiro,
Disse: «Tenho um recurso—a caridosa esmola. .
Mas... hão-de m'a negar . . . . . .
. . . . . Na loja d'um armeiro,
Acharei pão de mais... n'um tiro de pistola!»

CANTO OITAVO

ENTRE CYPRESTES

A MEU FILHO

Frederico Herculano Fernandes

A ti, meu lyrio d'alma, a ti flor doce e amada,
Este *Crédo de amor*—o que ha mais sancto aqui!
A ti, que tens no labio um riso de alvorada,
A ti os sons d'esta harpa, e o meu àmor, a ti!

D. M. F.

ENTRE CYPRESTES

(BALATA NOVA)

I

E' madrugada; e no sepulchro gélido,
Reina, de ha muito, um silenciar enorme:
Só dos cyprestes gottejando, as lagrimas,
Choram dos findos o montão que dorme.

Silencio fundo, estagnador e tétrico!
A lua, errante, já nem luz dimana!
Recinto, cheio de phantasmas lívidos,
Onde adormece a consciencia humana!

Do ameno sylpho, o suspiroso anhélito,
Cheio de espanto, a soluçar fugiu.
A flor perdêra o mago odôr balsamico,
Porque saudosa, já murchou—cahiu.

Ao longe, uma ave n'um carpido intimo,
Certo, annuncia d'uma vida o fim!
Oh como é triste e luctuoso e pávido,
Um cemiterio, em noite escura assim!

Voou a brisa, dos cyprestes lugubres,
Para a montanha que ergue o dorso alem!
E o vento, ha pouco a sibilar indomito,
Lançou ás cruzes um formal desdem.

Porque engeitaes essas paragens tépidas,
Doces amigos que vagaes no ar?...
Porque ascendeis aos levantados páramos,
Sopros do eterno, emanações do luar?

Sois mais felizes nos espaços limpidos?
Quereis ser livres?... são desejos meus!...
Que procuraes nas regiões ethereas?
O velho throno onde se assenta... um Deus?...

Olhae p'ra a terra: Ergue-se um vulto extatico,
Juncto das plantas de musgosa cruz.
—Quem és?! bradei ao pavoroso incognito.!—
—Eu sou a *treva* que procura a *luz*!—

E conservou-se merencoreo e placido,
Como o rochedo que a natura ergueu.
Depois moveu-se, e no sobpé d'um tumulo
Curvou a fronte, e a meditar volveu.

N'um campanario de ermidinha proxima,
Resôa um golpe que faz ecco alem;
E da sineta as vibrações argenteas,
Dizem que o dia já rompendo vem.

Fixando attento, d'um jazigo o marmore,
Vi desfraldar como que um duro açoite!
Cheguei mais perto, e adejou leve e rapida,
Ave agoureira, que só ama a noite.

Alevantou-se fustigando, rispida,
Co' a aza estalante, os arraiaes da morte!
Rodeou, ligeira, aquella estancia horrifica,
Onde se apaga a estrella má da sorte!

Sumiu-se emfim; mas um suspiro tremulo
Quebrou a paz da cyprestal soïdão!...
Era um rapaz, que debulhado em lagrimas
E em choro amargo, osculejava o chão.

Dizia o triste, na afflicção vulcanica,
Que lhe rasgava o generoso peito,
Emquanto os olhos procuravam, ávidos,
A eterna paz, no derradeiro leito:

—«Terra que guardas no teu seio frígido
A humanidade que aqui vem cahir,
Abre o teu ventre a esta materia mórbida,
Velei já muito, quero emfim dormir!

Todos têm mãe, eu nunca a vi... a misera
Talvêz, quem sabe?... durma aqui tambem...
Só Deus conhece as lanceadoras magoas,
Que pungem a alma dos que não têm mãe!

Hontem, um vento a semear blasphemias,
Sobre meus tectos a rugir passou!
Deixou-me entregue ao mundanoso estrepido,
E o bom trapeiro sobre o chão tombou!...

A vida é um sopro que nos leva, em ancias,
Aos labyrinthos d'um algar cruel!
Adeus ó mundo! sinto o corpo exanime,
Quebre-se a taça em que hei bebido fel!

Succumbo.... o alento já fraqueja, esvae-se-me!
Velho, onde estás?—quero dormir comtigo!
Abre-me, ó gleba, a derradeira estancia....
Não tenho mãe!—dá-me o teu seio amigo!»

* * *

Cahiu... batendo com a fronte pallida,
Sobre uns montões de revolvido pó:
E ao som d'um hymno entre mundano e célico
Ficou tranquillo, acabrunhado e só.

Era um concerto virginal, suavíssimo,
Tão cadenciado como nunca ouvi,
Que muitas aves modulavam, candidas,
N'um outeirinho que era juncto—ali.

Buscam do dia a claridade minima,
Qual nauta errante um seductor pharol,
E ver, na crista das cumiadas áridas,
Roxo vislumbre, nuncio bom do sól.

A essa luz frouxa, indo o coveiro, esquálido,
Abrir a valla, ouviu eccoar soluços!
E ao entranhar-se entre as dispersas lapides,
Viu Claudio Vaz a prantejar, de bruços.

* * *

Surgiu alfim, do luminoso circulo,
Esse astro amigo que dissipa orvalhos;
Lambeu, primeiro, os escalvados pincaros,
Subiu,—descendo aos collosaes carvalhos:

E quando no alto, busca em terra os barathros,
Onde penetra, detravéz das giéstas!
Remonta as nuvens, como a aguia as cupulas,
Desce ás voragens solitarias, méstas!

Descende agora, qual pastor dos cumulos,
Que viu nos prados o seu doce bem?
Busca ancioso, da carreira o término,
Para atufar-se n'esse mar de alem!

Já se esvaecem os seus raios fulgidos,
Como, de tarde, a delicada flor!
Já pelas sébes não gorgeiam passaros,
Como ainda ha pouco, da manhã no alvor.

Cahiu no occaso!... Nem um só revérbero
Na rocha erguida, se diffunde já.
De bronzeo sino, o resoar longinquo,
Que são Trindades, o signal nos dá.

Do cemiterio, os povoadores noctivagos,
Andam cumprindo o seu fadario atroz.
Á férrea porta d'essa estancia lugubre,
Ergueu, rouquenha, um sacerdote, a voz.

Seguem-n'o uns vultos vagarosos, tacitos,
Que põem noss' alma n'um profundo espanto!
O feio mocho, nas despidas arvores,
Ri de quem geme entre cachões de pranto!

Entrou na egreja o luctuoso séquito,
Parando em volta d'uns brandões de luz:
E o sacerdote, modulando uns canticos,
Empunha o hyssope e a immaculada cruz.

Breve do templo foi sahindo o féretro,
Entre os luseiros de lethal pavor!
Soergueu-se a lousa, e o corpo outr'ora martyre,
Desceu ao pouso onde se extingue a dor!

Cerrou-se a noite. Lá na campa gélida
Reina, de ha muito, um silenciar enorme;
E dos cyprestes gottejando, as lagrimas
Choram o velho que tranquillo dorme.

II

Leitor, matei o bom velho
Sem te consultar a ti!
Mas cahem muitos poetas,
No erro em que ora cahi.

Mas attende: era preciso
Transformar-lhe a carne em pó,
Para deixar o meu Claudio
Na terra, chorando, só.

Chorando, disse eu, chorando,
Verdade pela qual fico;
Contando dezaseis annos,
E estando—*pôdre de rico.*

Resistira á dor funesta,
O pupillo do trapeiro,
Devido tudo, aos cuidados
Do corajoso coveiro,

Que o vira no cemiterio
Transido de frio e medo,
E o conduzira p'ra casa
De noite, muito em segredo.

Vaes perguntar-me decerto,
E com razão, como foi
Parar a casa do velho,
O meu pequenino heróe;

Porque Innocencia, fugira
Levando Claudio comsigo,
E acceitára dos parentes
O agasalho sancto e amigo.

Pois bem! a triste enlouquece,
E solta em casa altos brados:

E os seus, fôram recolhel-a
Á casa dos alienados!

E o trapeiro, lembrando as intensões de Alfredo,
Sentiu dentro do craneo, as vibrações do medo,
E pôz-se a vigiar a porta da creança.
Que alma feita de amor! não dorme, não descança,
Vê-se constantemente, á baça luz da lua,
Cruzar, d'um lado a outro, a lamacenta rua,
Julgando, em cada vulto, um livido assassino
Que deseja empolgar o lindo pequenino!

Sente, por dentro d'alma, inspirações divinas!
Nada o faz recuar; encosta-se ás esquinas
Com medo de baquear! De quando emquando, mostra
Seu rosto á visinhança...
E quando o somno prostra
Aquelle corpo affeito aos tempos inclementes,
Pôe vedetas na rua! E as massas, indifferentes,
Deslisam por ali, batidas pelo frio,
Sem n'ellas reparar! Sómente, algum vadio,
Que altas horas da noite, horas chamadas mortas,
Tão só para roubar, anda apalpando as portas,
Olhava, desconfiado, as duas atalayas,

Julgando-as da *Secreta*, ou destemidos *faias*,
Que esperassem alguem, munidos de navalhas,
Companheiras fieis da escória dos canalhas!

Por denuncia talvez, ou só por méro acaso,
Foi preza da policia aquella estranha guarda,
Inconcussa fictando a pobre casa! A farda,
Era feita de ganga: as armas dois cacetes,
E os bonets policiaes, chamavam-se *barrêtes*.

Que pensas leitor amigo,
Que o meu trapeiro então fez?...
Pegou na alcofa e no gancho,
Foi gandaiar outra vez!...

Mas a policia, de resto,
Suspeita d'elle tambem,
E prende-o... como evital-o?...
Quem lhe ha-de valer? ninguem!

Porque rebentam os prantos
Dos olhos d'este ancião?

Que dor o punge, que magoa
Lhe ferve no coração?...

Chora a falta do innocente,
Com requintada amargura,
Onde via, a perspectiva,
De uma alegria futura.

Mas não se acobarda! Um dia,
Viu Claudio no patamar...
Pegou-lhe ao cóllo, e tremendo,
Fugiu... fugiu sem parar!

Quando entrou no seu casébre
Gritou, febril de transporte:
«Não tenho mãe para dar-te,
Mas vou salvar-te da morte!

Que venha agora, que venha
Teu pae—o tétrico aborto!
Primeiro que te assassine,
Ha-de um de nós cahir morto!»

Á noite, o meu velho sahiu do seu forno,
Levando a creança comsigo tambem;
E olhando, assustado, os casébres em torno,
Sumiu-se, e murmura: «Não passa ninguem...»

Já fóra do bairro, parou n'uma esquina;
Parece que hesita, que a andar não se atreve!
Cogita um momento, ao pequeno se inclina,
E erguendo-o nos braços, dizia: «E's tão leve...

Serás o meu filho, donosa creança...
Pois, se eu não possuo nem filhos nem netos,
Vou dar-te o meu nome... não chores, descança!»

E entrou n'uma loja de fatos completos.

* * *

Mais tarde, no campo, em deserto aprazivel,
N'um lindo palacio de antiga apparencia,
Morava...
—O trapeiro?
—Como, era possivel?...
—Então?!
—Era um velho que tinha *excellencia*.

Se acaso um mendigo cançado e faminto,
Erguia uma aldraba do annoso portão,
Achava lá dentro d'aquelle precinto,
Remedio ás suas magoas, e fallas de irmão.

E emtanto, a policia da grande cidade,
Andava á procura do velho trapeiro.
Em vão! pelos beccos topal-o quem ha-de?
. . . . . .

Que grandes prodigios opéra o dinheiro!

III

Claudio voltando a casa triste e afflicto
Co' a dor que n'alma soffre,
Achava o testamento e um manuscripto,
Dentro do mesmo cofre.

A letra era do velho, e o moço vendo aquillo,
Ficou sereno e mudo!

Mas apesar da letra e desusado estyllo,
Ahi vae o contheudo:

IV

«Entras ora na vida, anjo innocente,
E a vida é uma batalha!
Vaes em breve luctar co' a vil serpente
Chamada *Provação!*
Mas, para lhe fugir, lida e trabalha!
Esquiva-te á irrisão!

«Tu não conheces ainda os grandes rios,
Que vão desembocar no oceano enorme
Onde nos colhe o fado.
Não conheces a dor, a fome e os frios,
Leitos máos, onde o errante pária dorme
Um somno amargurado.

«Não sabes d'onde vêm as fundas magoas
Em turbilhões febris?...

Vêm no dorso irrequieto d'altas aguas,
D'um árido paiz
A que o mundo, em geral, chama *Destino!*
E assim como estas rasgam as montanhas,
Aquellas, dão-nos golpes nas entranhas
Co' a raiva do assassino!

«Eu morro convencido que ha uma estrella
Que influe sobre nós.
Lucta pois, e domina a força d'ella
No seu empenho atroz!

«Ninguem póde evitar um solavanco
Da caprichosa sorte,
Que desde o berço ao mais extremo arranco,
Arcamos com a morte.

«Tu que vaes encetar, alma innocente,
A tumultuosa via
Que conduz a um bordel immensuravel,
Aonde tripudía
Um mundo apodrecido e dissolvente,
Sê para os desgraçados bom e affavel.

«Quando fôres maior, e o mundo pôdre e gafo,
Te queira introduzir n'um lubrico festim,
Não lhe escutes a voz, que até seu mesmo bafo
Póde empestar-te o sangue, e dar-te a morte emfim.

«Quando o trabalho honrado, o companheiro antigo
Dos que viram a luz n'alguma choça nua
Te dér para viver, soccorre algum mendigo,
D'estes que a desventura impélle para a rua.

«Se vires uma creança acorrentada á fome,
Irrorando com pranto a lagem da calçada,
Antes que venha a morte e sobre o cóllo a tome,
Manda o conforto amigo á triste abandonada.

«Não deixes expirar nos braços da miseria,
Os pobres, condemnados
Á desgraça fatal que leva á sepultura!
Porque elles têm mais jus a serem consolados
Nas magoas que os retalham,
(Fabricadas, talvez pela brutal materia
Que vive no secreto arcano da impostura)
Do que o rico e feliz, que explora os que trabalham.

«Escuta pois agora: Eu, quando era creança
Como tu és tambem;
Eu tinha pae e mãe cheios de fé e esperança;
E tu não tens ninguem.

«N'essa risonha quadra, a candida velhinha
Em frente a todos nós,
Costumava entoar a antiga ladainha
Que herdára dos avós.

«De noite, ao pé do lume, era um prodigio ouvil-a
Milagres a contar!
E se um risinho nosso acaso ia feril-a,
Brandia a roca no ar.

«Porem, vendo gorar os maternaes exforços,
Ás prédicas deu fim.
Eu, de não a escutar nunca senti remorsos,
E hei-de morrer assim.

«Abracei outro crédo; e fiquei certo mesmo,
Que era de mais valor.

Elle, tinha por fim distribuir a esmo
O fraternal amor.

«Segue pois o meu trilho:

Eu quero que tu sejas
Leal, sincero, honesto e religioso até!
Mas não te has-de acolher aos tectos das egrejas,
Que esse refugio é bom para os que não têm fé!

«Practica sempre o bem: que o ente alheio ao crime,
Não precisa ajoelhar-se em frente ao velho Deus!
Ama este crédo só, que é sancto e que é sublime!
Não faças nunca o mal,—attende aos rogos meus!

«Se a morte não vier interromper meus sonhos,
Farei de ti, creança, o que eu não pude ser.
No estudo encontrarás paizes bons, risonhos,
E o mundo mais feliz, é o mundo do *saber!*»

V

No fim d'esta leitura,
Dizia Claudio em si:
«Que solidão tão dura,
Morro de dor aqui!

Oh! fez um crédo amigo
Para me dar, em vida,
E achou que no jazigo
Era a melhor guarida.»

E sahiu n'esse instante p'ra cidade,
Resolvido
A distribuir o bem;

Bradando, ainda tomado de saudade
E commovido:
«Ai! se eu tivesse mãe!...

Se eu a encontrasse agora,
Quanto feliz eu era...
Amava-a loucamente,
Fosse mulher ou féra!...

Todos têm mãe; todos gosam
Esse infinito prazer,
Só eu vagueio sósinho,
Minha divisa é soffrer.

A serra é mãe da saganha,
A veiga é mãe da verdura,
A rocha vem da montanha,
A magoa é mãe da tristura.

A terra é mãe dos viventes,
E do que apenas vegeta;
As aguas rompem do saibro,
Da haste nasce a violeta.

A urze brota das fragas,
Musgo e codeço tambem!

As féras nascem das féras,
Tudo no mundo tem mãe.

Os vermes nascem, da terra
No fomentar incessante;
O fructo nasce da planta,
Sae do granito o diamante.

Tudo tem mãe n'este mundo,
Só eu em vão a procuro!
Que amargurado presente,
Que desgraçado futuro!»

CANTO NONO

O PULPITO MODERNO

O PULPITO MODERNO

(A NAPOLEÃO DE VICTORIA)

I

Alguns annos depois, o pobre do engeitado
Não via já no cofre um unico vintem!
E não se exasperava. O seu constante brado
Era: «Que dor meu Deus! não ter nem pae nem mãe.»

E' n'esta occasião que tem começo a historia,
D'esta alma condemnada a horriveis provações.
De certo, meu leitor, que guardas na memoria
Que elle, estragára tudo envolto em podridões?

—Ficando só no mundo, o moço o que fazia?
—Practicava na rua o crédo do trapeiro;
Mas parte dos villões que á noite soccorria,
Fizeram-n'o cahir no ventre do atoleiro.

Retrocedamos pois: Algumas horas antes
De encontrar outro pae no velho serralheiro,
Estava o meu rapaz com uns párias repugnantes,
N'uma locanda vil, gritando em tom guerreiro:

«Que horrenda matança, que gritos que faina!
Que sangue vertido, meu Deus, em teu nome!
Que crimes, nas dobras da escura sotaina!
Que massa de gente morrendo de fome!

E tu Padre Eterno, rei velho, vês isto
Do throno de nuvens que dizem que tens?
O escarneo, os motejos que déram a Christo
No valle da amargura, com outros desdens!

Vês hoje espraiar-se a renhida peleja
Que varre, qual onda, teus filhos, ó Deus!
E affirmam ainda os agiotas da egreja,
Que habita um monarcha na altura dos céus!

Se existes, fulmina esses tigres devassos,
Que rasgam os peitos de excelsos heróes.
Desprende as algemas que pêam teus braços,
E vibra um tagante de estrellas e sóes!

Outr'ora, tu eras o pae do opprimido;
Qu'é d'elle esse amor que mandavas da altura?!
Se vias o sangue innocente, vertido,
O que é que fazias, ó rei da Escriptura?...

Punias o infame, sem ferro nem lança?
Mandaval-o errante dos mundos ao fim?
Poupavas-lhe o sangue!—signal de vingança!—
E davas-lhe o opprobrio que déste a Cain?!

Se vias um povo já velho e cançado,
Rojar-se nos vicios dos padres e reis,
Chamaval-o a contas ó gran magistrado,
E davas-lhe uns tractos pesados, crueis?

Se a todos pesavas na mesma balança,
Crescia-te em frente uma selva de réos!...
—*Qu'é d'elles os castos?* disseste; *Vingança!!*
Vingança, Deus grande, na côrte dos céus?!

Um Deus a vingar-se! A bondade infinita?
Um pae afogando seus filhos?... Que horror!!
Quem é d'entre os homens, que em ti acredita?
Quem é que ha-de amar-te, se és deus do Terror?!

Descreio do livro que chamam sagrado,
Só creio no riso da casta mulher!
Embora esse mundo no vicio atolado,
Me chame Luthéro, Zappata ou Voltaire.

Se é certa essa historia do grande volume,
Que fazes Jehovah, mytho velho da lenda?...
Porque não innundas com jorros de lume,
A terra maldicta onde ferve a contenda?

A força que tinhas qu'é d'ella, onde existe?
Nos céus, nas estrellas, na terra ou no mar?
No inferno incendido, que aos tempos resiste?
Na furia rugente dos ventos do ar?

No braço do clero que em vascas já langue
Ás margens da campa do atroz despotismo?
Nas mãos dos monarchas retintas em sangue?
Nas garras leoninas do alvar fanatismo?

Nos campos immensos da esphera celeste?
Na pyra que brilha dos astros no fim?
Na gramma rasteira que os prados reveste?
No ambiente suave d'um flóreo jardim?

No raio que estalla no espaço infinito?
No ronco estridente dos féros trovões?
Na serra altaneira com pés de granito?
Nos ventos da tarde que entôam canções?

Na rocha encravada n'um monte gigante?
Na brisa gemente, nas auras de Abril?
Dos mares revoltos na juba arrogante?
Na tampa dos mundos forrada de anil?

Se Deus é, de resto, o que os olhos abrangem,
Perdôa, então creio n'um deus previdente!
E as duvidas frias que as almas constrangem,
Prometto matal-as, tornando-me crente!

Eu amo a natura, que é cheia de encantos,
De donde rebentam mil fructos sublimes,
Mas fujo ao contacto leproso dos *sanctos*
Que lavam co' as missas as nodoas dos crimes.

Que venham as féras de baculo e mitra,
Calçando sandalias e usando bentinhos,
A hypocrita raça que em tudo se arbitra,
Formar barricadas em nossos caminhos!

Que venham bradando: «Se crês nas thearas
Não temas o inferno; se negas, baqueias!»
Que nós gritaremos com vozes bem claras:
«Á guerra sem tréguas! morrei centopeias!»

* * *

Existe um Deus no azul, ó rispidos tyrannos?
Elle é que vos impelle a trucidar um povo?!
Riscae o dictador dos codigos humanos,
Quando caduca um rei, aclama-se um rei novo!

Eu vejo perpassar nos trilhos do infinito,
Lá onde vós dizeis que habita essa chyméra,
A sombra do truão de marmore e granito,
De cujo nascimento é indefinita a éra.

Não diz em parte alguma o in-fólio *Biblia Sancta,*
Em que paiz nasceu, nem de que mãe surgiu.
Vós dizeis que a seus pés a natureza canta
Seus hymnos festivaes; mas, ella nunca o viu,

E então não póde amar um *ser* que não tem vulto,
Um rei desvastador, um despota sem pae,
Que fére a humanidade, e se conserva occulto
Nos paizes do luar, onde o mortal não vae.

Dizem que tem o olhar dos satyros antigos
E a tez murcha e bronzeada, assim como os devassos,
E conversa, do céu, com os Papas, seus amigos,
Atravéz da amplidão brumosa dos espaços;

E abordoado a um páo, demora nos escombros
Das ruinas do seu mundo a espionar os povos:
E lá de vez em-quando esparge alguns assombros,
Na fronte virginal dos trovadores novos.

Sabeis, novos Tirteus, por onde principia
Essa chyméra eterna, aos povos tão fatal?
S. Pedro é que inventou a desenfreada orgia
Em que Deus é Sultão, e em que germina o Mal.

Pedro, franqueia a porta aos que iam sempre á missa,
E dobravam a fronte ás purpuras reaes:
Azurraga o mendigo, e cospe na Justiça,
E condemna a virtude ás chammas infernaes.

Solta cynicamente horrendas gargalhadas,
Como as dava Falstaff,—o bebado truão!
Conspurca a virgindade, oscula as debochadas,
E manda um seixo duro a quem lhe pede um pão.

E o castellão dos céus, o velho Deus frascario,
Tracta paternalmente o seu antigo eunuco.
Deixa morrer á mingoa Homéro e Belizario,
E mata os liberaes a tiro de trabuco.

E o Vigario de Christo!—o chefe desprezivel
Da raça que ama a sombra e que se furta ao dia,
O caixeiro do Eterno!...—o celebre *infallivel*,
Tortura o desgraçado á luz da theologia!

O mendigo senil, que habita o Capitólio
Entre o rouco latim d'uns padres, uns cardeaes,
Diz que a moderna ideia é filha do petroleo,
E espectora desdens nas letras dos missaes.

Repasta-te villão, na crença visionaria,
E encurrala-a depois no ventre das Bastilhas!
Innocula-lhe n'alma a febre reaccionaria,
E arranca-lhe do lar as pudibundas filhas!

he 'o maldicto harem, raivosa centopeia,
›rre a predicar no centro das familias!
nçôa os canhões e 'stigmatisa a ideia,
ırosca-te depois, ao corpo das Servilias!

a co' a razão ás larvas dos monturos,
stitue a Verdade, a mãe dos opprimidos;
emessa á fogueira os martyres obscuros,
ibra excommunhões nos genios escolhidos,

: a nossa consciencia, ao ver que o mundo opprimes,
·de esbofetear, na hora da vingança,
a fronte banal, onde lourejam crimes,
nde o Mal se acantôa e o odio vil não cança! »

II

Chegando o meu bom Claudio
Do seu poemeto ao fim,
Eccoava um bravo altísono
Por todo o botequim.

Os seus amigos scepticos,
Sem crenças nem virtudes,
Convivas nos bordeis,
Fizeram mil saudes,
Ao zurzidor enérgico
Dos Papas e dos reis.

Ao vozear alchoolico,
Succedeu logo a paz;
Depois, bradaram trémulos:
«Ávante, Claudio Vaz!»

E os andrajosos párias,
Sinistros, embriagados,
Ouviram estes canticos,
Apenas esboçados:

III

Vêdes alem, no azul, o antigo carcereiro
Que guarda a casa a Deus? Sabeis o que o embustei

ergunta ao assassino e ao salteador de estrada?
—«Qu'importa o que lá vae!... deixaste contemplada
. egreja e seu pastor?
—Deixei.
—Pois entra, és sancto
; muito egual a mim!...»

. . . . . .

Mas Pedro é, no entretanto,
) verme legendario! esse coveiro immundo,
Que está de enxada erguida entre os umbraes do mundo!

* * *

Meus amigos, o céu—palacio das alturas,
Tem escriptos ha muito—está sem moradores!
Os sabios e os heróes descendo ás sepulturas,
Vão saciar a gula aos bichos roedores.

Do ser que se extinguiu, que resta n'este inferno,
Onde o crime se abraça ás arvores do Bem?
Alem do passamento, o repousar eterno;
Quem á lousa baixou, não lembra a mais ninguem.

Soturna condição... andar por invios trilhos,
Coberto de miseria, á chuva, ao sól e ao vento,

E por fim, receber da esposa e mais dos filhos,
Sobre a campa gelada o féro esquecimento.

Se Deus, fosse o Deus bom que nos descreve a historia
Em mil compendios máos, com phrazes triviaes,
Não deixara seccar as folhas da memoria
Aos orphãos da ventura, a quem matasse os paes.

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

No templo onde se diz que habíta o Poderoso,
Não ha mais do que um nome: o *nada* triste e só.
A immensa gloria eterna, esse inventado goso,
Resume-se na campa—é terra, cinza e pó.

De Deus nada mais ha do que uma sombra austéra!
O céu é um cahos immenso, uma leziria inculta!
Se um dia abrir a bocca a desmedida esphera,
Has-de-lhe ver a entranha, ó crença velha e estulta.

IV

Nós hemos de estrumar uma ceara ou horta
Quando a morte vier... Depois, que nos importa
Que um bicho ascoso e vil, nos diga d'entre o milho:
—«Escuta: eu fui teu pae: vejo-te em fim, meu filho!
Brotei d'um cemiterio enorme e purulento,
Se amas ainda teu pae, sou eu que o represento.
Não me conheces, não, mudou-me assim a morte...
Já te esqueceu talvez, eu era um velho forte,
De barba agrisalhada e braços musculosos!

Mas os vermes da campa, os infimos gulosos,
Enguliram-me a seiva, e fôram-n'a espalhando
N'um campo que um visinho andava então lavrando,
E entestava tambem co' a minha funda lousa!...
E' duro, francamente... E sabes uma cousa?...
Esse campo, depois, n'uma invernada lenta
Cobriu-se de ferran. De resto, uma jumenta
Do rico lavrador, veio pastar-me a essencia.
Que triste realidade! A minha consciencia
Imbuída n'um burro... eu quiz bradar-lhe: *Pára!*

Mas quando ella me ouviu, de ha muito se apossára.
Do que eu tive melhor durante a curta vida,
. . . . . .

E senti, na caveira, uma tontura pávida.

Outra desgraça ainda: A burra andava grávida
E deu á luz mais tarde um burro gordo e féro.
Como elle era galante! Havia um *quê,* sincero,
Dos olhos burricaes no limpido bogalho.
E a burra, sem gastar o minimo trabalho,
Viu-o fazer, do campo, immensas cortezias
Ás burras do lugar, que alem, nas serranias,
Coçavam o pescoço á casca dos pinheiros
Esguios, collossaes, e aos grandes castanheiros,
Que em vão erguem a côma á scismadora lua.

Pois se elle possuia a raça minha e tua,
Não havia de ter os gestos attrahentes
De nossos vis-avós, que emfim eram parentes,
Não sei se em linha recta ou linha recurvada,
Da raça dos Cains, cuja familia *honrada*
Tomou posse do mundo, e em vão se lhe arremessa
O dardo exterminante!—o seu furor não cessa!

Mas vamos terminar. Na pequenez mesquinha
Em que me vês agora, um pato, uma galinha,
Póde enxergar-me aqui; comer-me pouco monta,
Mas que serei depois? —reptil, bicho de conta?!

Ah! mas não te contei como passei de burro
A esta posição!...
N'um grande mar de enxurro,
Finou-se o jumentinho em ancias, afogado.

Deixou-me pena immensa o pobre desgraçado,
Que tinha na caveira uns dentes pequeninos.
. . . . . .
. . . . . .
Eu nasci-lhe por fim dos pôdres intestinos,»

V

E Claudio continuou: «Deixae fallar a egreja,
Que ella ha-de emmudecer!—a indignação troveja!
Tudo transmigra assim! Onde o homem pousa inerme,

Surge uma osga, um sapo, uma toupeira, um vermé,
Um lyrio, um jasmineiro, um cardo perfurante,
Um tortulho por fim!...
E o lubrico farçante
Que tortura a desgraça em nome de Jesus,
Que ama a noite soturna e que detesta a luz,
Vae no entanto dizendo ás ultimas camadas,
Que alem da sepultura ha risos de alvoradas,
E uma vida melhor, mais perfumada e calma...
Uma vida *sem corpo,* um gosto digno d'alma!

Não posso acreditar que uns restos combalidos,
Vão deliciar o olfacto aos anjos escolhidos
Do Deus imaginario, o Deus dos ignorantes,
Que inventaram na egreja os torpes maleantes
Que adoram simplesmente o deus—*Hypocrizia,*
E povoam o inferno... o inferno—*Sacristia.*

Como não pódem já queimar, na Inquisição,
O pae que lucta e cança a mourejar o pão
Dos filhos, que andam nús a tiritar com frio,
Atiram-lhe o desdem mais torpe e mais sombrio,
Que modula na terra a lingua mais canalha.
. . . . . .

E o triste, colhendo isto em vez da sancta esmola
Blasphema até dos céus e amaldiçôa a estóla.

Diz que Deus sendo bom como o declara o nome,
Aos filhos evitára o frio, a sêde e a fome;
Que o Nazareno emfim, nasceu como qualquer,
D'um ventre violado, um ventre de mulher
Que acceitou o varão que lhe parava á porta;
Que a crença divinal precisa de ser morta
Em frente á nova lei!...

E eu que o lastimo, e pènso
D'este mundo banal, no turbilhão immenso,
Hei-de bradar bem alto ás massas populares,
Que não vão assistir ás missas dos altares,
Nem creiam no latim dos lividos roupetas!

Vão antes escutar os cantos dos poetas,
Cheios de inspiração e amor sagrado e puro,
Essas almas de luar que lidam p'ra o futuro.

O' deuses do porvir, ó rouxinoes alados,
Mandae uma grilheta aos despotas sagrados

Que dizem que o peccado em toda a parte habita,
E torturam a carne á humanidade afflicta,
Em nome do vidente o nazareno, o Forte,
E nos vão arrancar, nos braços já da morte,
Algum peccado antigo ás visceras impuras,
Para o levar ao juiz das velhas escripturas,
Que se chamou Jehovah nos tempos de Moysés,
Que se evoca hoje ainda em cathedraes e Sés,
E vive revestido ahi de nomes varios,
Nas cabeças febris d'uns loucos visionarios
Que desprezam de irmãos a dor amarga e os prantos
Reunem-se no templo e beijam pés de sanctos,
Jejuam por variar, e torcem a Justiça,
Mas osculam a lage' em quanto que ouvem missa.

Trepae por vossa vez á arésta das montanhas,
Erguei aras de amor nas rochas de granito,
E prégae d'essa altura as coisas mais estranhas,
Cuspindo maldicções no velho do infinito.

Do céu—casa de Deus—amae o azul sublime!
Da terra—nossa mãe—os saborosos fructos!
Dos homens, detestae o que os irmãos opprime,
E assiste á humana dor com os olhos sempre enxutos!

Bradae-lhe a toda a hora: Hydras do Sancto officio,
Vós heis-de perecer com a velha theologia;
Que o povo que vos soffre as saturnaes de vicio,
O açoute empunhará do filho de Maria!

VI

Quando os filhos do Bem forem convictos
Que esta vida é na campa terminada,
Gritarão contra vós: «Morrei maldictos,
Filhos de Arbués, Loyola e Torquemada.

Accusastes Voltaire de impio, de ingrato,
Por ter grande talento e altiva ideia!
Deste' a fome a Gilbert sobre um grabato,
Matastes Galliléo n'uma cadeia.

Queimastes João Huss por ser gigante,
De Rousseau condemnastes a doutrina,
Atiraste' ao desterro o egregio Dante,
Trucidastes Chénier na guilhotina.

Não heis-de, como Agis na Grecia antiga,
Quebrar o amor fraterno que nos liga,
Que uma nação de heróes nunca se aparta.
Jámais nos desdareis o laço amigo,
Que os illotas morreram sem jazigo,
Nos desvios maninhos juncto a Sparta.

Na dura escravidão em que os prostraram
Os sedentos de sangue, é que exhalaram
O alento derradeiro da agonia.
O' leis de sangue e dor, filhas do inferno,
Dormi tranquillamente o somno eterno,
Não volteis a offuscar a luz do dia!

Ai, não, não despertaes do somno fundo,
Porque surgiu Lycurgo, e um novo mundo
Construiu, co' as leis sanctas da Egualdade!
Sopeando o alvedrio aos poderosos,
Levanta a escravidão;—e os desditosos
Viram surgir na Grecia a liberdade.

Mas tudo que no mundo avulta e cresce,
Ás injurias do tempo alfim perece,
Cançado de luctar em funda guerra!
A rocha ao seu furor nuta e desmaia,
E elle, olha sobranceiro o cedro e a faia,
Que se dobram de golpe sobre a terra.

Assim obras de Deus e da mão do homem,
Tocando o dia extremo, se consomem
Dando fundo nas sombras do passado.
Assim 'spira na egreja a luz sagrada,
Se o oleo se acabou de madrugada:
Assim fenece o choupo agigantado!

Assim cae Herculanum, cae Pompeia,
E Troia se mergulha em mar de areia,
Deixando no seu leito a ruina, o estrago!
Assim se esphacelou a impia Sodôma!
Assim se destruiu parte de Roma,
E Gomorrha acabou,—cahiu Carthago!

Tudo que nasce expira. O tempo escava
O rochedo, onde estoura a furia brava
Das aguas, no constante labutar.
Esmaga a choça humilde ao pegureiro,
Mosqueia a barba hirsuta do guerreiro
Que andou ao sol e ao vento a batalhar!

E assim como derriba os monumentos,
Atirando co' a cinza para os ventos,
Tambem despedaçou as leis sublimes!
Na tampa do sepulchro onde as fecharam,
Draco, o malvado, e outros que taes, gravaram
Leis de terror, tintas de sangue e crimes!

Emquanto houver taes leis, a iniquidade
Pesará sobre a afflicta humanidade,
Que se estorce nos braços da agonia.
Emquanto ella viver, chorae humanos,
Fugi da baba infame dos tyrannos,
Demandae outro sól e um novo dia..

Demandae outro sól em mundos vastos!
Íde estudar os mysteriosos fastos
Dos sertões, onde folga a natureza.
Vale mais acabar livre e sem ferros
Nas garras dos leões em broncos cerros,
Que nas mãos sanguinarias da realeza!

Morrer é um sonho bom que nos descança,
Morrer é esquecer tudo, é velha herança
Do misero mortal!
Pois busquemos um sitio onde se viva,
Que havemos de topar sempre um conviva,
No transito final.

No bosque espesso onde crepitam sustos,
Abraçados aos troncos dos arbustos,
Poderemos dar fim aos sacrificios.
E' mais doce o morrer abandonado,
N'um desvio dos homens ignorado,
Que na enxerga leprosa dos hospicios.

Na base da montanha, em fojo estreito,
E' melhor expirar, do que n'um leito
Tendo féras brutaes á cabeceira.
O sarcasmo cruel que abraça o mundo,
Exacerba o soffrer do moribundo,
Na sua hora solemne e derradeira.

Se acaso ao largo mar, por negra sina,
Se apagar para nós a luz divina,
Dormiremos na esteira do profundo.
Esse mar sem limite ha-de abraçar-nos,
Duas balas de ferro hão-de levar-nos
Onde as aguas dão fim, no ignoto fundo.

Teremos privilegio em tal jazigo,
Porque repousaremos ao abrigo
Dos grandes comilões do cemiterio.
Hão-de os peixes roer-nos a caveira
E os membros glaciaes... D'esta maneira,
Nosso fim ha-de ser... outro mysterio

Em toda a parte, irmãos, em mar ou terra,
Poderemos travar a extrema guerra
Com o arranco fatal da humana sorte.
Póde o mundo affirmar que existe o Eterno;
Póde a egreja enviar-nos para o inferno,
Que a viagem é curta alem da morte.

CANTO DECIMO

GARGALHADAS E PRANTOS

GARGALHADAS E PRANTOS

(A F. DE ASSIS BASTOS)

I

Vem declinando a tarde. Os bairros são desertos,
Como nos dias sanctos;
E sobre o mac-adam não passa, como á noite,
A grande multidão, que verga ao duro açoite
Dos amargados prantos.

E eu disse ardendo em fébre: «Ó lubrica cidade,
Qu'é d'elles, os teus párias?
Qu'é da gasta nobreza e o desgraçado povo?...
Entristece noss' alma, o aspecto feio e novo
Das ruas solitarias!

Onde tens, Messalina, o riso semi-franco
Dos tempos que lá vão?!
Qu'é d'ella a tua vida, o teu lidar constante?
Quem te prostrou, cidade! estás agonizante,
E aguardas o caixão?!...

Ruminas brandamente o derradeiro somno
Á franja d'um abysmo!
E's quasi no estertor; fugiu-te a luz do dia!
Já sentes, na pupila, a mão pesada e fria
Do atroz somnambulismo!

Gelou teu sangue fraco, o ambiente venenoso
De alcouces e de harens!
Roeu-te a seiva antiga, o aphrodisismo rubro!
Não negues imbecil, agora é que eu descubro
As pustulas que tens!

Tu és uma devassa! a tua carne branca
Ferveu nos tremedaes!
Eu leio o teu passado em largos movimentos:
Tu davas, prazenteira, aos párias violentos,
Banquetes sensuaes!

E sem córar jámais!... Teu rosto era immutavel
Como o das prostitutas:
Tinhas um rir do inferno; uns ademanes chulos!
Não amavas ninguem, davas uns guinchos fulos,
Nas peccadoras luctas!

E os devassos da noite, acobardados, torpes,
Iam comprar-te o *amor!*
Amavam-te a nudez, e as setinosas cômas;
A epiderme nitente, e as saltitantes pomas,
E uns *nadas* sem valor.

Amavam-te o olhar meigo, irritador, alvissimo
E a sobrancelha espessa;
Os hombros quasi nus p'ra modelar estatuas,
O gesto provocante, e outras mil coisas fatuas
Que punhas na cabeça...

E o mundo sensual vergando aos teus abraços,
Dormia um somno leve
Sobre as côlchas de seda arrendilhadas, frescas;
E tu com posições canalhas, vis, grutescas,
Attrahias-lhe o labio ao pé delgado e breve.

Depois... na embriaguez d'esse prazer selvagem,
Crescia-lhe a cobiça!...
Toldava-se-lhe a ideia... eil-o tremente e louco!...
O tornozelo, a perna, o joelho eram tão pouco...
E a coxa tão roliça...

O que lhe lembraria?... a carne assim porosa...
Depois, comtigo a sós...
Algum *ideal moderno*... algum secreto idylio...
.....
Foi esse mundo velho o mestre de *Bazilio*
.....
Por Eça de Queiroz.

* * *

E n'isto, vi ao longe um muro recrescente,
De povo agglomerado.
Sabeis quem o arrastava assim tão doidamente?
Um grande desgraçado.

Parei por minha vez e vi um cégo, velho,
Semi-descalço e roto, a fronte calva e nua!
Trazia um saco enorme; o envilecido espelho
Da fome convulsiva, a lacrimar na rua.

guia, por seu mal, o passo calculado
um cão de pello hirsuto, ossudo e transparente!
ava uma colleira o bicho esfomeado,
qual prendera, o velho, um metro de corrente.

ı seguia-os de perto, a ideia fixa, immersa
um triste cogitar, parando a cada passo,
dizia em minh'alma: «O' raça vil, perversa,
corações de gelo, almas de ferro e de aço.

ɔupas essa dor que á mingua geme e dobra,
ıtregue a um cão faminto,—esse esqueleto andante!
ındo leproso e máo; espelha-te n'essa obra!
vasso inconsciente, infame e traficante.»

Parando, o velho faminto,
Sobre um poyal se assentou;
E o pobre cão, flor do instincto,
Sobre a lage se enroscou.

Depois, subiram a escada
Do palacete fidalgo,
Aquella mumia mirrhada,
E o arremêdo d'um galgo.

—Quem é?... talvez um mendigo!
—«Uma esmóla, por quem sois...
Só tenho um cão por amigo,
E a fome tortura os dois...»

Lá dentro, na grande sala
Que um luxo immenso decora,
Reinava o prazer e a gala,
E a fome estava cá fóra.

Para matar a malvada,
Que os punha em fundo tormento,
Mandaram-lhe uma *pedrada*
De pão, sujo e bolorento!

E o mendigo, ao dentar o seixo amargo e duro
Dizia: «Hoje esta côdea... a fome no futuro...
Que atroz presentimento o coração me opprime!
Já chegaria aqui a fama do meu crime?...

Tractam-me assim de resto, as gentes abastadas,
Desde que a fome atroz me vibra bofetadas
Na face descarnada...
E a morte, não soccorre

O mendigo infeliz, que em lagrimas percorre
A *via dolorosa!* Ah! se eu tivesse ainda
Dois olhos para ver... logo seria finda
A minha expiação!
Foi *ella*, a minha amante,
Que me pôz a gladiar com a fome, a leôa hiante,
Que nunca teve dó de estomagos vasios,
E vive associada aos desalmados frios,
Penetrantes, subtis, que gelam nas arterias,
O sangue onde jorrou a lava das miserias!»

Quer comer, mas em vão, que o desespero o embarga!
Esforça-se ainda mais, e apenas dizer póde:
«Meu Deus, meu Deus, meu Deus, como este pão amarga
Ai que ninguem me acóde...»

E eu disse, ao ver os dois entregues á afflicção,
Famintos a roer n'aquella pedra-pão:

«Desgraçado de quem passa
A gemer e a soluçar,
A vida, de praça em praça,
O pão negro a mendigar.

Desgraçado, o que da sorte
Se vê orphão, sem ninguem;
Infeliz quem sente a morte
Sem ter visto pae nem mãe;

Mas ninguem tão miserando
Como o velho proletario,
Que não colhe, mendigando,
Um oitavo do salario.»

Continuemos pois. O velho maltrapilho,
Deslisou rua abaixo em fundo soluçar.
«Meu Deus—murmura emfim—que amargurado trilho
Palmilha, quem não tem nem olhos p'ra chorar...»

Na dor que lhe invadia os penetraes do seio,
Tombou sobre a sinistra e caminhou alem;
E á porta d'um palacio avelhentado e feio,
Parou e foi bater, mas não o ouviu ninguem.

Franziu com desespero a tésta macilenta,
Ergueu á immensidade um vago olhar sem luz,
E rompeu n'uma voz angustiada e lenta,
Apertando nas mãos o lenho de Jesus:

II

«Senhor! tu foste o escolhido
Para dar um grande exemplo
Ao mundo já decadente,
Debochado e corrompido,
Vibrando o açoute candente
Sobre os agiotas do templo!

Sim... foste um heróe, meu Christo,
Inspirador de poemas,
E abolidor das algemas
Da paciente humanidade;
E' n'essa crença que existo!
Mas não creio em teus milagres,
Nem na tua divindade.

Creio que ergueste no mundo,
Do amor o primeiro grito,
E soffreste o escarneo fundo,
Do Escriba, torpe, maldicto,
Que déste o arranco supremo,
Cravado á lôbrega cruz;

Mas em que eu vacillo e tremo,
E fico indeciso, absorto,
O sabio, ó sabio Jesus,
E' que desses vida ao morto,
E ao cégo um jorro de luz.

Creio que ha nos Evangelhos
A mais salutar doutrina;
Mas escuta: os teus conselhos
São pura essencia divina?...

Tu és um assombro, é certo,
Gigante ao pé dos gigantes!
E andaste pelo deserto
Amostrando a flor dos prantos,
Unido ás tribus errantes.

No dizer dos *livros sanctos,*
Tiveste uma estranha origem:
Fazem-te vindo da entranha
D'uma mulher pura e virgem,
Cujos ovarios se movem,
Só por Deus a bafejar...
E, embora que me reprovem
Uma heresia tamanha,
Hei-de sempre duvidar.

Nós, cahindo no jazigo,
Dormimos um somno amigo,
Mas prohibidos de luz!
E tu, embora cravado
Nos braços longos da cruz,
Estás sempre alumiado.

Lá quando se escôa o dia,
E cae no occidente exangue,
E desce o veu negro, opaco,
Da noite, gelada e fria
Qual crime que jorra sangue,
Como a da tua agonia
Nas planuras do Calvario,
Vae o sacrista velhaco,
Despejar a almotolia
No teu velho lampadario.

E's mais feliz, que inda a aldeia
Te saúda, quando passa
No vestibulo da egreja,
Onde o padre negoceia
Com a crença e a desgraça;
Scena baixa, horrenda e feia,
Onde constante negreja
A ambição tenaz, devassa.

E o cançado Padre Eterno
Que sóem fazer teu pae,
Volta as costas a este inferno,
Sem ver o que por cá vae.

Oh que monarcha do mundo,
Que descuidado que elle é!
Tu ao menos, Nazareno,
Com esse olhar tão profundo,
Meigo, bondoso e sereno,
Remoças a nossa fé.

Mas o velho encanecido
Onde já fervilha a traça,
Que julgando-se offendido
Afogou a velha raça
Que fez de sopros e gleba,
Que respeito é que pretende,
Se a nossa carne descende
Do homem victima de Eva?...

. . . . . .

Aquelle que nos desperta
Nas furnas do coração,
Carta de femea gosada
Á qual já démos de mão!...

Lançae ás minhas ideias
Insultos como punhaes!
Vá pois! que o forjar cadeias,
E' próprio de canibaes!

Matae a deusa Equidade,
O' Neros de mitra e estóla!
Lançae fogo á liberdade,
Ruíde o templo da escóla!

Petróleo! nada de esgares!
Não trepideis!... vá por diante!
Fazei voar pelos ares
Tudo que é nobre e gigante!

Mandae queimar os hospicios,
Que fazem despeza larga:
Dae ouro e fitas aos vicios,
E aos pobres, uma descarga!

Para que serve a indigencia?...
Para flagello tão só?...
Em nome da *consciencia,*
Mandae redusil-a a pó!

Emquanto aspiraes effluvios
Que aromatisam as salas,
Hajam sanguentos diluvios!
Dae pasto ás lanças e ás ballas!

Se a miseria se não sóme,
Podeis resvalar no inferno;
Porque esta palavra *fome*,
Não é do crédo moderno.

Moderno é ter bons corceis
Das raças mais apuradas,
E tripudiar nos bordeis,
Com as rameiras gafadas!

Moderno é ter moradias
Onde haja riqueza a flux,
E entre as protervas orgias,
Fazel-as nadar em luz!

Moderno é trazer brilhantes,
Embora que sejam falsos;
Ter muitas... muitas amantes,
E escorraçar os descalços!

E' sedusir as mulheres,
As mansas pombas do lar,
E ao cabo de alguns prazeres,
Vendel-as ao lupanar!....»

III

Calou-se repentino, e suspendêra o passo,
Porque ouvira o *fiel* ganir em convulsões;
E brandindo o cajado, ameaçava o espaço,
Blasphemando dos céus, crispando maldicções:

«Que culpa terás tu dos erros meus de outr'ora?
Que crimes tens na vida? Oh dil-o por quem és!
Será por me guiar na treva densa, agora,
Que em vez de affagos mil só colhes pontapés?

Será....»
Não disse mais, que a tibia luz do dia,
Correu-se de escutar aquella dor selvagem!
E o cégo desgraçado em lances de agonia,
Vacilla no caminho, a tactear a lagem.

Entrou n'um boqueirão de aspecto feio, escuro,
Sem luz municipal e em giros importunos,
Que o bairro achara bom para fazer monturo,
E onde iam pernoitar os ébrios e os gatunos.

Latiu o cão faminto á porta d'um casébre
Que o cérdo engeitaria!... Horrendo lamaçal!
Alem da podridão corria um cheiro a fébre,
Como em quadra pestiva exhala um hospital!

Era horroroso aquillo! A casa estava nua.
E haviam-lhe entaipado as fréstas e as janellas;
E atravéz do telhado entrava a luz da lua,
Que fulgia no espaço entre milhões de estrellas.

E a sonhadora eterna, a fada dos amantes,
Occultava-se, atraz da nuvem que passava,
Scintillando uns clarões incertos, vacillantes,
Para não ver a dor que ao velho lancinava.

«Quem póde supportar tamanha desventura?
Disse eu de mim a mim, cruzando o estreito umbral.
Depois ergui a voz: «Achaste a sepultura
N'um velho paredeiro, aberto ao temporal?»

Elle, estava empregando o mais heroico exforço
Para soltar o cóllo ao companheiro,—o cão.
Correu-lhe em seguimento a mão por sobre o dorso
E disse: «Entra, quem és? vens-me trazer um pão?

Bemvindo sejas tu, que aborreces-te o orgulho,
E dás a saudação ao velho esfarrapado
Que o mundo arremessou á escória vil do entulho,
Como se faz a um cão suspeito de damnado.

Emquanto que a ventura ahi passa no basalto,
Eu vegeto amarrado á cruz do meu Calvario!
E essas hydras do mal, de frack e chapeu alto,
Dizem que ando a imitar o velho Belizario.»

E o rosto propendeu ao velho desditoso,
Como descae á tarde a flor que o sol feriu!...
E sahiu-lhe do peito um grito lastimoso!...
. . . . . .
Quem podéra saber o espinho que o pungiu!...

Passou a mão na fronte e, subitaneamente
Saúdou-me, e cambaleou qual ébrio na taberna.

Voltou-se ainda p'ra mim sorrindo amargamente,
E entrou n'um dos covis da sórdida caverna.

Seguiu-se-lhe um silencio inimitavel, fundo,
Tão fundo como a voz d'um tábido mysterio;
Que eu perguntei a mim se estava em pleno mundo,
Ou no ventre feral d'um grande cemiterio.

Quando o cégo voltou, bradei-lhe compungido:
«Socega pobre ancião, é enorme essa agonia;
Mas não viste na historia, em fome submergido,
Pacheco a mendigar o pão de cada dia?

Não ouviste Albuquerque, o Viso-rei do Oriente,
Já proximo a descer aos antros da materia,
Erguer com desespero aquella voz potente,
E dizer: «Morro em fim, nos braços da miséria!»

Eu vejo com a luz que tenho accesa n'alma,
A luz da consciencia, o meu fanal brilhante,
Um genio portuguez exposto ao frio e á calma,
Por entre os seus irmãos faminto e soluçante.

No rosto desmaiado a mil vae-vens affeito,
E crestado de andar nos campos da batalha,
Desenha-se o que vae no generoso peito,
Que serve de joguete á livida canalha.

Descubro ao lado d'elle um rosto abronzeado,
Que mostra no perfil a raça e a cor malaia,
Lançando o olhar faminto ao nobre empavonado,
Que passa a farejar o rasto d'uma saia.

Brilha no triste olhar do miserando escravo,
Escravo?... nunca mais; vivia em liberdade!
A humilhação fatal do sugador do favo
Da colmeia do mal,—o mundo, a sociedade.

Trepida no caminho, e enruga a escura fronte,
Como o nauta que assiste ao desdobrar da noite!
Levanta o olhar turbado á extrema do horisonte
E diz: «Senhor, já tenho onde um mortal se acoite.»

E o seu libertador, accelerando o passo,
Procura disfarçar o pranto que o inunda;
E o amigo, o Jau fiel, sempre a estender o braço,
E todos a fugir da sua roupa immunda.

Não sabes quem elle é meu pobre desgraçado?...
Vae-te amargar; bem sei, mas olha cégo, escuta:
Esse roto mendigo é um militar honrado,
Que volta do oriente ao ver já finda a lucta.

Em frente d'um pelouro a vomitar metralha,
Nunca ninguem o viu tremer nem recuar.
Viu expirar seu pae no campo da batalha,
E o sangue dos irmãos as gandras borrifar.

E sempre firme e ousado e grande e audacioso,
Erguendo pelos seus o braço rijo e forte,
O viram avançar como um leão raivoso,
Para o grande torneio onde *vicia* a morte.

E um rei que elle cuidou Mecenas verdadeiro,
Soltou-lhe uma risada ao vel-o esfarrapado!
E em lugar de attender ao historiador guerreiro,
Para a morte corria o moço desvairado.

Conhecia de ha muito o merito e as doutrinas
Da epopeia maior que exalta a fama Lusa;
E não córou de pejo, ao ver pelas esquinas
Mendigando o sustento, o genio bom da musa. »

O ULTIMO ACTO

(A MAMUEL JOAQUIM CARDOSO DA SILVA)

I

O cão estava ao fundo ennovelado a um canto,
Fictando-me um olhar de embaciada luz.
Servia-lhe de cama o esburacado manto,
Com que o amo cobria os hombros semi-nus.

Eu puz-me a examinar silenciosamente,
Á luz que me envolvia em mórbido palor,
O aspecto scismador do material vivente,
Que sabe o que é gosar e não maldiz a dor.

Que sente, como nós, as provações e o goso,
E tem dentro do peito um coração leal;
E ás vezes mostra bem ser mais escrupuloso,
Do que os reis que hão manchado a purpura real.

Que digére, paciente, os pontapés e a fome,
Para servir de guia ao pobre ancião faminto;
E partilha, serpo, a magoa que o consome,
Nos desvios fataes d'um vasto labyrintho.

E tu ó sociedade, ó infima devassa,
Nojenta Messalina!
Se o topas a dormir n'um becco ou n'uma praça,
Atiras-lhe estrichnina.

Vibras-lhe um pontapé, rameira depravada,
Quebrando-lhe uma perna,
Ou deitas-lhe ao pescoço a réde amaldiçoada,
Cleopatra moderna.

II

Volvido um mez, se tanto,
Fallei a Claudio Vaz;
E disse-me entre pranto
Aquelle bom rapaz:

«Não sabes meu amigo, o velho serralheiro
Desfez-se do existir.
Baixou tranquillamente ao pouso derradeiro,
Deixando-me a carpir.

Legou-me todo o haver. . . . O fado é caprichoso,
Semeia o mal e o bem.
Em quanto que eu vertia um pranto copioso,
Achei a minha mãe.

Quanto ella não soffreu! Fugira-lhe em creança
A estrella do prazer.
Bem disse o historiador: *No céu não morre a esp'rança!*
E nunca ha-de morrer.

Ha muito que eu a via
Andar de rua em rua,
Á luz do astro ingente,
E á meiga luz da lua.

Um dia, ao dar a esmola
Á martyre sem par,
Passava um pequenino,
E ouvi-a murmurar:

«Olha, vem cá menino,
Vaes a fugir de mim?...
Oh! deixa-me beijar-te,
Que eu tive um filho assim...»

Approximei-me d'ella
Cheio de dor e espanto,
E vi serpear-lhe o pranto
Na face triste e bella.

Vivia aquella alma
N'um vão de escada, esguio,
Onde no mez da calma
Pairava sempre o frio.

Quando relembra a historia,
Seu jubilo se esvae...
Povôam-lhe a memoria
Saudades de meu pae...

Jesus! que se eu podéra
Furtal-a á dor tenaz...
Meu pae...» —Teu pae quem era?
—Dizem que Alfredo Vaz!...»

Despedi-me do moço, e fui directamente
Á furna onde o mendigo a um morrer lento assiste:
Dei-lhe uns magros vintens, e o misero indigente,
Contou-me a soluçar uma legenda triste!

A ser verdade aquillo, o mundo fôra ingrato
Em lhe jogar á face escarneos e doéstos;
Que e sua confisão e o pallido retrato,
Faziam compungir os corações honestos.

Lembrei-lhe Claudio Vaz, onde elle encontraria
Quem lhe abrandasse, em parte, aquella magoa escura.
Mas elle, fez ouvir a gargalhada fria
Que nos estagna o sangue e é nuncia da loucura!

III

Era uma linda noite. Em frente a um palacete
Dos mais bem situados e elegantes,
Vozeava a multidão:
E os convidados p'ra *soiréé*-banquete,
Repleta de alegrias e prazeres,
Chegavam nas carroagens deslumbrantes,
Indo aspirar, walsando, o halito ás mulheres,
No explendido salão.

Cá fóra o populacho, interrogava as turbas
Com os olhos espantados;
Ao ver o perpassar das grandes sombras curbas,
Travéz dos cortinados.

Um bebado, no entanto, em cujo olhar sinistro
Brilhava um não sei quê do salteador de estrada,
Perguntou: «Quem se casa? um principe, um ministro,
Um Par, um conselheiro?...
E a bordalenga plebe extactica, embriagada,
Respondeu: «Nada d'isso! é Cláudio, o serralheiro!»

O magote afinal foi-se partindo em grupos,
Deixando ver ao longe as cambaleantes pernas;
Indo afogar a inveja entre febris apupos,
No vinho ungulhador das infimas tabernas.

* * *

Oito dias depois, foram dizer a Claudio
Antes de o sól raiar,
Que um velho semi-nu, vergado pelos annos,
O estava a procurar.

Quando voltou á porta o serviçal creado,
Viu aquelle ancião faminto e miserando,

Gritar desesperado
Contra a relé boçal que o vinha apedrejando.

Claudio chegando ali, bradou com dó profundo:
—*Respeitem os mendigos!...*
Não o torturem mais, que Deus envia ao mundo
Os premios e os castigos!!

E quando fez ouvir o limpido conselho,
Mostrava dor na voz.
—*Tenham dó do infeliz!... quem sabe se este velho*
É pae de algum de nós?!...

Houve um sussurro fundo; e todos se entr'olharam;
Depois... reinou socego.
Claudio chamára o velho, e os vis que o motejaram,
Sabiam que era cégo.

Subindo os dois, pararam
Na entrada d'um salão,
Cujos umbraes cruzaram
Guiados pelo cão.

Entrou a mãe!... Descóra
Na sua face o brilho,
E corre a Claudio! —«Filho

E' findo o meu penar!...
Esse é teu pae! Qu'importa
O seu desdem de outr'ora,
Se elle aqui vem agora
Para te abençoar?!...»

E o moço, transportado aos mundos do ideal,
Cingiu-o n'um terno abraço,—o amplexo filial!

E elle, como o ladrão que a voz de alarma escuta,
Arrancou d'um punhal, das vestes desmanchadas,
E com raiva entranhada e sanha ardente e bruta,
Atirou-lhe sem dor ferinas punhaladas!

Não vingaram porem, que o filho com denodo
Tirou-lhe a arma homicida
Dizendo a soluçar: «Meu pae, viva a seu modo,
Mas, poupe-nos a vida!

Eu tenho pão de mais, e volte a visitar-me!...
Não torne a mendigar,
Que tenho muita fé que inda ha-de abençoar-me,
E eu sei... sei perdoar!...»

E largou a chorar, beijando loucamente
A cariciosa mãe que reanimal-o vae.

INNOCENCIA

Resigna-te meu filho!... eu soffro horrivelmente!..

CLAUDIO

Triste resignação, quando isto vem d'um pae!»

Como é que elle chegara
A um desespero assim?
Comprando uma pistola
Quiz pôr á vida o fim;

Mas Deus susteu-lhe a vida!
Não quiz mover-se ao dó!
E o tiro do suicida,
Levou-lhe a vista... só.

IV

Quasi ao fechar da noite, uns aldeões tostados
Das calmas implacaveis,
Viram passar, na estrada, arfantes, extenuados,
Os dois inseparaveis.

Alfredo ía dizendo, emquanto que apalpava
Com o fiel cajado, o pedregoso trilho:
«E não o assassinei!!... Só isto me faltava!...
Casar-me d'esta idade, e abençoar um filho!...»

O rafeiro estacou; e um braço musculoso,
Qual garra de Jaguar que vae rasgar d'um salto
O ousado explorador que passa descuidoso,
No dorso lhe cahiu!... E o cégo bradou alto:
«Largue e deixe passar!...
—Não passarás, malvado,
Que mataste o Barão a golpes de navalha!
Morrerás como um cão!... Eu era o seu creado!
Fiquei para o vingar, bandido! Ahi tens, canalha!!»

Ouviu-se um bérro enorme! —o grito, de quem sente
O golpe derradeiro!
E o arrastar d'um corpo, interrompido a espaços,
Por um gemer convulso e os uivos do rafeiro.

Morreu como viveu. E' sina a que anda prezo
O rei da creação!... tudo se extingue assim!
Na vida a fome atroz e o mais glacial despreso!
Na morte... o companheiro o abandonou por fim!

* * *

O dia vem rompendo. Os olmos e os carvalhos
Começam a entornar os limpidos orvalhos,
No fêno dos montados.
E o sól, riso de Deus, com largos esplendores,

Alaga o monte e o valle, indo beijar das flores
Os callices dourados.

Suspiravam as auras nas ramagens;
E o poeta, inclinava-se ás voragens
Que fascinam os loucos, dando a morte!
E affirmando-se bem, viu lá no fundo,
Um corpo esphacelado e nauseabundo,
E disse dentro d'alma: «É lei, é sorte!...

Quem foi que despenhou n'essa garganta,
O que lá jaz embaixo?... Assusta e espanta,
A turba famulenta que o espedaça.
Larvas da podridão, saciae a fome;
Que a dor que desde o berço nos consome,
Affastou-se já d'elle co' a desgraça!

Já nada ha mais ali que um feixe de ossos
E uma carne pestenta: eis os destroços
Do coroado monarcha da natura!
Estalou-lhe da vida o orgão secreto!
Causa nojo e pavor!... E' o feio aspecto
Que havemos de mostrar na sepultura!

Todos hão-de morrer por sua escala.
Uns hão-de repousar na funda valla,
Outros, á luz do sól em campo aberto!